O Chão dos Mortos

EDUARDO CAMPOS

O Chão dos Mortos

R O M A N C E

Fortaleza
1964

Por que os pobres só terão
direito ao chão dos mortos?

Amanhã, clara e cheia de sol, penetrava na sala estreita da repartição. A prancheta de desenho, comprimida entre a parede e uma estante, atulhava-se de projetos. Havia canudos de todos os tamanhos ao pé dos móveis. Um termômetro – o bastãozinho de vidro, com o indicador de mercúrio, saltava da garrafa de refrigerante ("Faça uma pausa para refrescar-se! ... viva feliz!") – alcançava naquele instante a marca de vinte e nove graus. Fazia bastante calor. O tempo arrastava-se lento, abafado, desde as primeiras horas.

O homem que ali se encontrava abanando-se – chamava-se Francisco do Carmo – imaginou não estivesse a janela totalmente aberta. Ergueu a vista do papel reticulado, sentindo a cabeça zonza, e procurou descobrir se lhe andava certo o pensamento. A janela estava de vão livre, reparou, e de pronto o acudiu a lembrança de que o servente a abrira, por insistência sua, quando ali voltara para o segundo expediente.

Enquanto se abanava, deitou os olhos, outra vez, sobre o papel preso à prancheta. Devia ter-se acostumado ao seu trabalho – raciocinava – mas jamais pudera adaptar-se a rotina de uma repartição prejudicada pelos interesses da política. Há anos chegara ali, lotado no quadro

de desenhistas, esperando poder melhor planificar a construção de açudes que, assim, pudessem aliviar o Ceará das conseqüências desastrosas das grandes estiagens. Era uma maneira de prestar à sua terra aproveitável colaboração. Aos poucos, entretanto, foi-se convencendo de que em quase todos os projetos que lhe chegavam às mãos, para executar, havia sempre a marca do interesse particular. No início tentara opor-se a isso, com veemência, reagir altivo, mas depois, cansado pela inutilidade de seus esforços, acabou aceitando a subserviência burocrática como fato consumado. Lá uma ou outra vez, quando o projeto proposto feria gritantemente os direitos alheios – principalmente a sua dignidade de técnico – ele achava que devia resistir. E o que lhe sobrava disso? Amargura, muita tristeza e incompreensão, pois o açude não passava de uma moeda valiosa com a qual o governo comprava votos e fazia compensações em seus esquemas políticos.

Francisco do Carmo abana-se novamente: morde a ponta do lápis. Há dezoito anos está vinculado àquela sala. Ali aportara recém-saído de uma escola, tomado de amor e exaltação pelos problemas de sua terra. Lamenta apenas não ter encontrado quem lhe dissesse, com antecedência e lealdade, que a boa intenção não basta para levar ninguém ao céu ... nem para fazer proveitosos projetos de açudes.

Quantos proprietários de reservatórios não haviam desfilado diante de sua prancheta? Quantos não interpretaram a sua relutância em concluir o serviço como desejo de receber, por baixo da mesa, uma nota de mil cruzeiros? O último que ali estivera, há dias, tinha o ar acanhado de seminarista em sua primeira visita aos parentes. Ninguém poderia supor – e ele próprio surpreendeu-se que o homenzinho estivesse decidido a peitá-lo, propondo-lhe não

revelar a quem considerava “meus inimigos”, que o Catoré – era esse o nome do açude ainda em projeto – não prejudicaria as propriedades vizinhas. Parece escutá-lo, a voz mansa, vagarosa, escorregando-se para um fim determinado, mas safado:

– Não há de ser nada. Tudo agora só depende de você. Basta um tracinho curto... Todo mundo pensará que o açude é menor, que a água não vai mais adiante...

Então, bastava um traço curto! Que sociedade de homens era esta que procurava prejudicar os outros com tamanha sem-cerimônia? Um tracinho curto! Diante dessa linha, sob o calor que fazia, o projetista se detinha lutando consigo mesmo, revoltado. Não, não era homem para fazer a vontade de terceiros. Leu novamente o nome do açude: Catoré. Escrevera-o com ódio. Levantou-se. Foi à parede; com o anular estendido, em que se destacava a unha polida e bem cuidada, correu-o sobre o mapa do Estado, até fixá-lo em determinado lugar. Ali deveria acrescentar, de futuro, um ponto azul a representar um novo reservatório construído com vultoso prêmio do governo. Aquele açude – vê claramente em sua imaginação – não pode e não deve ser construído. Vai ser um desserviço à população...

Retorna ao seu lugar. Senta o corpo cansado no tamborete, e toca a mexer-se, vagarosamente, de um para outro lado, o lápis preso entre os dentes. Depois, imobilizando-se, contempla a folha de papel esticada pelos percevejos. Falta somente o traço curto, a demarcação da última cota da parede com o alcance teórico da represa. “Um traço mais curto”. Por causa dessas pequenas coisas é que tudo lhe saíra mal até hoje. Por não aceitar a imposição grosseira dos políticos perdera duas ou três promoções, enquanto os colegas, muito mais novos no serviço, elevavam-se à

posição de mais destaque. Vive emprensado entre quatro paredes, habitante de uma rua sem calçamento onde a água, no inverno, invade a sala da frente. Rosita, a esposa – e ele imagina-a, nesse momento à beira do fogão, desgastando-se nos afazeres domésticos – sempre o considerou um tolo. Bastava ver os outros colegas, dizia-lhe indignada, o Rubião, que principiara como seu vizinho na mesma rua, e de lá saíra para um apartamento na Duque de Caxias. A amiga, que lhe contara o progresso do colega, dera-lhe a informação de que ele comprara um refrigerador e andava de olho num carro dos pequenos; possuía uma alta-fidelidade, que era um estouro, máquina de encerar e até de lavar roupa. E ele? Que tinha? De que lhe valera a sua decantada virtude? Não receber propinas por baixo da prancheta?

Aperta o lápis com os dentes. O calor subiu, e isso o incomoda. Da rua sobe um vozerio indistinto. Levanta-se, menos por curiosidade do que para esquecer essas lembranças que o desagradam. Pela janela aberta descobre, embaixo na calçada, um vendedor de frutas. É um homenzinho mirrado que gesticula e fala sem parar. Numa e noutra mão exibe as frutas redondas, laranjas de um amarelo vivo que brilham à luz do sol. É livre, pensa Francisco do Carmo. Vende o que lhe pertence. Só ele não pode dispor com liberdade do que sabe fazer, porque os traços curtos que confere ao papel vegetal são sempre ditados pelas conveniências de interesses subalternos. Rosita não o entende. Está longe de compreender por que ele não sobe, não progride. A resposta está ali. Não pode vender-se por cédulas de mil cruzeiros. A sua mercadoria é diferente. Existe para servir e não para ser negociada.

Que tolo ele é! Leva a mão à testa suada. Acompanha com a vista os que passam lá embaixo na calçada. A impres-

são é que homens e mulheres estão magros e famintos. É mesmo verdade que o povo está subnutrido. Pobre Ceará! Somente quando existirem milhares de açudes, garantindo água e irrigação para as mais diversas culturas, poderão os homens desfrutar a fartura e o bem-estar. Serão, todos, então, gordos e sadios como as pessoas que aparecem nos anúncios de fortificantes.

Quem ligará, na repartição, para essas idéias? Como são chamadas as criaturas que se forram desses propósitos? Idealistas ou bestas?

Rosita parece continuar diante da prancheta, e ele distingue-a – as mãos nos quadris, meneando a cabeça num gesto vagaroso – a confessar-lhe sob o mesmo desdém:

– Chico, você não passa de um ingênuo. Completo!

Encolhe os ombros. Volta à prancheta. Outra vez o problema renascendo agudo, anfractuoso. Está na hora de fazer o traço que o homenzinho de rosto macilento exigira dele como única solução para a valorização de sua propriedade. Ah, aquele açude Catoré!

A porta abriu-se para dar passagem ao diretor.

– Então, concluiu o desenho?

Francisco do Carmo balançou a cabeça negativamente. Não se encorajava ir às explicações; era um incômodo defender os seus pontos de vista. Que o Dr. Roberto visse com seus próprios olhos em que altura andava o desenho.

A vista inquiridora do outro procurava – foi o que sentiu o desenhista – se o traço curto havia sido posto no papel. Era exatamente isso que despertara no chefe o interesse de voltar à sala repetidas vezes.

– Falta tão pouco e você não o terminou ainda!

– É verdade, seu diretor. Acontece que preciso delimitar a zona da represa.

– Tem algum defeito o projeto?

– Tem, sim senhor. Fatalmente esse açude vai prejudicar enorme área. – Com o dedo suado mostrou um detalhe no mapa. – Um terço das terras deste lado vai ficar debaixo d'água. É uma pena. – E como desejasse fazer uma revelação de máxima importância: – Acho que...

– Acho quê? – repetiu o outro.

O funcionário vacilou. Valeria a pena falar? Não iria perder o tempo, como das vezes anteriores? Seria conveniente contar ao Dr. Roberto que o projeto do Catoré não passava de um instrumento de destruição que alguém punha em ação contra os outros? O dono do Catoré poderia contentar-se com obra menor. E assim mesmo disporia de terras, com suficiência, para cutivá-las. O que se propunha com aquele projeto, em conivência com a política, causaria prejuízos incalculáveis às propriedades vizinhas.

– Vamos, fale.

– Acho que o projeto não devia ser aprovado pela repartição.

Francisco do Carmo, ele próprio, sentiu-se falso, como se tivesse dito uma pilhéria.

– Como é mesmo? – indagava o diretor.

– Bem, eu não entendo muito, mas é o que penso. O açude não deve ser construído. Se eu tivesse poder para tanto... – Estava confuso, já arrependido do que dissera. Por que meter-se com o diretor? Para que voltar a um assunto que não tinha apelação?

Dr. Roberto principiou a rir. Naquele riso Francisco do Carmo descobriu que o outro o estava considerando tolo; e achou-se, então, de repente, profundamente deslocado de suas intenções.

– Mas... – balbuciou.

– Desça. Você está voando muito alto. Aprenda a cumprir ordens. Funcionário Público é empregado do governo. Ganha para obedecer.

O desenhista teve vontade de dizer: do governo ou de ignorantes chefes políticos do interior? Mas recolheu-se, sentindo-se diminuir, sem ouvir o que lhe falava o chefe. Primeiro, decepcionava-se com o ar acumpliciado do Dr. Roberto. Depois, consigo próprio. De que valia tanta idéia bonita a respeito do próximo, do seu trabalho, se não tinha coragem para dizer a verdade? Qual a importância, portanto, de sua atitude contra aquele estado de coisas, se descobria não ter força nem decisão para convencer ou influir nas providências da repartição?

– O senhor me desculpe, Dr. Roberto. É que eu pensei... o senhor compreende. – Reunindo, num extraordinário esforço, o desejo e a pouca coragem que julgava ainda dominar, disse-lhe: – É um absurdo.

Falou sem se sentir. A voz, nem reparou, saíra-lhe oca, indecisa. Mas não se arrependia. Sabia que o seu pensamento estava correto. Quando chegasse em casa e contasse a cena que fizera, Rosita haveria de se mostrar contente.

– Vamos devagar, seu Francisco. Devagar. Não lhe compete discutir os planos da minha repartição. Sou eu o responsável por tudo que se faz aqui. – E com a voz trêmula, concluindo: – O senhor tem até o fim da tarde para terminar o projeto. Passe bem.

Retirou-se, altivo. Pisava duro, batendo forte com o salto dos sapatos. Longe, ainda, ressoavam-lhe os passos da maneira de quando procurava impor-se pela arrogância.

Francisco do Carmo, atarantado, não sabia o que fazer no meio da sala, sentindo-se desamparado. O mapa do Ceará continuava à sua frente com todos aqueles pontinhos azuis que assinalavam açudes construídos. Quantos reservatórios, pensava, não haviam sido feitos à custa da insídia, da má fé? Quantos não existiam apenas sob aquele ponto azul, apesar de a repartição ter pago gordos prê-

mios aos seus proprietários? Poderia declinar o numero exato de projetos que lhe haviam tirado da prancheta, passando à de outros, na intenção de mostrarem que pouco valia a sua resistência ao erro. Aqueles seus pruridos morais... Esta prática desonesta, sentia agora, um dia acabaria por amaciá-lo. Quem sabe se não era o que desejavam preterindo-lhe as ambições, deixando-o sem direito a promoções? Um dia, caso não se amolde ao espírito e normas de serviço da repartição, será jogado a uma sala qualquer, sem oportunidade para progredir, embora soubessem todos até onde chegava a sua habilidade como desenhista. Mas, de que lhe valiam os recursos técnicos? As boas intenções morais? A sua geração, desabrochada depois de um conflito internacional, parece não ambicionar o triunfo limpo. O exemplo da corrupção, afrouxando condições, dando vantagens aos protegidos do governo e da política, tomava aos bem intencionados as oportunidades de êxito e de competição.

Levantou-se. Foi outra vez à janela. Queria ver a rua. O vendedor de frutas mantinha-se na calçada, negociando. Considerou-o feliz, cheio de inveja. Não sabia talvez o nome do governador do Estado, nem que existiam homens interessados em prejudicar os outros em nome da política municipal, e ia levando a sua existência como se nada o pudesse atropelar. Aquele homem a vender frutas – pensa Francisco do Carmo – não sabe avaliar o mal que lhe cresce perto. Nisso, o desenhista sentiu que havia um equívoco. Feliz, reparou em seguida, era o governo que se salvava pela ignorância do povo desassistido e analfabeto. Se houvesse mais escolas o governador do Ceará não teria coragem de aprovar açudes como o Catoré.

E ele? Quem era ele, afinal? Herói ou covarde? Por que não reunia o seu entusiasmo, a sua coragem, para

tomar uma atitude de homem? A política precisava de homens como ele, forrado de boas intenções. Um dia, e o Doutor Roberto talvez se arrependesse do que lhe dissera, as coisas não correriam dessa forma... Quase todos grandes homens vieram do nada; eram moços pobres, e se fizeram importantes graças aos estudos e ao interesse de melhor servir. Um dia, quem sabe, um dia!...

Fechou a janela, o coração oprimido por uma tristeza que só passaria se, de repente, o tirassem dali, mandando-o para outro emprego. Sentou-se a um banco, deitou a vista ao papel branco fixado pelos percevejos. Sentia-se também preso à repartição, aos homens do governo, aos clientes daquela casa, por milhares de percevejos. Quase toda a sua existência estava sob cravos que o maltratavam.

Apanhou o lápis, a extremidade dilacerada. Viu diante de seus olhos o contorno do Catoré, a sua forma de ameba, indecisa e ondulante, a assinalar os níveis da água. Só faltava o diabo do traço curto! Uma linha apenas! Não, uma linha comum que lhe propunham fazer, mas que trazia a marca da fraude. Percebia que teria de ser assim para ninguém descobrir o grau de periculosidade que a obra escondia. Qual seria o preço dessa indignidade? Que chefete político haveria de passar-se para a situação? Quantos votos reforçariam a eleição do governador para senador?

Voltou os olhos pela décima vez para a folha de papel vegetal. O lápis, indeciso, prende-se à sua mão vacilante. Rosita – julgou vê-la ao seu lado, as mãos descansando nos quadris, a lhe dizer "Você é muito ingênuo, meu filho! – há mais de dois meses demonstrara-lhe o desejo de possuir um relógio de pulso... Talvez fosse mais fácil escorregar a mão por baixo da prancheta, recolher a cédula de mil cruzeiros.

Volta a mover-se no banco, vacilante, nervoso. Um suor pegajoso escorrega-lhe da testa, pinga sobre o papel. E ele repara o líquido que lhe parece viscoso a deslizar lento, seguindo a inclinação da mesa de trabalho. Com o punho da camisa intercepta-lhe a marcha.

Naquele gesto descobre que é preciso também interceptar os seus impulsos. Não pode continuar a vida inteira incidindo nos mesmos erros.

De repente os seus olhos descobrem a lâmina de barbear que, dentro da sala, esquecida sobre a mesa, adquire estranho brilho. Trouxera-a para apontar o lápis, mas está pensando em utilizá-la agora de outra forma. Num momento, talvez receando arrepender-se, apanhou-a. Nem percebeu que se machucava. Não poderia dizer, depois, se pensou exatamente no que ia fazer, mas o fato é que, sem ligar para a dor, passou-a de propósito sobre os dedos que deveriam firmar o lápis para o ignóbil traço. o sangue aflorou na carne entreaberta e sangüínea como um botão de rosa.

Instintivamente, largou a "gillette" para socorrer-se. Era aquilo um ato de covardia? Que haveriam de pensar, no outro dia, os demais funcionários, os seus amigos, a mulher? Bem que procurara de todas as maneiras fugir àquela rotina de submissão, e tudo fora inútil. Nesse instante, envolto numa neblina, havia muita coisa dentro de sua cabeça que estalava, dolorida: a mulher achando-o ingênuo e sem capacidade de reação, o chefe querendo dobrá-lo como se ele fosse um pária, e Rubião, feliz, entre uma fumaça e outra do cigarro ouvindo "A Noite de Meu Bem", na alta-fidelidade, todo o volume aberto, para que a vizinhança inteira tomasse conhecimento de sua prosperidade.

Impaciente, ficou esperando que o diretor retornasse à sala e lhe perguntasse se já aprontara o projeto.

DR. ROBERTO sentou-se na cadeira, abruptamente. Estava azoado, via-se logo, e o seu gesto foi suficiente para alertar os subordinados de que ele se contrariara. E todos o imaginaram assim por conta do projeto de algum açude. Cada qual cuidou de trabalhar, acertar o serviço, para evitar aborrecimentos. Puseram-se quietos em seus lugares. D. Sinhazinha, a datilógrafa, retornou a bater as teclas da máquina, tão de leve, que estas se embaralhavam a todo instante. O secretário, que se chamava Milton e viera ter ali encaminhado sob o prestígio do pai, que era deputado situacionista, fingia corrigir alguns documentos que lhe entulhavam a mesa, mas os olhos, por trás dos óculos escuros, punham-se no rosto contraído do chefe. Como das vezes anteriores, aguardava que o chamasse para escutar as razões do contratempo evidente. Por exclusão ia eliminando os possíveis motivos que o teriam enraivecido. Seria a causa da nota dos jornais, que o criticara por ter mandado o carro da repartição ao mercado fazer compras para a sua casa? Não, talvez não fosse isso. Poderia pensar na transferência de D. Maneta, chefe de seção... Não, positivamente não era por isso. Talvez...

– Seu Milton!

O rapaz levantou-se ágil. Largou os processos que fingia ler e, pressuroso, acorreu à carteira do Dr. Roberto. Este, de rosto contraído, dirigia-se à datilógrafa com azedume:

– D. Sinhazinha, por favor, saia. Quando precisar de seus serviços, mandarei chamá-la.

Correu apenas um instante, enquanto a porta da sala se abriu e deixava passar a moça. Milton já se sentara, atento. Sabia que o diretor gostava de falar, de pé, gesticulando, andando de um para o outro lado da sala. Enquanto o via caminhar lento, as mãos postas para trás, os olhos

brilhantes, dilatados, antes de ferir o assunto que o preocupava tentava arrumar os seus pensamentos, adivinhar o que se passara. Afundava-se nessas reflexões quando o Dr. Roberto principiou a falar, sem jeito, claudicante, como se não soubesse chegar ao assunto.

– Você se lembra daquele velhote que esteve aqui, no mês passado, com um cartão do governador?

– O que se irritou porque não o atendemos com presteza?

– Não, não, não! É o que queria que lhe projetássemos um açude, imediatamente, como se fossemos empregados dele.

Milton lembrou-se. Revia o homem; era um sertanejo magro, macilento, que viera apresentar-se com um cartão do governador.

– Agora, sei. Um sujeitinho paulificante. Levou o tempo todo a arrotar prestígio.

– Este! Não podia ser diferente. – Bateu com a mão na mesa. – Queria, e o governador o recomendou a mim, um desses projetos... Você me compreende.

– Por sinal, eu acho que o projeto que está na prancheta de filósofo. – Era assim que tratava o desenhista, antipatizado pelas discussões a respeito de suas convicções morais.

– Exatamente. – E explicando, como se tentasse uma desculpa. – Aquele Francisco do Carmo, todo mundo sabe que é metido a sério, mas no fundo não passa de um besta. Não tinha mais o que fazer, deu agora para entravar o projeto. Vá ver que é a lua cheia, e ele está sob a influência dela. Não compreende o prestígio, a força dos políticos!

Milton exagerava na admiração:

– Não é uma ordem do governador?! Que tem um mero projetista de se meter em negócios que não são de sua decisão?

– Isso! Mas fica bancando o santo, o virtuoso! É mania dele. O idiota não compreende que deve dispensar aos projetos políticos um tratamento especial, cobrir a nossa retaguarda para evitar uma comissão de inquérito que, de futuro, venha examinar o nosso trabalho. Veja só, emburra e não quer riscar o projeto.

– Com um pouco de paciência dá-se um jeito.

– Bom, eu sei. – E adotando um tom confidencial: – Na verdade o tal projeto envolve umas tantas complicações. Aquele coronel sertanejo é um sabidão. Quer mesmo o açude para algum plano desonesto. Ninguém me tira isso da cabeça. Mas, que vou fazer? São métodos da política de hoje. Dr. Getúlio acabou com o cangaço, como se o cangaço respondesse pelo atraso do sertão. Mas qual! Há coisas muito piores!

Foi à janela. Olhou para a rua. Depois, voltando-se para o subordinado, a esfregar as mãos, impaciente:

– Desde ontem que estou pensando ir avistar-me com o governador para tratar desse problema.

Houve um silêncio. De repente, como se tivesse havido uma combinação, várias máquinas de escrever principiaram a trabalhar. Milton saiu de seu lugar e se aproximando do diretor, disse:

– Se eu fosse o senhor não incomodaria o governador por tão pouco.

Dr. Roberto parou de esfregar as mãos. O seu rosto estava a nível com o calendário da imobiliária. Uma mulher, de seios fartos, estimulava-os desde o começo do ano a comprarem um lote de terra do aprazível Sítio Bom Futuro. O rapaz podia ler sob a linha dos olhos do diretor: "Não se aborreça no trabalho. A vida deve ser desfrutada com poesia e amor. O ar que se respira aqui dá novo alento ao espírito atribulado. Venha, não deixe para amanhã a

sua decisão, que será a mais importante decisão de sua vida...” Teve vontade de sugerir ao Dr. Roberto que mudasse de vida. Melhor seria enterrar aquelas preocupações e comprar um lote do Sítio Bom Futuro, mandando às favas os matutos, os coronéis, os projetistas da marca do Francisco do Carmo. Mas arriscou, tímido:

– Ninguém tem prejuízo com os erros públicos, doutor. Não precisa se impressionar tanto. O governo, no fim de contas, tem sempre meios para indenizar as partes. Isso é Brasil. É tocar o negócio para a frente.

Roberto encarou o rapaz. Vinha-o observando, sentindo-lhe o desembaraço. Até que afinal encontrara um moço expedito para servir em seu gabinete. Precisava de quem o ajudasse. Não podia, sozinho, arcar com as responsabilidades de uma repartição que fervilhava de problemas.

– Sabe? Você é que está com a razão. O governo que se arrume. Vou deixar as minhas preocupações para quando o problema for meu.

– Mas é isso, doutor! É preciso separar as coisas. Do jeito que o senhor vai, acaba louco.

– Isso mesmo. Louco! Louco e ninguém me dá as atenções devidas. Só querem açudes, açudes! Ninguém quer saber das minhas dificuldades. O negócio é convencer o projetista. O governo, no caso de haver prejuízo, reparará os danos. – Levantou-se rápido. Atravessou o vão da porta, afundou-se na sala vizinha onde o vozerio que se ensaiava, de repente, amainou. Passou por todos, ausente, diferente em seu modo de tratar os funcionários, pois gostava de ir, sala por sala, mantendo contatos diretos. Desta vez – e foi o que todos observaram – não queria parar, tal a preocupação que havia nele.

Quando empurrou a porta de vaivém, achou-se a dois metros de um par de olhos pensativos e frios. Francisco do

Carmo sustentava aquele olhar enquanto balanceava, para consigo mesmo, as conseqüências de um simples traço na vida de um homem. Nem viu quando o diretor chegou à sala e postou-se, decidido, diante dele, encarando-o. Na fração de tempo, que escorregou lento, o Dr. Roberto reparou, mas sem atenção, nos dedos avermelhados do funcionário, e os imaginou manchados de tinta. Sobre a planta, que continuava esticada na prancheta, descobriu um fio rubro que, lento e caprichoso, ia descendo pelo declive da mesa, de tal maneira assim posto que se assemelhava, no mapa, a um córrego.

– O projeto, homem dormente! – gritou-lhe, sem se aperceber ainda do que na realidade ocorrera. Avançou para a prancheta. A idéia era salvar o desenho, agora que tinha um plano para aliviar-se de suas contrariedades. – Depressa, homem, uma toalha!

Como ninguém o atendesse e Francisco do Carmo continuasse absorto, ele mesmo correu ao lavatório mais próximo, e de lá desandou com uma toalha. Teve que afastar as mãos do desenhista para um lado e principiou a limpar o que julgava ter sido um pouco de tinta negligentemente entornada sobre o trabalho.

De repente, tomado de surpresa, parou de enxugar o papel. Foi quando descobriu, quase a um só tempo, a "gillette" e o corte na mão do funcionário.

– E isso? O que foi?

O olhar do subordinado continuava distante, como se não fizesse parte de seus olhos. Depois, veio vindo, como se o desenhista agora precisasse dele para ouvir a pergunta que lhe era feita em tom enérgico:

– Que foi isso?

– Hem?

– Que foi?

E ele, numa declaração simples que ao outro pareceu cínica:

– Uma solução. A única.

Dr. Roberto sentiu nojo. Estava com as mãos tintas de sangue. Abandonou a idéia de limpar o papel, de salvar o desenho. Começou a cuidar de si próprio, na tentativa de subtrair-se àquele contato que o mantinha ligado ao outro, comprometendo-o. Não era Somente estúpido o seu funcionário, mas um louco! Talvez fosse preciso requerer-lhe um exame de sanidade mental.

– O senhor me desculpe – principiou a balbuciar o desenhista – eu... eu não pensei prejudicar o trabalho... eu...

– Um absurdo, seu idiota! O que vou dizer quando o coronel chegar? Hem? Vou contar que você cortou os dedos, decepou a mão para não fazer o desenho? E se um repórter da oposição souber dessa palhaçada? Você precisa ter juízo, Chico do Carmo! Juízo! É por isso que os outros sobem e você cresce para baixo como rabo de cavalo.

Francisco do Carmo não sabia o que dizer. Amparava a mão enferma, mas o sangue ainda pingava sobre a mesa e desta para o chão encerado.

– Sabe, doutor – começou a falar com humildade – diga que eu me cortei a propósito... Era o único meio que eu tinha para não fazer uma desonestidade tão repelente.

– Que idéia, homem! Que idéia!

– O senhor não pode compreender.

– Posso, muito mais do que você imagina. Que lhe custava pôr um traço menor na porqueira desse projeto? Responda? Você pensa que salvou o Ceará, que regenerou o país? Ora, seu Chico, isso tudo é criancice sua! O que você acaba de fazer não tem classificação. – Safou-se do sangue, enojado, com vontade de cuspir, e rubro de raiva continuou:

– Sabe o que vai acontecer? O projeto será concluído por outro. Entrego-o ainda hoje ao Macário.

– Já havia pensado nisso.

– E então? Se ia ser assim, por que não o fez logo? Adianta revoltar-se? Então, você pensa que também não tenho escrúpulos, que aceito essas coisas sem relutância? Aprenda a viver, seu Chico! Não adianta oferecer resistência. A onda desse mar é forte demais. Acima de mim e do senhor há outros chefes. Não adianta querer remar contra a maré.

– Mas não devia ser assim. Não me pergunte por que, doutor, que não sei explicar. Mas não devia.

– Se você fosse mais inteligente veria que já perdeu excelentes oportunidades de subir na repartição. Qual é a sua referência? Qual a de Rubião? Veja a diferença de ambas, homem.

– Dr. Roberto, sinto muito... mas não posso concordar. Há diferença, eu sei, mas estas não valem para a repartição. São as de consciência.

– Consciência! Isso lá é maneira de interpretar os fatos! – Vendo-o pálido, como se estivesse a ponto de perder os sentidos: – Olhe, por favor não vá desmaiar aqui. Chega de cena. Isso também já passa da conta.

– Sabe de uma coisa, doutor, eu já fiz, não há outro jeito. Me suspenda, me bote para fora, faça o que o senhor achar melhor – decidiu-se Francisco do Carmo.

– Suspender?! Botar pra fora?!

Milton chegou à porta. Primeiro viu o Dr. Roberto, depois, guiando-se pela vista deste, reparou no desenhista, nas suas mãos manchadas. Não imaginou tivesse ocorrido um acidente. Firmou-se no seu raciocínio a idéia de que se entornara um tinteiro sobre o projeto do Catoré, prejudicando-o.

Foi por isso que não pôde conter uma expressão de desagrado e raiva, certo de que a sugestão que fizera ao Dr. Roberto não mais prevaleceria. Sempre aquele estúpido do Francisco do Carmo, como um macaco em casa de louça, punha tudo a estragar! Ia sair para chamar um servente que o auxiliasse, quando se apercebeu do que realmente ali ocorrera. E sem saber por que se compadecia daquele homem que atônito não sabia mais o que dizer para justificar-se, elevou a voz, em atropelo:

– Depressa, D. Sinhazinha, a maleta de socorro-urgente!

ROSITA, na cozinha, preparava o jantar. Viu quando Francisco do Carmo chegou e esperou que ele fosse até onde ela estava, como o fazia sempre. Mas ao contrário, ouviu-o depois trocar de roupa no quarto de vestir. É estranho – pensou. Fechou a torneira que escorria sobre a caçarola servida, a fim de escutar melhor. Pelo rangido da cama compreendeu que ele se sentara; descalçava-se. Reabriu a torneira. Ia a concluir o asseio da caçarola, quando viu Francisco do Carmo atravessar o corredor metendo-se no banheiro. Então pensou: está apoquentado com algum problema. Vá ver que é algum projeto de açude, encrencado. Que vida!

Como faltasse preparar apenas a frigideira, estrelar os ovos, ela afundou-se no corredor em procura... de quê? Nem ela mesma sabia. Talvez desejasse desfazer em seu espírito a impressão de que algo mais grave acontecera ao marido. Parou diante da porta do banheiro, escutou o ruído da torneira despejando água sobre ele que se lavava sem pressa.

– Tudo bem, meu amor? – perguntou.

A resposta veio de lá, abafada, sem vontade, escapando pelas frinchas da porta. Rosita lamentou que fossem tão estreitas. Mais largas e ela poderia vigiar o que se passava no interior do compartimento.

– Hem?

– Tudo bem. Depois eu conto.

– Depois conta o quê?

– Ora, minha filha... Deixe-me em paz! Quero tomar meu banho.

– Houve alguma coisa na repartição? – insistiu ela.

Ele esteve a ponto de confirmar, mas mudou de idéia. Rosita já tornava:

– Fale, homem.

– Não houve nada. Depois eu conto, já disse.

Não falou mais. Francisco do Carmo pressentiu-lhe os passos levando-a para a cozinha. Mais que depressa, envolveu os dedos com esparadrapo. O sangue estancara. Havia apenas o ardor do talho aberto pela lâmina e a recordação pouco gloriosa de tudo o que acontecera na repartição. Sentou-se, então, no banquinho do boxe, vendo a água escorrer, sentindo-se meio lerdo e sem pressa, a imaginar uma porção de idéias, inventariando velhas atitudes suas, demorando-se num e noutro episódio mais feliz de sua vida. Cansando-se da posição que tomara, levantou-se e foi-se meter outra vez sob o chuveiro, quase certo de que se comportara como uma criança. Via, agora, claramente, que podia ter agido de outra forma. Não era um homem esclarecido? Pois então, melhor teria feito chamando o chefe e lhe dizendo, de cara, que não se submeteria àquela indignidade.

A água fria escorre-lhe pelo corpo, carregando a espuma cheirosa do sabonete. Magoou o dedo na tentativa

de esfregar-se. Voltou a pôr a cabeça debaixo do chuveiro. Subitamente lembrou-se que dentro de mais dois meses, se tanto, deveria fazer um bonito tempo no Ceará; e tudo, graças ao inverno, estaria verde outra vez. Lera não se recorda onde, que o açude é uma célula; o prolongamento da vida e da família do sertanejo. Um dia, quando galgar um posto de relevância, quando os homens se modificarem para melhor, ele será um diretor de repartição, e semeará açudes por todo o Ceará. Ninguém ficaria sem receber a sua colaboração. E os homens acostumados à trapaça...

Rosita desviou-o de seus pensamentos. Bateu na porta, apressando-o:

– Anda, criatura! Já estou botando o jantar.

– Pode botar! Pensará que vou ficar de molho dentro do banheiro?

Saiu do boxe. Lembrando-se que podia molhar o chão, zangar a mulher, retornou rápido ao lugar que ocupara. Ficou ali por uns instantes enquanto os pingos d'água escorriam por completo. Em seguida, envolveu-se na toalha. Ao ver-se ao espelho, veio-lhe a idéia – e isso o pôs a rir – que daria um excelente lutador de boxe.

Aproximou-se do espelho. Chegava aos quarenta anos mas os cabelos brancos já lhe enchiam a cabeça... Lembrou-se então do secretário do Dr. Roberto. "Aquilo sim, era uma injustiça! Parecia um colegial, e ganhava mais do que ele. Ah, a proteção política..." Passou a mão pelo rosto; espremeu um cravo. Que desejavam dele? Um traço, sempre um traço... Às vezes queriam-no curto, em letras, espichado... contanto que o risco no papel escondesse alguma coisa ou assegurasse ao dono do açude um prêmio maior. Se ele fosse desonesto, tinha também aparelho de alta fidelidade em casa. Podia ouvir "A Noite de Meu Bem",

tomando uísque nem que fosse de contrabando! Mas qual: não tem sentimento para submeter-se...

Vestiu-se sem grande pressa. Achava bom isolar-se dentro do banheiro. Afinal, abriu a porta. O cheiro do tempero e do assado chegou-lhe ao nariz.

– Estou pronto, querida!

– Então venha vindo – começou a mulher de longe – mas antes me dê um beijo.

Dirigiu-se até onde ela estava. Beijou-a nas faces. De repente, Rosita notou o esparadrapo:

– Céus! Que foi isso?

– Um cortezinho banal – explicou.

– Como? – admirava-se ela. – Um cortezinho?

– Tolice, mulher! Fui fazer a ponta do lápis... e a "gillette".

– Ave-Maria! Da próxima vez você corta a mão!

– Pois é. Da próxima vez eu chegarei sem mão.

– Doeu muito? – insistia ela, querendo tomar-lhe a mão, pensar o ferimento.

– Não, tolice...

– Botou remédio em cima?

– Mercúrio cromo. O pessoal da repartição tomou todas as providências.

– Já vi que você é mesmo descuidado. – Recomendava-lhe: – Agora, tome juízo. Não vá fazer extravagância.

Foram-se para a mesa. O filho demorava na calçada, brincando. Rosita, impaciente, mandou a menina da vizinha chamá-lo para casa.

– É sempre assim – resmungava – põe-se a mesa e o pivete fica na rua.

Diante dos pratos, Francisco do Carmo esperou primeiro que a esposa resolvesse o problema do filho. Continuava ausente, sem vontade de reclamar. Novamente

parecia defrontar-se com o chefe da repartição. Quem iria agora fazer o desenho? E o coronel, com que cara ficaria quando o fosse buscar, imaginando-o pronto? Açude Catoré... Se ele tivesse estudo, soubesse português, ia escrever um romance... meter num livro toda a história da luta dos bem intencionados, focalizando a influência desastrosa da política, a corrupção... Seria um romance diferente, nada desses livros que só tem beijo e namoro barato...

– Você já tem idade de pensar como homem, ouviu?

Rosita sacudia o filho pela mão, ralhando.

– Não chore, meu filho – interveio Francisco do Carmo.

O menino calou-se. Vendo as ataduras na mão do pai, interessou-se:

– Feriu-se, papai?

– Um cortezinho, meu filho. A lâmina de barbear.

– Hum! – admirou-se.

– Todo mundo agora vai querer que você dê uma explicação – comentou a mulher.

– E eu terei que explicar.

– Arroz ou purê de batata? – ofereceu-lhe o prato.

– Não, vou preferir, se tiver, arroz e ovos... Não estou muito disposto hoje.

Não estava mesmo. Ansiava levantar-se da mesa, apanhar o jornal e ir para a calçada, refugiar-se em seus próprios pensamentos.

– Estou-o achando tão estranho. Parece marido que engana a mulher.

Comeram em silêncio. O café, Francisco do Carmo tomou-o de pé. Meteu o cigarro na boca, e, impaciente, retirou-se para a calçada. Havia um ruído imperceptível na rua. Sentou-se na cadeira de vime, acendeu o cigarro e começou a se embalar. O Açude Catoré, compreendia agora, não o deixaria em paz. Metia-se outra vez em seus pen-

samentos. Por causa dele, sentia que perdera outra oportunidade de progredir. Dr. Roberto, com essa, não o ajudaria mais.

Deu com o pé no chão, ajudando-se a movimentar a cadeira que rangia no cimento da calçada. Se pudesse, se os homens aceitassem as suas explicações, não seria tão infeliz. Naquele caso, por exemplo, podiam ter aprovado a sua sugestão de mandar um técnico ao local do açude para fazer um estudo detalhado da obra. Mas qual! Providências dessa natureza não interessavam a ninguém. O açude tinha que ser um instrumento da politicagem do governador. Tinha ele, através de tantos anos de trabalho, experiência suficiente para conhecer todos os detalhes da vergonhosa história da açudagem do Ceará. Bastava um cartão do governador, ou de um secretário de Estado, para o projeto de açude, mesmo contrariando a orientação dos técnicos, ultimar-se em tempo recorde. Para os verdadeiros agricultores, cresciam as exigências. Ninguém conseguiria a aprovação de um projeto sem entrar numa fila que demorava quase um ano, obrigado a apresentar vinte e dois documentos. Um fim de mundo!

– Que tem você, Chico?

Só deu pela mulher, quando esta, limpa, penteada, veio sentar-se ao seu lado.

– Primeiro, os dedos cortados – continuou ela – e agora esses olhos fechados de quem está em transe.

Valeria a pena confiar-lhe os pensamentos que o acudiam naquele momento? Rosita ouvi-lo-ia atentamente para depois divergir.

– Problemas, minha filha, problemas – disse afinal.

– Problemas? Que problemas?

– Um projeto de açude.

– Hum, isso é velho!... Você sempre tem complicações. Diz que não cede, contraria a Deus e o mundo, mas acaba cedendo. Já o conheço.

A mulher irritava-o. Mudou a posição da cadeira. Reacendeu o cigarro, que queimava lento. Se ela insistisse, pensou, o melhor era recolher-se, ir dormir. Mas, sem saber por que, estava com necessidade de conversar, de trocar idéias.

– Como foi mesmo que você falou?

– O que você ouviu. Vivo cansada de escutá-lo esbravejar que não se submete, que é honesto, que é isso e aquilo! Que os outros na repartição não valem nada! E depois aceita tudo como se nada houvesse acontecido. Da última vez você jurou que não assinaria o projeto. O filho do secretário veio até nossa casa – parou, enchendo os pulmões de ar – e pronto. Lembra-se? Trouxe-lhe um cartão que foi água na fervura.

– Ah, você é mesmo implicante! O negócio não é meu.

– Lembrou-se do vendedor de frutas. – Você pensa que vendo o que é meu? Vendo o que eles me mandam vender!... Se querem-no errado, concordo. Não se pode fazer outra coisa. Mas bem que reajo, que lhes demonstro o meu desagrado. A responsabilidade pelos erros não cabe a mim, mas ao governo de velhacos que ai está...

– Bem, não é da sua responsabilidade, eu sei. Pois então não queira bancar o engraçadinho, o mais inteligente. Se não prevalece o seu ponto de vista...

Francisco do Carmo ergueu-se, irritado. E interrompendo-a:

– Olhe, não me venha com insinuações.

– Não se zangue, meu filho. – A sua voz era calma, como se não o quisesse contrariar. – Tudo isso se resolve. É baixar a cabeça, submeter-se...

– Mas eu tenho dignidade! Um dia mostrarei que homens como eu serão chamados para os melhores lugares.

– Esperando por isso você ficará velho, de bastão.

Decididamente a esposa não o entendia. Cruzou as pernas, acendeu outro cigarro. Rosita devia estar influenciada pela esposa do Rubião. “Aquela perua anda por aí se rebolando pra tudo que é homem, e ainda vem se meter na minha vida!” Mal acabara de pôr-se nesse pensamento, que o exasperava, a mulher tornou:

– Enquanto você se acaba, o Rubião anda com os bolsos cheios. Você pensará que a mulher dele vai pra cozinha lavar pratos como eu? Fica de estado, na sala, ouvindo música. Tem três sirigaitas com ela; fazendo todo o serviço da casa. É por isso que lhe sobra tempo para encher a minha paciência.

É só não se incomodar.

– Não me incomodo, mas dá raiva! Hoje me telefonou dizendo que comprou um liqüidificador. Teve o descaramento de perguntar se eu já adquirira o meu. Que tem ela com a minha vida? – Fez uma pausa, abanando-se; o calor era grande. – A verdade é que nada temos. Continuamos morando na mesma rua há dezoito anos!... Já perdi a esperança de sair daqui para outra casa. O menino...

– Mas eu sou um homem de vergonha e o Rubião é um esperto. Todo mundo sabe que ele come bola. Recebe o dinheiro das partes.

– E quem não o recebe na repartição?

– Eu! Ouviu? Eu! – levantou-se, o sangue lhe subindo às orelhas.

– De que lhe serve isso? Os outros vão para cima e você desce como corda de cacimbão... – desatou a rir.

– Rosita!

Foi tão cheio de mágoa o tom de sua voz, que a mulher parou de rir.

– Você não sabe o que diz – continuou ele. – A vida não é só isso. Não basta ter dinheiro, morar em casa boa. Precisamos ter paz de espírito, dormir a noite toda, sem sobressaltos. Eu a tenho comigo. Jamais me submeteria ao vexame de receber uma nota de mil cruzeiros por baixo da prancheta.

A mulher não queria dar-se por vencida, insistia:

– Tolice. Você exagera demais. Não estou querendo que você seja desonesto, mas bem que podia receber gratificações...

– Gratificações? – Ele horrorizou-se. – Nunca, minha filha! Nunca! Todo mundo, no outro dia, iria dizer que me haviam comprado.

A mulher ergueu a cabeça e falou:

– Aquele homem vem vindo para ca.

Francisco do Carmo olhou na direção que lhe apontara a esposa. Adiante, a menos de cem metros, um homem se aproximava vagarosamente. Vinha reparando a numeração das casas.

– Como é que você sabe que ele vem pra cá?

– Porque sei! Aquilo, embaixo do braço dele, não é um projeto de açude?

O desenhista apurou a vista. O embrulho que o homem carregava, uma espécie de canudo, assemelhava-se a um projeto.

O desconhecido veio vindo, lento. Parou a uns vinte e dois metros se muito; conferiu o número da casa mais próxima com o que trazia anotado. Depois, adiantou-se em direção ao casal, certo do que queria. Perto, descobriu-se respeitoso.

Francisco do Carmo não pôde esconder o susto que lhe aflorou nos olhos. Estava diante do proprietário do Açude Catoré.

O SERTANEJO estava parado outra vez diante da mesa do Dr. Roberto. Viera saber, pela segunda vez naquele dia, se o projeto do açude fora concluído; se já o podiam despachar, conforme promessa anteriormente feita. Ao ouvir as explicações do diretor, empertigou-se, demonstrando incontida insatisfação. Era sempre assim, passou a dizer em voz alta. Só queriam votos. Lembrava-se da última campanha eleitoral. Estivera para votar contra a chapa apresentada pelo governo, pensando que lhe daria merecido castigo. Mas não pôde evitar a interferência dos amigos. Acabou aceitando continuar ao lado dos velhos amigos. Que amigos! Que ganhara com isso? Era aquele primeiro resultado: mendigar a aprovação de um simples projeto de açude... Uma porqueira, um nada na frente dos sacrifícios que fizera!

– Houve um acidente – começou a explicar o Dr. Roberto. – O desenhista cortou a mão quando executava o projeto.

José Cândido conteve-se um pouco. Perscrutava o outro, aguardando a revelação final daquele acidente que, na conversa vagarosa, não chegara ainda a uma explicação convincente.

– Isso acontece, compreenda. Tenho visto coisas piores.

O sertanejo continuava mudo. Dr. Roberto percebeu claramente que ele se aborrecia, profundamente. No longo trato com as partes aprendera a adivinhar-lhes as pretensões compelidas. A reação nascia sempre assim, silenciosa, enquanto a parte, sentindo-se ludibriada, preparava-se para ofender. A vítima, ao final de tudo, acabaria sendo ele.

Tornou a esclarecer:

– Cortou-se. Não pôde continuar o seu projeto, coronel.

O outro se impacientou:

– O diabo não é isso, meu amigo, é um homem cheio de ocupações como eu vir do interior para ouvir esse drama. Isso lá é coisa! Comi poeira no trem, estou hospedado numa pensão onde só faltam me matar de fome; chego aqui, onde penso que vou mandar porque ajudei o governo a subir, encontro a notícia de um doido que cortou o dedo, e o sangue manchou o projeto. Dane-se! Desta vez rompo com o partido da situação. Rompo!

Dr. Roberto levantou-se, aflito. Com as mãos estendidas insistia para que José Cândido se contivesse; entendesse a situação. Ele também se constrangia. Não era preciso aborrecer-se tanto.

– Sente-se, coronel. O senhor não compreende...

– Essa é boa! Então, agora, sou eu que não compreendo? Tem graça! Me disseram que tudo era fácil. E sabe quanto gastei até hoje? – Com as mãos espalmadas, o dedo grande batendo na outra mão como um pica-pau, inventariava. Primeiro gratificara o encarregado da repartição que locara o açude. Passara três dias na fazenda, tendo de um tudo. Dera-lhe, de agrado, três mil cruzeiros. Depois, quando veio se entender com a moça do protocolo, teve que chiar nos cobres, comprar para ela um perfume de mil e quinhentos cruzeiros. Francês! – dizia. – Francês! E encurtando a história, esclarecia, despendera pra mais de cinco mil cruzeiros.

– Não é bem isso, coronel. Sente-se um pouco – pedia o outro.

José Cândido sentou-se. Explicava, ainda, que no último pleito conseguira fazer o prefeito e seis vereadores. Não devia ter então prestígio junto ao governo? E olhe –

abria as mãos, exagerando os gestos – vivia agora o filho do velho Rocha, um malandrão que perdeu nos clubes de Fortaleza o dinheiro que o pai lhe deixara de herança, a querer fazer-lhe frente! Estava acordado. Não ia perder a sua posição de prestígio no município. Reparassem nisso...

– Entendo perfeitamente, coronel. Da nossa parte não existe má vontade. O rapaz se cortou, foi um imprevisto.

– E logo hoje! – Explicava que havia planejado ir embora no dia seguinte. Tinha adquirido o bilhete da passagem e telegrafara aos parentes avisando-lhes o seu regresso. O diabo, acontecer aquilo! Contava levar o projeto no bolso e agora, hem? Que vai dizer?

Balançava a cabeça decepcionado.

– A repercussão será a pior possível. Vão espalhar que não regressei porque o governo me deu o contra! – Levantando-se, nervoso: – Ai, doutorzinho! Isso não acaba bem!

– Tenha calma, coronel. Tudo acontece. O rapaz devia ter sido mais zeloso...

José Cândido interrompeu, enfarado, a reexplicação do acidente:

– Já sei de tudo. Não precisa repetir mais.

Dr. Roberto ergueu-se da cadeira. Não sabia o que decidir. Examinou novamente o projeto que o secretário estendera diante de si, e teve vontade de assiná-lo assim mesmo para ver-se livre daquele implicante. Mas vacilava. Não podia ser assim... Não era possível aviltar-se tanto!

José Cândido insistia, limpando o pigarro da garganta:

– Como é, doutor, não se pode levar a planta assim?

– É impossível, meu amigo. Lamento profundamente.

– Mas me explique por que não pode – insistia o outro.

– É preciso legalizar o projeto. Compreenda... Há formalidades.

– Há formalidades... – imitou-o. – Quando chegam ao sertão atrás de votos não se lembram disso. Não existem as tais formalidades.

Eu que dê um jeito...

– Sei que o senhor se aborrece. Tem razão. Mas sem que o projetista termine o desenho, a minha autorização não vale nada.

José Cândido formalizou-se todo:

– Espere, esse desenhista feriu um dedo ou decepou a mão?

Milton interferiu:

– Foi um cortezinho, coronel.

– E daí?

– Com jeito tudo se arranja. – Aproximou-se dele: – O senhor não sabe que o Brasil é a terra do "se dá um jeito"?

– Bem, mas é isso que estou esperando. Um jeito.

– Por que o senhor não procura o desenhista? O Chico do Carmo é um bom sujeito. Só tem arranco. Depois, amolece.

– E pondo convicção na voz: – Vá lá, vá à casa dele. É o melhor caminho.

– Não, isso não! Então, já não basta o que andei aqui?

– É para o bem do senhor. Vá lá e estará tudo resolvido.

José Cândido não se resolvia:

– Ora, tinha até graça! Até aqui ter que fazer o serviço do governo!

Milton foi ao fichário, e sacando de uma papeleta, esclarecia:

– É este o endereço do rapaz. O senhor vai sair-se maravilhosamente.

Entregou-lhe a direção da casa do funcionário. Um cheiro flagrante de café invadiu a sala. Era Sinhazinha que

mandara o servente “levar café às visitas”. Desfazendo-se em sorrisos, à porta, ela dizia:

– Está bem sertanejo! Forte e quente! – Enquanto os homens se aproximaram da bandeja, ela retirou-se exagerando elegância. Dr. Roberto refreou um pensamento safado. Ai, que mulher! Encheu uma xícara passando-a a José Cândido, que parecia conformar-se:

– Experimente o café. A moça mandou fazê-lo especialmente para o senhor.

– Muito obrigado... Está cheirando mesmo... – comentou. Recolheu a xícara, e enquanto acrescentava mais açúcar, a seu gosto, indagou: – Onde é mesmo que ele mora?

Milton mostrou-lhe a ficha novamente. O ônibus podia ser apanhado na praça José de Alencar. Não havia errada. Era uma casa recuada do alinhamento, as portas verdes. Estimulava-o:

– Aposto como o senhor resolve o problema.

– Eu não queria ir, mas vou tentar. Não custa nada, não é? – Acabou de tomar o café. Virando-se para o diretor: – Que tal, doutor, se o senhor, pra adiantar, desse logo o despacho do açude? Eu não voltaria mais aqui e podia viajar amanhã.

Criou-se um silêncio que não demorou muito. Dr. Roberto resolvia-se:

– Homem, tratando de quem se trata, não haverá briga. O senhor sabe que o amigo velho manda nesta repartição. Eu vou fazer isso, abrir uma exceção!

– Ora, a gente se entende! Somos todos da mesma tribo.

O diretor apanhou a caneta, e já perguntava:

– Que dia é hoje?

Milton contemplou o calendário:

– Vinte e oito.

A voz saiu-lhe macia, vagarosa. A moça dos seios fartos sorria para eles e lhes oferecia um lote do Sítio Bom Futuro. Um dia haveria de ser dono de um pedaço daquela terra!

– Vinte e oito – repetia o chefe, datando o documento. Suspendeu a caneta. Foi a sua vez de entrever o sertanejo que parecia um prolongamento da moça do calendário.

– Doutor, e o pagamento do prêmio? – perguntou José Cândido.

Dr. Roberto desfitou o calendário e, intimamente, antes de responder, reconheceu que aquele coronel além de chato era interesseiro.

– Bem, o prêmio será pago em três prestações.

Será que não poderia receber todo o prêmio de uma só vez? Dê um jeito, doutor.

– Bom, a gente depois estuda esse problema com simpatia.

Acabou de assinar. Ergueu-se da cadeira, aliviado, e entregou-lhe a planta despachada.

– De minha parte o senhor está livre. Faço isso em confiança, veja lá! É contra o regulamento da Repartição. Mas diante das recomendações, do seu prestígio...

– Muito obrigado! O doutor devia era ser o Governador do Estado.

Sorria feliz, parecia não querer acreditar que a planta do seu açude estava em seu poder. Colocou-a sob o braço. Enfiou o chapéu de massa na cabeça e se despediu de todos. Carregava um ar insólito, de determinação ou altivez.

Na fração de segundo que durou aquela despedida Dr. Roberto imaginou que aquele homem seria capaz de dobrar a dignidade de qualquer um. Vendo-o retirar-se, comentou para o auxiliar:

– Acho que ele vai conseguir. Chico do Carmo perde pra esse.

– Também acho – concordou o outro.

– Eu só cedi porque não queria mais complicações. Mas bem que tive vontade de mandar esse matuto pro inferno. Que diabo de terra é o Ceará! Todo mundo interfere na vida pública, nas repartições, que coisa!

Acendeu um cigarro. Nauseando, puxando a fumaça antes de prosseguir:

– Mas isso um dia se ajeita. Acho que não é pra mim, mas será para os meus filhos. Dizem que o cearense é um judeu, um mouro no trabalho. E a terra não vai para a frente.

A resposta está nessa esculhambação que toma conta de tudo. Acho que o nosso desenhista é quem tem razão.

Pôs-se de pé; foi à janela tomar na vista a paisagem da praça fronteiriça à repartição. Viu mocinhas, à pressa, caminhando em direção à fila da parada de ônibus. Reparou no grupo de homens que, despreocupados, conversavam no Bar Americano. Havia um vozerio indistinto, como se um enxame de abelhas alvoroçadas viesse bater contra a vidraça da sala. Se lhe dessem melhor oportunidade, deixaria o Ceará. Que importância tinha naquele cargo, manobrado pelas conveniências políticas? Francisco do Carmo cobria-se de razão. Que faz um diretor de repartição? Simplesmente executa o que lhe manda o govenador. Vá falar, vá dizer-se contrário! No outro dia estará no olho da rua.

Voltou-se para o secretário. Milton contemplava-o sem entender que pensamentos o absorviam. No íntimo, avaliava as contrariedades que o assaltavam naquele momento. Era duro ouvir e sentir a petulância de um matuto boçal, cheio de poderes só porque controlava alguns milhares de

votos... Imaginou o constrangimento do chefe sem poder abandonar o cargo, apegado às facilidades do automóvel posto à sua disposição, à polpuda gratificação de chefe...

– Ainda vai trabalhar? – indagou o rapaz, consultando o relógio. Dr. Roberto teve vontade de confiar-lhe a amargura que nascia em seu peito, mas conteve-se. Simplesmente despachou-o. Vigiou-o ir-se, vagaroso, invejando-lhe o vigor dos músculos, a mocidade. Quando o silêncio que ficou na sala parecia completo, vestiu o paletó. Arrumou os jornais na pasta de couro preto. E ao olhar para a moça do Sítio Bom Futuro, despudoradamente vestida, teve a impressão de que nem tudo estava realmente perdido...

JÁ ESTAVAM os dois ao redor da mesa da sala de jantar. Francisco do Carmo não sabia o que dissesse, enquanto, cerimonioso, José Cândido estendera a planta do Catoré diante deles, e puxava o ar, pela boca aberta, numa respiração difícil de dispéptico. Rosita deixara-os ali e fora à cozinha passar café para ambos. Mexia-se quase em silêncio, pondo atenção na conversa do marido e do desconhecido, interessada em descobrir a razão daquela visita que não lhe parecia inteiramente fora de propósito. Francisco do Carmo contemplava o desenho que o outro lhe apresentara, achando-se intimamente grotesco, pois conhecia todos os traços que pusera nele sob uma ansiedade que quase o levara ao desespero. José Cândido sabia que não adiantava ele ver a planta como se desejasse decorar-lhe as linhas; mas apanhar o lápis, a régua, e concluir o projeto. O resto não passava de pura encenação de sua parte, comportamento que não alcançava nenhum proveito para ambos.

Rompendo o silêncio, o sertanejo falou:

– Não imagina o senhor como necessito deste trabalho ainda hoje.

Francisco do Carmo não disse nada. Continuava na mesma, sem querer falar. Após prolongado silêncio, alegou que com o dedo enfermo, logo o que firmava o lápis, não encontrava jeito para trabalhar. José Cândido não se dava por vencido:

– Olhe – dizia-lhe em tom respeitoso – o Dr. Roberto me garantiu que somente o senhor tinha capacidade para fazer o desenho.

– Bondade dele! Não é bem assim.

– Deve ser verdade. Afinal de contas ele é o chefe.

Francisco do Carmo imaginou acertadamente. O outro estava inventando, procurando levá-lo a um engodo. Fazia um jogo, o que era perdoável, para obter a planta. Conhecia aquela técnica que se antecipava quase sempre ao oferecimento da gratificação em dinheiro. Que o homenzinho não se metesse a tolo! Jamais se venderia por cédulas de mil cruzeiros.

O café cheirou na cozinha. Rosita veio de lá, trazendo-o numa bandeja. As xícaras roçadas pelas colheres faziam um ruído como se fossem campainhas.

– Lembre-se de que hoje vamos ao cinema, querido. Era bom você atender logo o senhor. – Enquanto falava, depositou a bandeja sobre a mesa. Principiou a servi-los. – Mais açúcar?

– Não, senhora. Basta uma colher... – Notando o rosto fechado que o funcionário fazia, José Cândido arriscou: – Olhe, não se aborreça comigo. Se o incomodo, vou embora...

– Não, não é isso. Pode ficar. Esteja à vontade.

– Não vá pensar que vim aqui comprar o senhor. Longe de mim essa idéia. Já me disseram que o senhor nunca se vendeu. É o único desenhista honesto da repartição.

Enquanto dizia isso, José Cândido sacou do bolso um documento. Era a aprovação do açude. Com aquilo – notou que o desenhista ficara surpreso, sem querer acreditar no que os seus olhos contemplavam – a obra poderia ser iniciada mesmo sem estar concluído o desenho.

Não se conteve:

– Não é possível! Então, o Dr. Roberto, um bacharel, já assinou esse ofício?

– Assinou.

Pegou o papel. Verificou a assinatura. Não havia engano. Conhecia a letra espichada, aberta embaixo, a ponta do erre repuxada bruscamente para cima.

– Rosita, isso é demais ! – considerou.

A mulher acabara de tomar o café. Diante daquilo sabia agora por que o marido se contrariara. Estava ali a razão do dedo cortado – que ela custara crer tivesse se originado de uma exasperação.

O projetista, sucumbido, mordia os lábios. Não, assim também já passava da conta! Sem se conter, afobou-se:

– Descaramento! Ter a coragem de autorizar um açude que ainda está no projeto!

José Cândido, que achava tudo aquilo muito divertido, simplesmente encolheu os ombros. Vendo-o mais calmo, já lhe explicava:

– Pode acreditar. Se eu fosse um político desonesto, tinha-me aproveitado. Mas ficando aqui, o que quero? – A sua voz adquiria manha: – Tome sentido... É contar com o seu apoio, não fazer uma obra defeituosa, viciada. Será que não vale a minha palavra?

Francisco do Carmo vacilava:

– Bem, eu não duvido do senhor. Compreenda. O que não fica direito é o diretor da repartição, só porque é o

chefe, dar uma autorização despropositada. A planta ainda não foi nem executada!

– Completada – corrigiu o outro.

José Cândido acendeu um cigarro, gozando o embaraço do desenhista. Procurou melhor jeito na cadeira e pôs-se a dramatizar:

– Por essas e por outras é que já estive para abandonar esse governo pífio, várias vezes. Estou com o partido que o elegeu desde a revolução de trinta. Já caímos e subimos juntos que enjoamos. Que vale a aprovação de um açude na frente de tantos favores? Diga. Estou pedindo o que não tenho direito? Queria que o senhor visse o que gasto para manter os eleitores. É preciso agradá-los se não os perdemos. Tudo custa dinheiro, não é verdade? E qual o pagamento que recebo quando preciso do governo? Qual? – Bateu no peito com o anular: – Mendigar a aprovação de um projeto de açude como se fosse um aventureiro qualquer!

– Concordo com o senhor. Faz mesmo raiva! – ajuntou Rosita.

– É isso, a senhora compreende. Com todos os meus eleitores, com a minha importância de chefe político, chego na capital e planto a cara num pedaço de papel... paro! Fico na peia, sem poder sair do canto.

Francisco do Carmo ergueu a vista. Encarou a mulher, com hostilidade, dando-lhe a entender que não se metesse naquele assunto. Não ficava bem intrometer-se. Mas Rosita queria implicar, e comentou:

– Para uns é muito mais fácil.

Francisco do Carmo teve vontade de dizer-lhe uma grosseria. Aquilo não era coisa que a esposa fizesse! Por que não iam, ela e o menino, para a calçada? Não viam que discutia um assunto muito importante? Mas simplesmente disse:

– Minha filha, você não entende. Nem você nem aqui o coronel. Quando eu estudei na escola aprendi que um homem para ser homem deve saber respeitar os direitos alheios. Só faço o que a minha consciência manda.

No intimo o desenhista esperou que o outro se zangasse. Enganava-se mais uma vez... José Cândido era um artista.

Outro, em seu lugar, teria dito quatro desaforos e se retirado dali. Ele, não. Começava a fazer exatamente o que ninguém esperou: ria.

– Ah, mas isso tudo é delicioso! O senhor é notável! – E já controlando aquela manifestação hílare: – Me entenda, seu Carmo! Eu estou querendo exatamente o direito, o que é certo. Se não fosse esse o meu desejo, tinha ido embora. Não

já tenho o documento aprovado pelo diretor? Pois então, meu caro amigo!

– Mas eu...

– Não me zango com o senhor. Quero só que me entenda. O que desejo é fazer o negócio direito. Sou um homem de consciência, de moral. Pela sua atitude só tenho motivos para louvá-lo!

"Só tenho motivos para louvá-lo!..." Bem, aquilo começava a melhorar, até que o agradava – pensou Francisco do Carmo. Contemplou o papel aberto diante de seus olhos, vendo a área do açude, a mancha vermelha – e se dizer que não era tinta mas seu sangue! – e o risco interrompido. O chefe da repartição, a esposa, o governo – quantos afinal? – quando falavam em termos de interesse não se lembravam de respeitar a intenção de um funcionário honesto como ele, que queria apenas proceder com decência. Era o diabo, quando ninguém compreendia as boas intenções. Sabia que todo o seu esforço parava nas

providências velhacas do chefe da repartição, nas maquinações do governo... Ah, valeria a pena resistir a tantos durante tanto tempo?

Quando emergiu desses pensamentos Rosita conversava com José Cândido. Este, muito falante, dizia onde morava. Era dono do Poço Encantado, fazenda com mais de três léguas de frente por duas de fundo. Se pudesse construir o açude – dizia em voz alta para que o desenhista o escutasse – seria o maior agricultor da região. Mas dependia...

– Ora, não seja pessimista. Meu marido é um homem direito. Ele vai decidir a seu favor.

– É o que espero. Sou um homem bem intencionado, trabalhador. Não sou um político qualquer, aventureiro. Se o açude for aprovado, e eu o construir, vou dar um festão em comemoração. E o senhor comparecerá com D. Rosita, não é?

O desenhista fez um gesto vago com a cabeça. Mas a experiência do sertanejo advertira-o de que estava-se aproximando do que queria. Era forçar mais um pouco, apertar o cerco, tornar-se delicado, interessado, e o homem cairia.

Vá fazer-me uma visita. Nas férias de junho, leve o seu filho também. É tempo de canjica, pamonhas... O garoto vai gostar.

– Pedrinho é louco por pamonha – esclareceu a mulher.

E o menino, os olhos vivos:

– Mamãe, nós vamos pra fazenda desse homem? Papai também vai?

Francisco do Carmo desviou os olhos da planta para ver o entusiasmo do filho. Lembrou-se de que há vários anos lhe prometia uma viagem ao sertão, mas tudo ficara em promessa. Se houvesse escorregado a mão por baixo da prancheta, várias vezes...

– Tem cavalo pra gente passear? – insistia o menino.

– Tem cavalo, tem vaca, tem boi! Cada zebu com o cupim enorme...

– E cabra, tem também?

– Muitas! De manhã é uma beleza vê-las partir para a solta... Aposto como você vai gostar. – E adotando um tom mais convincente: – Tem o que você quiser.

Na frase que o outro disse e que agora repetia – "tem o que você quiser" – Francisco do Carmo percebeu que José Cândido dirigia-se a ele, a tentar implicá-lo pelo êxito ou fracasso das férias do menino. Como era inteligente aquele homem! – pensou. Estava adoçando a boca do filho, certo de que ele acabaria se rendendo.

Rosita insistia em saber os detalhes:

– Quantas horas se gasta na viagem?

O fazendeiro pormenorizava:

– Não é mais de seis horas, indo-se de trem. Aliás, é a viagem melhor. Não gosto de "jeep". Pula muito! No trem vai-se no carro-restaurante, bebendo cerveja, conversando...

– Ah!

– Anime-se! Espero-os nas férias de junho.

Quedaram-se silenciosos. Francisco do Carmo podia sentir claramente que. estavam todos conspirando contra ele, desejando que ele pegasse o lápis e concluísse o desenho. No íntimo, estava triste, acabrunhado. Naqueles poucos minutos compreendeu por que os homens desviam-se, muitas vêzes, de seus ideais. Quem poderia suportar a pressão de esposa e

filho desejando partilhar de uma ventura quase impossível? Quem? Cerrou os olhos na tentativa de refugiar-se em si mesmo, em seus próprios pensamentos.

Pegou o lápis, indeciso. Os olhos fitavam a planta. Ficou assim por um momento, distante. Depois largou o

lápis e apanhando a borracha principiou a raspar aquele borrão abjeto que lhe dava a recordação de um gesto inútil. Havia um silêncio agarrado ao rosto da mulher, ao semblante cínico do sertanejo, à inocência do filho. O fazendeiro queria obter a planta, cumprir o seu plano de vingança, torpe; a mulher e o filho desejavam simplesmente gozar as delícias do sertão. Ah! as férias de junho! O menino, pela primeira vez em liberdade, saltitando pelos campos, correndo num alazão de puro sangue... bebendo leite mugido, engordando. Sim, Pedrinho precisava engordar...

Todos três acompanhavam os seus gestos, aguardando que ele acabasse de limpar aquela ridícula mancha, desfazendo, uma vez por todas, a sua inócua atitude de herói. Bastava aquilo, completar o projeto para que a família pudesse desfrutar quinze ou vinte dias numa fazenda no interior... Não, – arrependia-se – não estava direito! Era preciso fazer força, agüentar firme diante das tentações. Mas, outra vez, Pedrinho avultou em sua frente. Magro, que menino magro! Bem que podia melhorar se fosse para o sertão. Leite mugido engorda qualquer um!

– O senhor me falou há pouco que o Dr. Roberto havia despachado o projeto, não foi? – indagou afinal.

– Falei, sim senhor. Tenho aqui o documento – exibiu-lhe a autorização. – Está assinada por ele. É legal mesmo!

Francisco do Carmo desfitou o homem; contemplou o filho outra vez. Afinal, para que ser mais tolo do que os outros, se o próprio diretor já despachara o processo?

– Bem, sendo .....

– Pois é! Seja compreensivo. Preciso urgentemente desta planta.

– Mas fique ciente de que vai prejudicar a propriedade do vizinho. Quando o açude encher, nem é bom pensar.

José Cândido principiou a rir um riso grosso, gutural. Rosita, contagiando-se, riu também. Pedrinho, imaginando que os dois comemoravam o assentimento do pai, entrou a pular na cadeira, aos gritos.

– Viva o papai! Viva o papai!

– Cale-se! – gritou-lhe Francisco do Carmo. Vendo o menino sentar-se surpreso àquela reprimenda, foi-lhe afagar os cabelos, arrependido. – Não grite, meu filho, temos visita.

Voltou para o seu lugar à mesa; apanhou a pena molhada de nanquim, e, num gesto rápido, deu por findo o seu trabalho. Depois, levantou o papel, aproximando-o dos lábios, e soprou-o a secá-lo. Sem deixar tempo ao outro para falar, murmurou:

– Desculpe-me.

– Não há nada a desculpar.

José Cândido retirou a mão do bolso; segurava uma cédula de mil cruzeiros. Contemplando-o, sentiu-se indeciso. Se o homem fosse mesmo dos tais que não recebiam propinas, conforme lhe disseram? Rosita, vexada viu-lhe o gesto, adivinhando a contrariedade do marido se aquele homem intentasse gratificá-lo. Ia abrir a boca para evitar a atitude que lhe parecia insólita, quando José Cândido, num golge premeditado, fazia exatamente o que Francisco do Carmo, em seu sofrimento, havia previsto.

– Tome, Pedrinho, é para você comprar a sua maleta de viagem – estendeu o dinheiro para o menino.

Francisco do Carmo teve vontade de interceptar aquele gesto, mas era tarde. O menino já segurava a cédula, hílare:

– Papai! dinheiro de gente grande! Eu sou rico!

Rosita, pondo delicadeza na voz trêmula, acrescentava:

– Não havia necessidade disso, meu senhor! Ora, como tudo isso aborrece!

José Cândido, a enchoçar o finório que havia nele, dizia:

– Não há de ser nada! Não tive a intenção de ofender. É apenas um presentezinho para o garoto. – E acrescentando com exagerada amabilidade: – Gostei dele. Muito!

– Mas

– Por favor, a senhora se insistir cria uma situação difícil.

– Coronel, meu marido é um homem de bem. Saiba disso.

– Jamais pensei o contrário! – desculpava-se ele. – O dinheiro, repito-lhe, é um presente. Por favor!

Levantou-se às despedidas sem deixar que o dono da casa protestasse. Francisco do Carmo, sucumbido pelo inesperado da cena, não se podia aluir da cadeira. Conservava-se sentado ouvindo a esposa, já à porta, dizer à visita que ela e o filho estariam na fazenda no mês de junho.

A porta da rua se fechou ruidosa. E como nada mais o pudesse salvar, o desenhista cerrou os olhos invadido por um mal-estar que só então compreendeu: era a vergonha pelo que acabara de fazer.

PODER-SE-IA dizer que estava vazio o céu, vazio e estranho. Punha-se nele uma suave claridade, inquietante, ao calor que subia da terra, apesar do luar que se arriava sobre a mata. As folhas da bananeira, desfiadas ao sopro do vento forte que estralejara nas árvores, aquietavam-se agora. Os panos da menina, uma calcinha de algodãozinho, a saia de mulher, e mais duas ou três peças femininas, pendiam no estendedor, livres da água mas

imóveis, pois vento não havia. Estava tudo parado. As coisas querentes de brisa mostravam-se oprimidas pelo irrevelável. Foi o que Frederico reparou quando saiu para o terreiro da casa, depois de ter olhado para o fundo do quintal, em busca de algo que lhe desse a sensação de vida. Se aquilo não era prenúncio de uma forte chuva, já não sabia interpretar os sinais do tempo.

Distanciou-se da casa; foi verter água, demoradamente, os olhos perdidos no mundo. E nem sentiu que molhava os pés. Ao descobrir, não se apoquentou. O importante era que aquele céu estirado e grande, debruçado sobre o sertão, escondesse uma agradável surpresa: o inverno. De verdade não se considerava desesperado, mas naquela hora, era difícil manter-se otimista. As sementes continuavam guardadas à espera de bom tempo. Eram elas que iriam garantir-lhe a compra de um pedaço desse abençoado lugar onde conhecera os melhores dias de sua existência. Casara-se ali; e ali a mulher lhe dera filhos. Sob aquele mesmo silêncio aguardava a morte, mas antes queria deixar a ela e às crianças um futuro garantido. Fartara-se de cultivar o chão dos outros, sujeito às exigências do patrão, obrigado a restaurar cercas, a alugar-se por três dias à fazenda. Riu. Lembrou-se de que a esposa não sabia que ele amealhava. No dia em que completasse a importância que lhe custaria a terra, ela haveria de assustar-se. “Homem, como foi que você conseguiu tanto dinheiro?” E ele, rindo, explicar-lhe-ia: “Mulher, o degas aqui tem peito e não é preguiçoso. Sabe pegar no cabo de uma enxada”.

Abaixou-se. Apanhou um pouco de terra. Na verdade aquela não era de pasmar, de regalar um homem. Mas logo adiante, na curva do córrego, havia uma coroa fofa, rica de nutrientes. No inverno todo o chão logo ficava bor-

dado de florzinhas e dava trabalho derrotar o capim taludo e intrometido que concorria com as plantas. O milho – se o chuveiro não fosse de fartar e que fizesse o rio transbordar – aligeirava-se, e não decorria um mês para se pôr à altura do cós de suas calças. Nele, o feijão tocado pela sustança braba, enrolava-se, dependurava-se, pejado de ver. Difícil não era plantar, cuidar da terra, colher o arroz ou quebrar o milho ao pé. Difícil era o Dr. Leandro confirmar o trato que fizera de lhe vender o pedaço de chão.

Afinal, raciocina, não é aquela nesga de massapê que vai desfalcar o Cabeça de Boi, fazenda de criar com mais de seiscentos hectares. E, por cima de tudo, havia o compromisso do patrão. Ao saber de sua pretensão Dr. Leandro não relutara: "Olhe, arranje os cobres e a terra será sua".

Veio andando, devagar, querendo fazer todo seu aquele silêncio de luar, o mais bonito que já vira ali, enquanto de manso as idéias e relembranças iam-lhe nascendo na imaginação. Sentou-se no banco da porta – uma carnaúba encarapitada, a meia altura, em duas forquilhas de sabiá, e ficou novamente contemplando aquele vazio, a coisa esquisita que era a noite – seria mesmo? – sem forma, sem dimensão e tremendamente misteriosa. Havia um poder irrevelável no céu tão limpo, enluarado, pondo-se numa calmaria aflita. Qualquer coisa, imaginava o homem, formava-se por trás da quietude noturna. Ele queria que fosse o inverno, grandes chuvas que cairiam no decorrer da próxima semana. Desde rapaz aprendera a desvendar os segredos da natureza, a descobrir nos ruídos da mata e dos bichos a anunciação das chuvas. "São os meus sinais – dizia. Sabia que a rã estivera cantando, imóvel, no beiral da casa; que as formigas-de-roça, nas últimas horas, haviam procurado novo refúgio. Os tetéus, para os lados do

baixio, andavam cantando sem parar. Nessa linguagem dos bichos, em sua movimentação desusada, ele descobre que vai chover, que o tempo vai mudar.

Acende um cigarro. Puxa a fumaça, devagarinho. Quando a liberta, e o fumo se dissipa no ar, começa outra vez a pensar nas providências a adotar. É chegado o tempo de melhorar o caminho do roçado, de consertar o cabo da enxada, de pedir à mulher que lhe costure o embornal. Tem certeza, uma certeza absoluta, de que vai chover e que ele irá ao campo cuidar da terra, e semear.

Em sua imaginação cresce a idéia de que o inverno está às portas. Já não ficará triste pelos cantos, disposto a vender o cordão de ouro da mulher e da filha, a juntar a roupa e se largar em direção de Fortaleza. A mulher, que estivera pitando o cachimbo de barro, atochado de fumo de rolo, manifestava-se:

– O tempo mudou, homem. Vai chover logo.

E se não houvesse mudado? – pensou. Arrodeou a casa, observando a sombra do seu corpo, que lhe andava na frente tomando dimensões diferentes sob o reflexo do luar. Sua inquietação aumentava, sem que ele a pudesse refrear, porque se não viesse um bom inverno ir-se-iam de águas abaixo todos os seus sonhos, restando perdida para sempre aquela oportunidade de comprar um pedaço de chão. Dr. Leandro quando o vir chegar, exibindo o dinheiro na mão, assustar-se-á. “Homem, eu estava brincando!” Mas eu não brinco não, lhe diria. Quero a terra. Um homem como eu precisa pisar o seu próprio chão. Quem quiser que se contente com os sete palmos de cova...

Chegou-se à porta da casa. Rosinha lavava o alguidar, as panelas servidas, raspando-as com bucha de melão. Os meninos estavam quietos; talvez dormissem. Não sabe por que lhe acode a vontade de falar, de trocar idéias com al-

guém. Imaginou então chamar Rosinha, confiar-lhe os pensamentos. E logo se arrependeu. Não, não precisava disso agora. Melhor aguardar mais dias, ver se chovia... Apurou os ouvidos. Queria saber se a rã da bica de flandres não ia arranhar a garganta adivinhando chuva. Acocorou-se vendo as formigas pretas – que até pareciam lançadeiras – indo e vindo, vindo e indo com filhotes às costas. Ah, estavam azoadas. Quando ficavam assim era sinal de que o tempo mudava.

O baratão do mato, estalando as asas, surgiu de repente no terreiro e atirou-se para dentro de casa. Bateu na parede e saiu correndo, chiando, pelo chão.

Ele assuntava. "Não, a barata não devia correr. Correndo não é bom sinal. Ela devia bater, bum! e ficar no lugar. Aí, sim, era sinal de chuva... Vinha vindo por aí, molhando o mato seco."

E os tetéus por que não cantavam no baixio? Por que o seu coração voltara a bater forte? Seria medo, o velho e repetido medo de que não viesse o inverno? Alheava-se a tudo, metia-se em suas próprias idéias. Nem reparou na mulher que se postara ali perto, respirando cansaço, as mãos firmadas nos quadris cheios. Viera da cozinha verificar por que havia um silêncio tão comprido no terreiro. "Na certa – pensou – Frederico está falando com os bichos, pondo as suas experiências..." E vendo-o assim, sorumbático, metido em sua casmurrice, ela não lhe disse nada. Estava também apreensiva pelos dias que guardavam.

Novamente os pássaros cantavam dentro da mata; a rã roçou-se no flandres e principiou a arranhar. E as formigas, umas vermelhas grandes, saíam de um velho formigueiro. Não havia dúvidas, pensou o homem, aquilo era medo d'água!

– Margarida, vem cá!

Quem se chamava assim veio de dentro da casa, arrastando-se sobre os tamancos, ver que despropósito era um.

– Que é, Antônio?

– Vigie acolá!

Ela olhou e nada viu.

– Onde? perguntou.

– No cabeço do alto, mulher!

– Não vejo nada! – tornou ela enfarada.

– Estará cega? – Ele impacientou-se. – É o Frederico, mulher. O bestão que adivinha chuva. Nunca vi homem mais cheio de novidade.

Ela deu um muxoxo:

– Ah bom! Deixe o outro em paz. Cada doido tem sua mania. Era melhor que cuidasse da sua vida, deixasse de andar aí metido com sirigaitas, trocando pernas e fazendo esculhambação. Que tem você com a vida de Frederico?

O homem não pôde esconder o aborrecimento:

– Lá vem você outra vez com sermão... Eu não sabia que o padre Brasilino tinha mudado de nome. Ora, vá! Eu gosto de tocar violão, sou gostoso, e daí?

Agarrou a mulher com exagero. Ela tentou desvencilhar-se das suas mãos fortes, fingir-se zangada, mas anuiu. No fundo, apesar dos pesares, gostava dele, embora o soubesse cheio de defeitos. Há tantos anos casados, já devia ter-se acostumado.

– Você acha que vai haver inverno, dos bons? – perguntou ela.

– Sei não. Pra mim é indiferente.

– Hum! Se o negócio piorar, sei de mim que não ficarei aqui. Vou pra Fortaleza. A senhora do Dr. Leandro me falou, da última vez que esteve comigo, que queria uma

moça esperta, forte, pros serviços de copa. Anda tão aperreada...

– E ela me dá outra mulher?

– Bem, você se arranja. Você lá precisa de mim.

– É besta! deixo lá você ir!...

– Eu não sei como é que vou desconsiderar a patroa!

– Diga que anda adoentada, que está buchuda...

– Vai-te daí, boca de azar! Sou lá mulher pra andar mentindo. Depois, d. Leonice descobre. Eras!

– Você não vai não! O inverno está chegando. Não sou profeta, mas o céu desse jeito, sem nuvens, com tamanha claridade de lua, é sinal de chuva. Se chover amanha o bestão referia-se a Frederico – vai dizer a todo mundo que foi avisado pelas experiências de merda!

– Não se incomode com a vida do outro.

– Ah! – abusou-se ele – estou só comentando. Não posso?

Margarida debruçou-se na janela. Não era Frederico que ela via adiante postado no terreiro de sua casa, a contemplar o céu. Seu pensamento corria longe e os seus olhos se abriam sobre o casario de Fortaleza, cidade que a tentara desde mocinha. Uma vez viu a fotografia de uma rua; mulheres e homens conversando, um homem já idoso encostado a um automóvel de luxo. Perguntou onde era aquilo. E lhe disseram que era em Fortaleza, a rua Major Facundo. Desde esse dia ficou imaginando ir embora. Agora não podia perder aquela oportunidade de empregar-se na casa da patroa, em Fortaleza. Nunca saíra daquele canto, mas sentia que o seu destino não era o de mulher de tocador de violão sem responsabilidade para com a família. Andavam todos muito enganados com ela. Não nasceu para se deitar a vida inteira com um homem enfartado de aguardente.

– Está vendo? – perguntou o marido supondo que ela observasse Frederico.

– Estou – murmurou.

Mentira. Ela estava vendo que chegava a hora de sair dali. Considerava-se graciosa; sabia que possuía encantos, que o seu corpo, no rebolado de quadris, tentava os homens. Ia lá findar-se nesse fim de mundo como apanhadeira de algodão! O negócio era empregar-se na casa de d. Leonice, usar extrato, frisar o cabelo e encurtar o vestido! Por que havia de ficar ali agüentando o fartum da cana? Queria andar cheirosa, os homens tomando sentido em seu corpo...

– Antônio, Fortaleza é muito longe daqui? – perguntou.

– Hem? – fez o marido, sem prestar atenção.

Ela repetiu. E ele num bocejo prolongado:

– Umas seis horas de viagem...

– É uma cidade bonita, é?

– Dizem que é, que tem um mar maior do que qualquer açude que já se fez no sertão.

– Ah! – suspirou ela. – Ai Jesus! que vontade de ir viver lá!

– Que besteira, mulher! Onde já se viu disso! Nem é coisa que você fale!

Reacendeu o cigarro; encarava-a com seriedade:

– Você tinha coragem de ir?

Ela respondeu prontamente:

– Tinha.

– Tinha mesmo? – admirou-se o homem.

– Ora se tinha! Saiu de perto dele. Foi até à porta; ficou a fitar aquela distância de árvores, de mato e cômoros

que se estendiam diante do terreiro. Sabia que o marido era ciumento; queria provocá-lo, fazê-lo pagar pelas grosserias que lhe fazia... Não sabia até quando conti-

nuaria a suportar aquela vida, assistindo-o chegar a casa, quase todos os dias, tocado pelo álcool e trazendo no corpo o cheiro de outras mulheres, como se o seu cheiro não servisse. Enganava-se! Já perdera a conta dos homens que andavam à procura de seus encantos. Só ele é que não lhe dava melhor merecimento.

– Mulher, – tornou o marido – você está falando sério?

Ela desconversou:

– É melhor mudar de assunto. Que calor! – Sabia que não adiantava discutir. O esposo jamais compreenderia o seu desejo. Não era coisa que se explicasse assim sem mais nem menos... Teria de falar das tentações, e marido não gosta de ouvir tentações da esposa. E logo dela que queria andar de vestido justo, apertadinho, colado ao corpo. Quando ia banhar-se ficava despida na beira do rio, sentindo-se feliz. Sempre fora astuciosa. Uma vez, havia muito tempo, a mãe a surpreendera nuazinha dentro de casa. Na verdade não era só por causa do calor... O calor foi apenas uma desculpa. Não pudera defender-se de outra forma.

O marido resmungava:

– Você tem cada uma. Querer ir embora! É por isso que dizem que você é atirada, mulher sem juízo.

– Conversa do povo! Que sabem eles de minha vida? Quem pode falar por mim é o meu coração.

Espreguiçou-se como um gato selvagem:

– Sou lá mulher pra vestir molambo! Você se zanga porque não gosto de mentir. Sempre apreciei dizer a verdade... – E num impulso, sem se conter: – Quero outra vida... Andar como as empregadas de d. Leonice...

Vendo-o de rosto fechado, contrariado, concedeu-lhe um riso:

– Não vamos brigar, não é? Toque aí qualquer coisa...

– Que é que você quer?

– Um toque... qualquer coisa serve.

Ele afinou o violão; depois, escarranhou-se na rede e principiou a tocar. Arrancava do instrumento uns dengues sonoros, passando e repassando os dedos sobre as cordas do violão que assim tangidas vibravam numa música que fruía vagarosa e quente. Era um querer sem pressa, favo de mel que se esvai lentamente...

Ela acompanhava-o em seus gestos. Não podia esconder que aqueles sons penetravam-lhe o corpo e lhe encantavam. Mas em vez de sentir-se prisioneira do marido, acudia-lhe a vontade, a mesma irrecusável e estranha vontade de fugir, de procurar novas emoções.

Coitado! pensava ela, enganando-se com um falso olhar de deleite, de alguém que se consome de amor. Coitado! Mal sabia que já a perdera para sempre.

O HOMEM que se embalava na rede, que pendia entre os gemidos dos armadores, – impaciente diante da expectativa do inverno, era Leandro Rocha. Podia ter quarenta anos mas já os cabelos brancos, em quantidade, enchiam-lhe a cabeça. Poucos sabiam que encanecera pelas noites de vigília, nos clubes, jogando campista.

O pai, o velho Rocha, homem de caráter austero, voluntarioso, durante mais de meio século foi o senhor absoluto da região, a voz autoritária que até os padres escutavam com certo temor. Quando entrava na igreja é como se chegasse o bispo. Não era valente, mas todos o temiam pela capacidade de decidir. Nada se fazia no município, dentro ou fora do Cabeça de Boi, sem a sua palavra de ordem, sem a aprovação do homem que passou mas deixou a marca de sua vida em criaturas e bichos, como o

ferro que se aplica em animal de estimação. Leandro, filho único, herdara-lhe a fazenda, mas não o espírito de luta e a vontade férrea que lhe sublinharam a vida. E o resultado havia de ser aquele; uma fazenda que experimentara dias de fastígio acomodar-se a uma posição de pouco relevo. Os rebanhos, atacados pela aftosa, haviam decrescido, e as lavouras, largadas ao mau trato, já não propiciavam uma produção compensadora. Quando isto aconteceu, e Leandro sentiu escassear a renda, pensou seriamente em "fazer alguma coisa".

Primeiro, veio só para o Cabeça de Boi; deixou a família em Fortaleza; o filho precisava estudar. Como demorasse a regressar, d. Ilná, aflita, foi ver o que estava acontecendo. E, como o marido, se alarmou: a propriedade perdera aquele ritmo de progresso que lhe conferira o velho Rocha. Os trabalhadores mais dedicados, não suportando o desmantelo da administração de inábil feitor, abandonaram o serviço. Foram-se empregar na vizinhança.

Leandro compreendeu, quase tarde demais, que era necessário dedicar-se de corpo e alma à fazenda. Se não o fizesse, não poderia desfrutar a vida que levava em Fortaleza, jantando no Lido, jogando no Ideal Clube, fazendo apostas no Jockey Club. A sua frente o problema estendia-se anfractuoso, árido, a exigir-lhe uma preocupação constante. Enquanto estivera distante do sítio, muita água correra embaixo da ponte... O caboclo do eito, tão submisso, já não se prendia ao dono da terra por simples afeição ou respeito. Pleiteava melhoria de salário; não se conformava em pagar a renda de roçado, e o algodão de meia, por um ano, queria-o agora por dois. No fundo, estava coberto de razão. Que lhe adiantava ganhar cinqüenta cruzeiros por dia? O pouco dinheiro nada comprava.

Leandro tentou, então, reeditar o espírito voluntarioso do pai, administrar com pulso forte. Foi-lhe amarga a experiência. Afinal convencera-se de que a prepotência, a obediência obtida à força, já não prevalecia. Havia direitos a respeitar. O homem, mesmo pobre, era um homem. Não podia viver sem a assistência humana.

Talvez à falta dessa compreensão é que muitos deles desertaram do Cabeça de Boi. Poucos, só mesmo os mais submissos, é que se ficaram por lá. Iam-se quase todos, um a um. Por isso ele resolvera pagar melhor, tratá-los como gente igual a si.

A altivez dos donos de fazenda – os coronéis andavam de chapéu de massa, de abas longas, fumando charuto, cobrindo os outros de fumaça – desaparecia. O caboclo já não os respeitava. Viera a rodovia... Sim, a rodovia. Leandro recorda a luta que o pai tivera para que a estrada não fosse construída. Mas nada foi possível detê-la. A BR 13, com todas as suas implicações de progresso, veio vindo, abrindo ao meio o Cabeça de Boi, com aquela faixa de barro vermelho, varando campos, apartando lagoas... E sobre ela não tardaram a correr automóveis e caminhões. Foi quando começou a chegar gente de fora; vinham compradores de algodão de todos os centros. E o matuto passou a se informar melhor. Não vendia a safra na folha. E adiantava querer comprar? O ônibus que ia para o Crato trazia compradores endinheirados, gente que adiantava dez mil cruzeiros a um pobre sem eira nem beira. E o pai passou a se irritar. O velho pertence a outra geração. Não queria compreender que o homem estava sempre mudando, se adaptando aos novos tempos. “Não adianto dinheiro. Só compro na folha.” Não comprava. Ninguém lhe vendia nada. E nisto o finório do José Cândido crescia. Negociava com cera de carnaúba, com peles, com algodão, com a consciência dos outros. Até com isto.

Veio a agência do Banco do Brasil; instalou-se a Cooperativa. Todos tomavam dinheiro emprestado para fazer frente à concorrência; o velho Rocha reagia: "– Não, isso nunca! Não sou homem pra negociar com o dinheiro dos outros!"

Uma madrugada, encontraram-no morto como um passarinho que se cansa de viver.

A essas relembranças Leandro se convence de que o mundo, cada ano que passa, adquire nova face. Adinha-o nesse ano sob os mais diferentes disfarces, ameaçando vencer a sua resistência, exigindo-lhe uma dose cada vez maior de disposição à luta.

Empurra a rede com o pé. Do jeito que vão as coisas, será obrigado a adquirir outro trator; sair daquele esquema de vida, tomar novo rumo. Agricultura, está sentindo, não pode mais ser feita como no tempo do pai, que pagava o que bem entendia aos trabalhadores. "Se não querem isso, que se danem, magote de éguas!" E ninguém procurava outra fazenda em que pudesse trabalhar.

Houve uma transformação. Chegou a vez de pagar melhor antes que seja tarde demais. É tratar de modificar quanto antes os métodos de trabalho. Primeiro, o trator... Depois, corrigir o solo com adubos adequados, recuperar o baixio, aumentar o canavial, fazê-lo produzir mais de cinqüenta toneladas por hectare. E o gado?

Dá outro impulso na rede. Não há outro jeito. É adotai a mestiçagem, cruzar o zebu com o holandês, dando a este a rusticidade daquele. Lembrou-se, então, de que podia plantai palma. No interior de Alagoas, havia fazendeiros prósperos conseguindo milagres com o plantio da palma. Mas e o dinheiro? Como consegui-lo, com as coisas correndo tão difíceis? O jeito que tem é acochar o gerente da Cooperativa, ir depois ao Banco do Brasil e explicar que

não lhe basta o financiamento de entressafra. Para fazer prosperar o Cabeça de Boi, é preciso ter dinheiro, e muito.

Olha para o campo que se espraia diante de seus olhos Tudo abraseado pelo sol chamejante. Quando a rede, impulsionada pelo balanço, sobe ao nível do parapeito, ele recebe na retina aquela visão de terra nua, em desespero. "Se não arregaçar as mangas para começar a trabalhar já e já, emborca tudo. Agora que conseguiu a confiança dos servidores, e oferecer-lhes um pagamento justo; conferir prêmios aos que se destacarem na produção. De outro jeito, não toma pé. E José Cândido morrerá de satisfação assistindo ao seu fracasso..."

Não, não lhe daria o gosto...

A rede vai sacudida num balanço forte outra vez. Gemem as correntes de ferro atritando os armadores. Uma rês urra aflita sob a soalheira.

Subitamente ele pára o movimento da rede com o pé. Homem e bicho estão em expectativa. Tudo que está ocorrendo em torno de sua existência depende agora de um poder maior do que o dele. Não basta a sua vontade, a disposição de enfrentar a vida, o dinheiro que poderá tomar ao gerente da Cooperativa Dois Continentes, ao Banco do Brasil, se o sol continuar forte, comburindo a terra. Se não chover, estarão definitivamente arrasados ele e a fazenda.

Só em pensar, como dói!

DESDE os primeiros dias de janeiro o céu ganhara aquela coloração mais escura. As vezes havia uns fiapos de nuvens entressachadas em outras mais densas e plúmbeas, e dia houve em que um trovão ecoou sobre os campos, sem que se pudesse precisar onde estalara. Os homens mais experimentados, como Frederico, achavam que choveria nos próximos dias. O trovão fora um aviso que se juntara a tantos outros transmitidos pela observação amadurecida. Mas não choveu como se pensava, nem nos princípios de janeiro nem no limiar de fevereiro. Os que haviam deitado ciência, perscrutando os insondáveis mistérios da natureza, fracassaram. E dai para cá, arrastaram-se os dias sob o céu pesado, indistinto, que se abafava sobre homens e bichos. Os jumentos, esgalgados de sede, procuravam os sítios onde antes, em levadas e ipueiras, o inverno demorara suas águas.

O mato, que ainda não se crestara de todo, está de folha virada, o talo murcho. E se um bicho se enreda nele, ouve-se o rumor da garrancharia que ressoa esquisito. O resto da paisagem, assim sofrida, borra-se de um cinza esmaecido, firmando uma expressão de sofrimento, desagradável e crua. Custa a crer que aquela vegetação ressequida e sopeada de maus tratos possa recuperar-se um dia, e pelo leito estanco do córrego e de noa venha a água, aos borbotões, na descida das enchentes que arrastam pedriços e derretem barrancos, escorrer novamente.

O sol repotreado no tempo desaba sobre a terra um ar quente que desanima o homem e fá-lo demorar à sombra dos alpendres e das latadas. Para Frederico aquele sol que corre a se esconder sob as nuvens é mais um sinal que a sua experiência consagrou. Ergue a vista, venturoso, para o horizonte, à tentativa de decifrar a linguagem

misteriosa que percebe nas árvores e nos bichos. Quando tudo se aquietava assim era sinal de chuva...

Recosta-se à parede da casa; seus olhos percorrem o escampo, inventariando o comportamento das nuvens, a feição que tomam estas, e por que o sol se esconde tanto. De repente, já não aparece. Há um céu de chumbo pesando sobre a natureza. E ele repara o jeito do jumento preto que levanta o pescoço, de supetão, como se empancasse ao susto de uma cobra.

Daí a instante o vento aumentou, tornou-se forte, desabrido. Soprou o matame seco, levantando poeira e espalhou folhas pelo terreiro. Sem ninguém esperar, conteve-se. Uma força estranha parecia reprimido.

Mas não durou assim... Veio voltando, devagarinho, rastejando, bulindo nas folhas, mexendo no mato, chiando. O corpo do homem desta vez experimentou uma vibração diferente; não se enganava. Algo se aprestava a acontecer.

No alpendre da casa-grande esse mesmo vento levou duas ou três folhas de jornal, ali esquecidas; desmantelou a bica que caiu barulhenta. E Antônio, que tomava água na cozinha de sua casa, largou o caneco, ouvindo distintamente o violão bater de encontro à parede como se algum perverso o tangesse sem modos.

Guardou o caneco. Foi ao terreiro ver que danação era uma. “Aquele vento...” Quando olhou para a paisagem desnuda, que se acachapava sob enorme e estranha nuvem, descobriu Frederico, de pé, perscrutando o céu. A vontade foi de chamar a esposa. “Venha cá, Margarida, venha ver o doido onde está”.

Frederico, alheio à verificação do vizinho, torcia para que aquela coisa, que se formava na natureza, desabasse sobre a terra. Os bichos, como ele, estavam alvoroçados.

Debaixo das pedras e dos seixos do caminho, que levava ao morro, calangros e tijubinas esperavam. Podia sentir-lhes a excitação. Quando paravam de correr ou bulir era sinal de que ia chover. Choveria?

Nessa hora a nuvem começou a se espalhar; aquela plastada escura, ao diluir-se, acinzentava-se, esmaecia. Afinal tornou-se branca como fumaça.

– Ê agora... – dizia o homem, esfregando as mãos, os olhos enterrados na amplidão.

E daí a pouco, sem se poder conter:

– Está vindo... vem, vem!...

Correu um chuvisco por instantes. E de repente os pingos engrossaram; faziam ruído batendo na bica de flandres, saltando sobre as pedras. E a água desatou a correr pelas telhas, açoitada por um vento que a fustigava de todos os lados. Se viu, distintamente, o teiú malhado – devia ser o que papava os ovos do galinheiro – sair às carreiras, meter-se pelo pedregulho do morro, por onde a água já descia.

Chovia forte. Quando o homem se lembrou de entrar na casa e escapar à chuva, já se molhara. Pela porta aberta, como se vigiasse um filho em seu primeiro banho de rio, ele ficou acompanhando o maravilhoso pronunciamento do inverno.

Esperou que continuasse chovendo. Estendeu a mão para fora, pelo vão da porta. Pelos pingos dágua verificou o tamanho da chuva. "Se agüentar assim, mais meia hora, o rio bota uma cheia. Vai ser bom demais!"

Mas o tempo foi-se amainando. Nasceu, de repente, um vento impertinente a fustigar as árvores, e a chuva começou a se encolher, a diminuir. A nuvem, desancorada, arredou-se de sobre eles, avançando em direção de outras terras, demandando a cidade.

Margarida, que se sentara à janela, vendo aquele céu molhado, disse:

– Vai chover também em Fortaleza. Não é naquela direção que fica a capital?

Era para lá que ela, como a chuva, haveria de ir. Passou as mãos pelo corpo, acariciando-se. O marido, de cuecas, segurava um copo de cachaça, na intenção de banhar-se na chuva. Viera até onde ela estava, sem perceber que os seus olhos não viam o inverno chegando mas o convite sigiloso da aventura.

– Anda, mulherzinha... Vamos tomar um banho! -Afetuosamente abraçou-a.

Ela não respondeu. Sem se apoquentar, ele deu-lhe um cheiro nos cabelos: – "Ah, que bichinha gostosa!" – e foi meter-se no meio do tempo. Queria aproveitar o resto da chuva, da água que escorria. O copo já se esvaziara, quando insistiu:

– Mulher, que mania é uma! Você passa os dias assuntando! Acaba perdendo o juízo! Vem pra cá!

Afastou-se do terreiro. Subiu a uma pedra alta, que havia. De lá podia contemplar a paisagem que renascia molhada, cheia de vida. Não precisava conhecer o significado das coisas para saber que o Cabeça de Boi acordava; ia viver outra vez... Não exagerava: se olhasse bem para o chão seria capaz de dizer que via a erva nascer, estalando o molhado... Esfregou as mãos satisfeito. Veio-lhe a vontade de nadar no riacho que descia roncando:

– Anda pra cá, Margarida. Que diabo tu está fazendo aí?

Ela não lhe deu ouvidos. O seu olhar errava longe. O ruído da chuva, ausentando-se, rolava sobre a mata como se fosse um trem indo distante.

A mulher se arrepiou àquela impressão e ao cheiro de fumaça, fumaça de trem, que havia perto dela. Era a

sopa que esquentara no panelão; fervia tanto que a tampa principiou a saltar. Desprendeu-se então do encantamento; firmou outra vez os pés no chão, largando os sonhos sem juízo. O marido lá fora continuava a esbravejar, cansado de andar aos pulos de pedra em pedra.

O tempo abrira. Muito a propósito – imaginou ela - para que homens e mulheres pudessem sair de suas casas a ver os efeitos da primeira chuva. Antônio, às gargalhadas, divertia-se observando Frederico.

– Ei, Margarida, olha o doidão! Vai já plantar!

Frederico, com a enxada na mão, consertava a terra; fazia regos, afastava pedras. Não queria perder tempo. Os outros que o olhassem, considerando-o exagerado ou doido. Era um prazer pisar novamente o chão molhado, enterrar o pé na lama, sentir o chão derretido espremendo-se por entre os dedos. Dr. Leandro podia preparar-se para a surpresa. Haveria de lhe comprar a terra. Não era homem para ter direito somente ao chão dos mortos. Queria mais do que sete palmos de terra...

Parou um pouco, para respirar. Que estaria fazendo o doutor? Na certa devia estar deitado na rede do alpendre, botando sentido no tempo. Aquele ano haveria fartura, fartura para pobres e ricos.

– Já está plantando, Frederico?

Não deu resposta ao vizinho. Voltou a meter a enxada na terra molhada. Agora sim, sabia que era feliz.

Dr. Leandro, depois de balancear os efeitos da chuva, bateu nos peitos, alegre:

– Essa chuva veio mesmo na hora. Eu já estava desanimado. – Virou-se para o interior da casa, alterando a voz.

– Manda um cafezinho, mulher, que agora a coisa vai. Não tem José Cândido que dê jeito.

Desencostou-se da mureta do alpendre e alcançou a rede. Era tocar para a frente o empréstimo do Banco do Brasil, perder o medo e tratar de trabalhar. Tendo água o Cabeça de Boi não lhe daria problemas. E imaginou a raiva do cel. José Cândido, sabendo agora que ele não ia entregar os pontos.

Estava nesses pensamentos quando a chuva voltou. Ainda como há pouco, caindo de leve até fazer-se forte, estrepitosa. As bicas, fartadas, voltaram a despejar nos potes, a transbordá-los num ruído cadenciado. Goteiras, uma aqui outra adiante, murmuravam os segredos da chuva. E ele, sem parar de pensar, dando balanço em suas disponibilidades, no trabalho por fazer na safra que poderia ter...

Após beber o café e estalar a língua repetidas vezes recostou-se novamente na rede, vendo a chuva cair lá fora. A cabeça enchia-se-lhe de planos. Era sempre assim quando o inverno chegava. Primeiro começava a pensar, a fazer castelos; depois, queria que Leonice viesse deitar-se com ele.

O ruído leve, de chinelas, o surpreendeu. Mesmo sem olhar para o corredor, ele podia apostar que a mulher lhe adivinhara o pensamento.

FREDERICO apanhou a xícara de café, num gesto sem vontade, impessoal. A mulher conhecia-lhe o procedimento. Bastava preocupar-se com os roçados plantados, para ficar ausente das coisas, como se habitasse outro mundo. A princípio, chegara a incomodar-se, discutindo a respeito do seu cismar sem tempo, sem motivo aparente. Aos poucos, entretanto, fora-se acostumando. Já o entendia melhor.

– Vai querer mais? – disse-lhe, vendo-o beber a última gota de café.

Não respondeu. Geralmente emudecia, imerso em fundo mutismo; e era o silêncio que o tornava inteiramente ausente da realidade. A mão que se estendeu para entregar a xícara já não parecia a mesma que a levara aos lábios, de tão lenta e sofrida. Havia em seus gestos calmos, mas tão diferentes um do outro, esquisito pronunciamento.

Rosinha sabia por que ele andava assim. O inverno decorria com mais de um mês de fartas chuvas, e o campo, que se estendia a poucos passos do terreiro da casa, estava cheio de flores e borboletas. Ela também se alegrara com a mudança do tempo, com o verde que desfrutava agora; o mato molhado, povoado de pássaros.

Levou à cozinha a xícara vazia e foi-se ocupar de seus afazeres. O ruído de panelas e colheres, que lavava e enxaguava, dava-lhe uma sensação de paz, de bem-estar. Frederico, ainda no terreiro, continuava a contemplar a paisagem que se alternava numa sucessão de tons verdes, ora mais claros, ora mais escuros. Soltou um prolongado suspiro, e como se no ar, que desprendera dos pulmões, estivesse o segredo de seu alheamento à vida, o corpo todo amoleceu, e ele tomou outra posição, achando-se mais tranqüilo. Foi a vez do cigarro, do fósforo aceso, da chupada funda. Depois de um momento, como o silêncio o tornasse indiferente, levantou-se; foi à cozinha, dizer à mulher que precisava ir à casa do Cabeça de Boi.

Tenho um assunto a tratar com o doutor – esclareceu-lhe.

– O que é?

– É a respeito daquela idéia. Acho que vou comprar a terra.

Ah! – pensou ela – era isso que o deixava longe dela, das crianças, da casa. Logo entendeu que o marido se preocupara ao receio de que o Dr. Leandro desconversasse. Ah! era aquilo então!

– Você se lembra mesmo do que disse o doutor?

– Me lembro, homem.

– Como foi que ele falou pra nós?

– Disse que a terra seria sua por nove mil cruzeiros. Não sei o tanto exato.

– Nove mil e setecentos cruzeiros, não foi?

– Isso mesmo. Ele até se assoou, na hora. Estava vermelho, de espirrar! ...

– Pois é. Então será minha. Tenho imaginado muito, mas estou chegando bem perto desse dia, dia de não ter mais patrão, ninguém pra mandar em mim; só Deus! – Houve uma pausa, enquanto a mulher, depois de encostar as pane-las ao pé do jirau, fechou a janela da cozinha, correndo a taramela. – Está pronta?

– É só passar um pente no cabelo. Vou com esse vestido.

– Então se avexe.

Saiu andando, vagarosamente, dando-lhe tempo de se pentear e cerrar a porta da frente.

– Frederico, não precisa você se preocupar tanto. Sempre ouvi dizer que o doutor tem palavra – comentou a mulher, empurrando a porta que custava fechar.

– Sei lá. Anda tudo mudado agora. Depois, pode haver uma reviravolta, o homem morrer. A gente está sujeito a essas coisas.

– O mais difícil era ter inverno bom, não era?

– Era.

Foram andando. Venciam o terreno acidentado cercado pelo mato crescido e verdoso, de folhas úmidas. Ha-

via na noite, que se estendia até a casa-grande, um saudar festivo; alegria da natureza, de bichos e insetos escondidos na escuridão.

Sobre as suas cabeças nenhuma estrela. Céu de inverno copioso, dos que fazem milagre da noite para o dia e deixam o homem feliz; céu que naquele instante era perscrutado pela ansiedade dos homens, principalmente pelo Dr. Leandro que estivera a ponto de desesperar à demora das chuvas. Agora, sentia-se igualmente feliz, recompensado pelas noites de vigílias...

Quando o dono do Cabeça de Boi baixou a vista para a estrada, julgou divisar dois vultos à entrada da porteira. Aquela distância seria difícil precisar se eram visitas, mas logo julgou reconhecê-los. E confiou à esposa:

– Devem ser Frederico e a mulher.

Antônio, que estava sentado a um banco, explicando o trabalho do roçado grande, aluiu-se. E antes que d. Leonice falasse, tratou de confirmar o que dissera o patrão. De fato, tratava-se do vizinho e da mulher. Escolhiam a noite sem chuva, como ele, para andar.

– Ele deve estar satisfeitíssimo. Desde o começo do ano que esperava um inverno de arromba – comentou Antônio, recostando-se à parede.

– Também pensava como ele – confirmou Leandro.

A chegada do casal, trocaram-se cumprimentos. Rosinha largou o braço do marido para apertar a mão do patrão. Vendo d. Leonice adiante, conversando com Margarida, propôs:

– Se não é segredo, eu vou pra lá.

– De maneira alguma, d. Rosinha – responderam as duas quase ao mesmo tempo. – Pode vir.

A mulher foi juntar-se às outras. Os homens arrumaram-se nos tamboretes. Leandro, pondo-se mais à vonta-

de na rede, adivinhara por que Frederico o fora visitar. Desde quando lhe prometera vender a coroa do córrego, sentira o caboclo decidir-se a amealhar o dinheiro suficiente à compra. Agora, nesse pensar, lembra-se de que Leonice julgara fora de propósito aquela idéia de tornar o empregado proprietário. "Se a moda pegar, meu filho, daqui a pouco eles só querem trabalhar ganhando um pedaço de terra." A mulher exagerava. Não era bem assim. Frederico servira ao velho Rocha, durante anos, com uma lealdade fora do comum. Era um bom empregado. E, depois de vinte e cinco anos de serviço, nada mais justo que desejasse ser dono de algumas braças de terra. Mal nenhum havia nisso...

– Como é? Juntou o dinheiro da terra? – indagou Leandro, emergindo de seus pensamentos.

– Quase todo, seu doutor.

Leandro reparou que Frederico não dissera "meu patrão". Eliminara o tratamento de dependência, sem se sentir. Era sintomático. Significava que estava em transição; passava de mero empregado a senhor de terras. Longe de zangar-se à involuntária desatenção do empregado, Leandro teve mais um impulso de simpatia por ele:

– Quer dizer que, com este inverno, você garante o dinheiro?

– Está mais do que garantido. Falta um pouquinho...

"Lá omitiu outra vez o tratamento respeitoso. Para este eu já não sou patrão", pensou Leandro que, com isso, sentia-se satisfeito. Bateu palmas pedindo um cafezinho quente para as visitas.

– O negócio é ser dono de terra, seu Frederico – declarou. E principiou a embalar-se como fazia quando a sua vida se alternava nos momentos de alegria e tristeza.

E bulindo com o empregado:

– Você vai deixar de ter patrão, não é?

– Não, senhor. Vou mudar.

– Mudar? Como?

– Deixo o senhor mas vou trabalhar pra Deus.

Todos riam. Frederico é que não viu motivo algum para a chalaça dos outros. Se tudo aquilo fora criado por Deus, Deus é que devia ser o patrão de todos. Ele não queria a terra para explorar ninguém... Não era como o cel. José Cândido. Ao contrário, ia trabalhar do mesmo jeito, desde quando o sol se levantasse até deitar-se outra vez...

– Eu confio em Deus, gente. Antes estar com Deus do que com o diabo.

– Correto, Frederico. Muito bem. – E Leandro querendo mudar de assunto: – Será que vai chover?

– Agora de noite?

– Isso mesmo.

– Daqui pra meia-noite chove. Quando vim pra cá, reparei o céu. Estava todo carregado, sem estrela. É bom sinal – confirmou.

Foi a vez de Antônio falar consigo mesmo. "O bestão vai novamente se mostrar". Ia dizer qualquer coisa a respeito, arrependeu-se. D. Leonice discorria agora sobre as dificuldades de uma grande cidade como Fortaleza. Não havia empregadas de confiança, comentava. A essa altura ele pensou que Margarida já estivesse num pé e noutro, pronta para dizer que estava às ordens da patroa. Levantou-se do tamborete, espreguiçou-se. O que queria era chegar perto das mulheres.

Vendo-o encaminhar-se em sua direção, Leonice falou:

– Perdeu alguma coisa, seu Antônio?

– Não, senhora. Estou botando sentido no céu.

– O senhor deu também pra adivinhar chuva?

Ele encolheu os ombros, desconfiado:

– Quem sou eu!

Margarida levantou-se, e indo ter ao marido, propôs:

– Se você está com receio da chuva, a gente pode voltar logo para casa.

– Eu acho melhor – concordou. – Pode chover de um momento para outro. – E justificando: – Está dando uma gripe danada aí no povo.

– Tomara que o Frederico não demore muito – disse Rosinha.

D. Leonice queria retê-las; a conversa ia tão animada!

– Pra que tanta pressa, gente? Vocês não estão sendo perseguidos pela policia! Onde já se viu disso!

– Eu cheguei faz é tempo – desculpava-se Margarida.

Vamos, Antônio. – E se dirigindo à d. Leonice: – Fico aguardando as ordens da senhora.

– Pois bem, estamos entendidas.

A saída, o Dr. Leandro estranhou que se retirasse com tanta pressa. Margarida arranjava uma desculpa enquanto d. Leonice voltava a insistir:

– Bem que podiam demorar mais. Já mandei fazer café.

Não podiam, disseram. Precisavam ir, pois podia chover logo. Saíram os dois, vagarosos e calados. Margarida caminhava à frente do marido, a respiração calma, alheia aos ruídos da noite. Antônio mal podia conter a raiva. Havia meses implicara com a idéia da mulher, que queria empregar-se na casa de Leonice, em Fortaleza. Pra que aquela tolice? Então, não se havia casado com ele? Mulher casada não tem vontade, não é bezerro sem vaca, que vai pra onde quer. Não via com bons olhos o jeito da esposa; não podia aceitar, nem de longe, que se separasse dele. Bem que podia sentir que ele amava-a. É verdade que apreciava a farra, mas mulher para seu gosto, melhor do que

ela, não havia. E por que aquilo? Não, não estava correto ir embora.

Aligeirou o passo; aproximou-se dela. Era aquele seu jeito, que punha no andar, que o prendia. As ancas cheias balançavam sem parar, de um para outro lado. Aquele balanço gostoso... O vestido descia justo, depois da dobra dos quadris, e encurtava ligeiro, deixando de fora as pernas grossas, excitantes.

Começou então a sufocar a raiva que lhe surgia do peito. Era a vontade que nascia, como tantas vezes, de passar as mãos nas formas da mulher, de lhe tocar em seus esconderijos. Margarida – sentiu vontade de dizer-lhe – se você me pedir agora mesmo que eu deixe de tocar violão, de farrear, largo tudo só pra ficar com você. Ah, mulherzinha querida, cheia de vida! Ah, seu diabinho!

Subitamente não se pôde mais conter. Puxou-a pelo braço. A mulher estacou e, se desequilibrando, arriou-se pesada sobre o seu corpo, os seios rijos tocaram-lhe o peito em alvoroço. Sem lhe deixar falar, ele abraçou-a com violência. Não era bem um abraço comum, de quem deseja amar, mas de quem quer se acabar amando.

– Que é isso, homem? – e tentou desvencilhar-se dele.

– Não! – foi quase um grito. – Não faça isso! Você não vai pra Fortaleza, ouviu?

Ela contemplou-o bem dentro dos olhos, encantando-o como cobra que tonteia bicho para comer. E deixou-se puxar por ele, submissa, tal qual a fêmea de um pombo. Não esboçou uma reação, não disse uma palavra; um estranho assentimento à posse havia nela, e um arfar de peito, quente, subiu ao nariz do homem.

O silêncio dela, mal comparando, pareceu a Antônio maior do que a noite enorme e escura que se desfazia agora em grossos pingos de chuva.

Quando as suas mãos lhe tatearam as vestes, afrouxando-lhe a saia estreita, até fazê-la escorregar ao chão, o chuveiro principiou a cair estalejando dentro da mata, e os envolveu.

FRAGOSO emergiu do escuro, no corredor, e apareceu na sala, os passos vagarosos, o corpo cansado, ansioso por descobrir o que se passava defronte da pensão. Encostou-se à janela, demorando a vista no ônibus estacionado ali. Seria aquele o carro de que lhe falara, outro dia, Zeca Paulino? São sessenta lugares – dissera-lhe o proprietário com os olhos vivos de ambicioso ladino – daqui para Brasília, de quinze em quinze dias. Cearense, arrematara, não é mais besta. Agora só quer ir para o sul. E ridicularizando-o: O Amazonas já passou, seu Fragoso!

Teria passado? Levou as mãos ao rosto, sentindo a barba áspera. E então? O homem parece que tinha razão. O Amazonas ficara distante, era o seu tempo, quando saíra dali enxotado pela seca à procura de melhores dias e fortuna. Voltara desiludido. Quantos anos passara no inferno verde? Quase vinte... Vinte anos, poderia dizer, para encurtar a conversa, sem que tivesse o conforto que somente mais tarde desfrutaria. Mulheres, durante todo o tempo em que lá esteve, conhecera poucas. Pasmassem os amigos, pois até de dama se fizera para animar as danças, pois no seringal, quando havia festa, homem dançava com homem. E o dinheiro? Quanto trouxera? Não adianta relembrar. A sua pequena fortuna está empregada naquela pensão que pouco vale agora. Quantos hóspedes tem? Nos últimos anos, não tivera mais de cinco, assim mesmo a maioria ficava por uma noite apenas, esperando hora de prosseguir viagem.

Reparou o movimento dos curiosos, muita gente ao derredor do veículo. Bonito carro, via. Tinha o registro da Inspetoria de Fortaleza, e a placa indicava que se destinava a Brasília. Mais embaixo, lia-se uma frase de propaganda:

"O EXPRESSO QUE CHEGA SEMPRE".

Zeca Paulino, de óculos escuros, a cabeleira bem penteada, dava explicações ao bando curioso. O ônibus lhe custara dois milhões de cruzeiros. Mas cada cearense que lhe ocupasse uma cadeira, com destino ao sul do país, pagaria mil e quinhentos cruzeiros. Acrescentava – e Fragoso podia ouvi-lo distintamente – que em pouco tempo estaria com o carro pago, de graça, pronto para adquirir outro, até formar a flotilha Fortaleza – Brasília. Não era otimista, dizia, apenas um homem que sabia onde metia as ventas. Por que ia ficar naquela cidade, a vida toda, a marcar passo? Era homem de ambição. Era aquele um negócio de primeira.

– Fico rico, enquanto vocês aqui empobrecem ou dão recado pra o coronel José Cândido.

Isso, pensou Fragoso, é comigo. Meteu a mão no bolse à procura do apurado do dia. Não ganhara, até àquela hora mais de quatrocentos cruzeiros. E se dizer que o outro, polcada passageiro transportado, empalmava só de ida, mil e quinhentos! Decididamente, Zeca Paulino tinha razão. O mundo sofrera uma reviravolta. Ninguém se enganasse. Empobreciam todos. Ele próprio sentia que já não podia dormir de pijama. Tinha que ser de cuecas, para ser feliz... Até a moda de camisa branca, engomada, abolira. Já não eram muitos os que podiam dar-se ao luxo de mudar uma camisa por dia. Nem doutor!

Viu Zeca Paulino aproximar-se da calçada da pensão. Deixara os amigos admirando o ônibus, as suas comodidades, e viera entender-se com Fragoso. Os dois, desde longa

data, cada qual a seu modo procuravam resolver os problemas da cidade. Pelo menos conversavam muito a respeito e algumas vezes se exaltavam tanto que era preciso a interferência dos amigos. Zeca Paulino tornara-se conhecido pelas duras verdades que dizia. "Não sou homem de panos mornos nem de meias medidas". E como fosse realmente independente, era dos raros homens do lugar que podia erguer a voz, com altivez, e criticar o cel. José Cândido.

Zeca Paulino foi chegando e abriu logo a boca:

– Acho que vou ser comunista. É mesmo um absurdo! Onde já se viu, seu Fragoso, um dono de sítio ter a coragem de pagar cinqüenta cruzeiros por um dia de trabalho! É uma desumanidade!

Sem deixar o outro falar, por aí foi explicando que chegava finalmente o tempo em que o pobre, conseguindo uma certa compreensão da vida, de seus direitos, não mais se sujeitaria aos ricos exploradores.

– Sabe o que aconteceu? Os ricos, estes continuam mais ricos. E os pobres... – fez um gesto obsceno – comem por aqui! Tampado!

– Quer dizer que você agora vai salvar o mundo! Naturalmente com o ônibus! – conseguiu dizer Fragoso.

– Ah velhinho inteligente! É isso! O ônibus vai ser uma oportunidade para os pobres. Quem quiser vai comigo para Brasília, ganhar dinheiro, ser feliz! Se não houver emprego na nova capital, dou um jeito. O sul se assanha todo por cearense! Sabe que nós somos machos, sabemos pegar na enxada, na pá, no diabo! – Batendo no ombro de Fragoso que esperava outra oportunidade para interrompê-lo: – Repara só o bruto! – referia-se ao ônibus. – Venderei todos os lugares!

Fragoso coçou a barba espinhenta. Não ia naquela conversa do amigo. Se fosse uma viagem para o Amazo-

nas, ainda vá lá que chovessem pretendentes! Mas para o sul do país, qual nada! Começava que nem todo mundo era doido para deixar sua terra e se aventurar no mundo! E logo com quem, com Zeca Paulino!

Pedindo licença para um aparte, disse:

– O negócio ainda é o Amazonas.

– Que Amazonas qual nada, seu Fragoso! Quem é que vai desperdiçar tempo cortando seringa, perdido no mato feito macaco! Essa era já passou. Qualquer matuto hoje em dia sabe que o sul oferece mais vantagem; paga melhor, dá regalia! E por cima de tudo – baixou a cabeça, unindo-a à do outro – tem mulher! O femeiro é pra valer! Mulher de voz estrangeirada não faz falta. E homem não precisa dançar com macho, como você fazia no Amazonas: dança é com mulher perfumada, cheia de dengues!

– Mas tem frio, e o frio mata! – insistia o hoteleiro.

– E no Amazonas – o outro imitava – tem cobra, e cobra mata de arrocho.

– Você não me convence! Tudo isso está errado. Querer comparar o "inferno verde" com o sul do país! É doido!

– Doido é você, homem. – E apontando para os curiosos que rodeavam o ônibus: – Olhe, a maioria ali não trabalha porque não tem emprego... Que terra é essa? Pagamos mal e passamos o dia bebendo cerveja pelos bares.

– Ah, isso não quer dizer nada! Naquele meio tem pelo menos uns dez preguiçosos, malandros...

– Malandros? Malandros uma ova!

– Malandros, sim! Existe muito serviço por aí. O Dr. Leandro está melhorando a fazenda dele. Dizem que desta vez a coisa vai.

– Vai nada! Não acredito nisso. Dono de sitio não tem peito pra pagar o trabalhador decentemente.

– Você é mesmo implicante. Agora mesmo o cel. José Cândido vai construir um açude...

– Um açude? feito pelo coronel José Cândido?

O tom de voz que se ouviu não deixara dúvida. Ao Zeca Paulino não era agradável o nome do chefe político. Mal o outro acabou de falar, acrescentou:

– Dez anos vive esse figurão como dono do município. Papa a quota do imposto de renda, interfere na dignidade da justiça, manda no agente da estação, mete o dedo em tudo. É mesmo engraçado! E ainda se diz que o Ceará tem governador. Tem não, seu Fragoso! Tem um gatuno em cada município.

– Não fale assim, homem. Podem ouvir.

– E eu com isso? Li no jornal muito mais do que lhe disse, pois não tenho inteligência nem ciência para tais julgamentos. E ficamos cada vez mais pobres! O povo não tem uma ocupação decente, uma fábrica, nada. Não passamos de biscateiros a levar e a trazer recado do cel. José Cândido.

Cuspiu o chão, com repugnância. E impressionado:

– Quer dizer que o cel. José Cândido vai construir um açude para salvar a nossa terra?

– Um grande açude! Foi a Fortaleza conseguir o projeto e a autorização para fazê-lo.

– É interessante. Esse homem nunca cuidou de fazer nada pelo município.

– Mas viu agora que precisa trabalhar pelo progresso da terra.

O outro franziu a testa, quase a fechar os olhos, e balançou a cabeça, desalentado:

– Não acredito. Por trás disso tudo deve haver qualquer sabedoria. Quem sabe se não está preparando uma armadilha para pegar alguém? Vá ver que é ciúme do Dr. Leandro!

– Não diga!

– Está dito – cuspiu outra vez.

– Quando é a primeira viagem do ônibus?

– Não sei ao certo. Queria marcá-la para a próxima semana. Assim já levava daqui um bocado de gente. Vou acabar, aos poucos, com os eleitores e criados desse chato do José Cândido.

Fragoso riu baixo a imaginar que tudo aquilo era bazófia do outro.

– Ria, seu macho. Vá rindo e depois não se arrependa.

– Em tom amistoso: – Mande trazer café para nós, que já estou farto de cerveja. – Arriou o corpo na cadeira, queixando-se de cansaço: – Acho que estou sofrendo do coração...

Fragoso virou-se para o interior da pensão; pediu café. Não tardou Rosaura vir servi-los. A criada, gordinha, mal cabia dentro da roupa apertada. Postou-se diante dos dois homens, achando que aquele Zeca Paulino, já, por duas vezes, lhe dissera chalaça. Contemplando-os, esperava que o amigo do patrão se decidisse olhá-la com segunda intenção...

Mas Zeca Paulino conservava-se distante, a comentar sobre o êxito de seu empreendimento, mostrando as vantagens da linha Fortaleza – Brasília. No espaço de um ano poderia transportar centenas de passageiros. Isto forçaria uma melhoria nos salários. Quem soubesse uma arte, um ofício, não ficaria ali.

– Está bom o café? – perguntou a empregada tentando fazer-se observada.

– Ah, muito bom!

Agora, Zeca Paulino via Rosaura, os seios túrgidos e mal contidos dentro da blusa de malha. Quem sabe se ela não gostaria de ir com ele para o Paraná? – pensou. Que

ganhava ali, dentro daquela pensão pífia, trabalhando até tarde da noite? Se aparasse os cabelos o diabinho haveria de passar por moça de melhores prendas..

– Quer mais café? – insistiu Rosaura, pondo meiguice na voz.

Aquiesceu num gesto amistoso. Repetiu a dose, embora não o desejasse. O que pretendia mesmo era espiar a moça, senti-la mais perto de si. Sorriu para ela, que lhe pagou com um riso trêfego, e perguntou:

– Faz tempo que você serve aqui, Rosaura?

– Mais de me....

– Uns três, não é?

É... – Recolheu as xícaras, debruçando-se para que os homens lhe vissem o colo. – Não repetem? – perguntou. Ninguém repetia. Saiu de perto deles rebolando as ancas amplas, enquanto as xícaras e os pires roçavam-se nas colherinhas, tilintando.

– Boa essa menina – comentou Zeca. Levantou-se com disposição de se ir. – Meu caro Fragoso, tenho o que fazer. O convite está feito. Considere-se intimado para a festa da partida do ônibus. Depois da sua inauguração, viagem de trem será viagem de matuto ignorante.

Abarcou o veículo com um olhar apaixonado, refreando a exaltação que sentia nascer dentro de si. O ônibus – não se enganassem os amigos – seria um ótimo negócio, um excelente emprego de capital. Melhor do que ter sítio na serra ou plantar em baixio... Haveria de vender todos os lugares para a primeira viagem. O povo andava insatisfeito. Era assim o cearense. Queria sempre viajar para algum lugar. Antigamente – fitava Fragoso que também se erguera da cadeira – aquele bestão havia ido para o Amazonas, como milhares de conterrâneos. Agora é Brasília. O homem vive de modas...

Despediu-se do hoteleiro, que o queria reter.

– Fique, homem. A prosa vai indo boa...

– Não, não posso. – E antes de arredar-se dali, rodando a chave do ônibus no dedo: – Fragoso, me diga... Onde vai ser construído esse açude do José Cândido?

– Não sei não, mas deve ser no Encantado. Por quê?

– Por nada. – E acrescentando: – Foi um pensamento que me veio agora.

– Acho que você não quer falar. Será medo?

– Medo? Medo de quê? Mas se você insiste, escuta lá: é porque nunca vi esse José Cândido fazer nada de útil pela nossa terra.

– Homem, você não devia falar assim. Bote uma peia na língua. O coronel é homem de bem.

– Enquanto eu puder, meu zumbido é esse. Quem não gostar que se dane.

– O coronel é seu amigo... – insistia o outro.

– Amigo do diabo! Eu só o tolero para não romper de vez. Não adianta inimizade.

Era assim, não havia jeito de se submeter às idéias dos outros. Implicava com Fragoso porque o amigo vivia a bajular o cel. José Cândido. E agora, diante daquela história do açude, ele punha-se a pensar... Vá ver que havia sabujice por trás dela.

Fragoso encostou a porta, correu a tranca; aprofundou-se no interior da pensão. D. Sinhá, no primeiro quarto, punha a colcha vermelha na cama. Cantarolando baixinho, desfazia as dobras da fazenda. Tão absorvida estava em seu trabalho que não viu o marido passar no corredor. Certo disso, o hoteleiro apressou o passo em direção à cozinha. Pisava de leve, bem de manso, porque não queria ser observado. Só ele sabia o que buscava. Desde que entrara para o serviço da pensão, Rosaura o atraía.

Por várias vezes lhe dirigira galanteios e a rapariga os aceitara, fingindo-se envergonhada.

– Virgem, o senhor é tão sabido!

Aproximou-se dela, na ponta dos pés, e agarrou-a. Durou apenas um instante aquele aconchego de corpos. Temeroso de que a mulher o tivesse seguido, Fragoso largou a empregada e foi à janela que dava para o quintal. Fingia observar o galinheiro, enquanto murmurava baixo:

– Não gostei do seu enxerimento pra cima do Zeca Paulino.

– Lá vai! Que enxerimento? – murmurava a rapariga.

Ele sabia que era sonsice dela.

– E então? Você pensa que eu não vi o seu derretimento pra ele? Que era aquilo senão danação sua?

– Eu sou moça. O senhor pensará que eu sou à-toa?

– Ora boca de moça!

Fragoso virou-se para o corredor; verificando que a esposa continuava no quarto fazendo a cama, aproximou-se da rapariga novamente. Segurou-a pelas costas, sentindo-lhe o corpo farto, apetitoso, apesar do cheiro ativo da pimenta-do-reino que recendia da carne que ela tratava.

Rosaura esboçou um movimento muito sem vontade para evitar aquele abraço, o que só serviu para assanhar o desejo ao velho. E ele, encostando-lhe a boca ao ouvido, lhe pedia meloso:

– Deixe, filhinha, deixe!...

Ela começou a sentir cócegas. Não pôde conter o riso. Queria controlar-se para não magoar o patrão que lhe tratava tão bem, e não pôde. Aquele “deixe, filhinha, deixe”, dito de um modo engraçado, suplicante, sabia-lhe mesmo divertido...

Pressentindo passos, o hoteleiro mais que depressa afastou-se dela. Pôs-se novamente à janela, virado para o galinheiro, a comentar em voz alta:

– Este galo precisa ir pra panela. Só serve para correr atrás de galinha.

Quando se voltou, Sinhá estava parada no vão da porta; de sobrecenho carregado. Seu olhar autoritário ia juntando até prender de todo, o riso frouxo da rapariga.

CORRIA tranqüilo o dia. Fragoso acabara de tomar o café da manhã e viera sentar-se à calçada na intenção de saber das novidades. Levantara-se tarde: o bastante para ver tudo com azedume. Consultou o relógio de algibeira, considerando que não havia razão para contrariar-se. Eram nove horas. Que poderia representar uma hora a mais ou a menos na vida da cidade?

Acomodado em sua cadeira de espreguiçar, de listras amarelas e azuis, rendia-se ao desejo, tantas vezes repetido, de reexaminar a sua vida. Não queria admitir que estava envelhecendo a olhos vistos, mas eram tantos os pronunciamentos da idade provecta que mal podia descrê-la. Completara em janeiro sessenta e oito anos. Não fosse a sua permanência no Amazonas, durante anos, certamente seria ainda um homem de mais capacidade e vigor. Ao pensar nisso lembrou-se do que lhe dissera o maroto do Zeca Paulino. O Amazonas era realmente uma terra do passado... Que ganhara durante o tempo em que lá vivera? Atentando bem, no balanço de vantagens e desvantagens, estas avultam em maior número. Ah, Zeca Paulino de uma figa! Ele sim, é um sabidão! Vai encher-se do dinheiro com a linha de ônibus, porque o sul é o novo Eldorado dos cearenses.

Balança a cabeça num gesto de desânimo. Que ganhara ficando na cidade, ao regressar do Amazonas? Qual o valor da sua vida, da sua pensão agora transformada em simples pernoite de motoristas de FNM? Não precisa ninguém lhe dizer que vai caminhando para trás. Empobrece. Não adianta querer lutar contra esse estado de coisas, iludir-se às relembranças agradáveis como a da visita do governador do Estado à sua casa. Recebeu-o – isso foi em 1950 – num banquete puxado a vinho português. Chegava um instante em que os trunfos de uma época são outros. É necessário mudar o jogo, apanhar novas cartas. E ele pode? Com que roupa?

Passa a mão pelo rosto; está suado. E se dizer que tomou banho há pouco para refrescar-se. Então acaba-se sem um gemido, de maneira tão inglória, ou vai fazer qualquer coisa? Que coisa?

Endireitou-se na cadeira, procurando jeito. Não satisfeito, estirou os pés, trepando-se num tamborete. Com o movimento descobriu um grupo de pessoas conversando na calçada do Taco de Ouro. Preparavam, foi o que julgou a distância, a fixação de uma placa anunciando a inauguração da linha de ônibus de Zeca Paulino. O maroto estava mesmo disposto a promover uma grande festa. Ninguém se iludisse com ele! Zeca Paulino era capaz de tudo. Finório por natureza.

Levantou-se da cadeira e avisou para o interior da pensão:

– Mulher, vou ao bar.

Encaminhou-se para o grupo. Os outros, à sua chegada, se afastaram, e assim ele pôde ver que se anunciava a partida do ônibus para o dia 23 de fevereiro. Era um domingo e coincidia com a feira, a última do mês. Os comentários, a meia voz, dividiam-se quanto à exploração no

preço das passagens e a duração da viagem, que seria incômoda. Mas havia alguns que, sem arrodeios, pintavam o dono da empresa como um sabidão, ansioso por enriquecer à custa dos ingênuos que não faltavam no lugar.

Fragoso, consultado a respeito, mastigava a sua opinião. Não queria meter-se no assunto. Afinal, Zeca lhe tratava tão bem...

– Vamos, seu Fragoso, dê a sua palavra. O senhor é experimentado em viagem. Conhece o Amazonas... – estimulou uma voz.

O velho emperrava indeciso. Afinal:

– Olhe, não quero me meter. Mas viagem é de navio. E é viagem barata. Esse negócio de ônibus não cola. As estradas são péssimas.

– Não senhor. Tem estrada boa. A BR 13 é especial! – esclareceu alguém.

– Bem, é meu ponto de vista. Vocês pediram, não é? Agora, numa coisa eu tenho razão: o ônibus vai carregar o pessoal daqui, deixar a nossa terra sem trabalhadores...

Benicio, que ia entrando no bar, com uma bandeja de batatas fritas, disse:

– Hoje a balança pesa para o lado de quem paga mais!

Houve um murmúrio de aprovação. E o velho Fragoso não se deu por vencido:

– É isso mesmo. Se Brasília pode pagar melhor, quem é que vai ficar aqui? Mas agora me responda: e nós podemos concorrer com Brasília? Brasília tem o dinheiro frouxo da nação. E aqui o nosso é chorado, de ponta de lenço... Tem mais, no sul tem frio, o frio mata!

– Ora, no Amazonas tinha índio e você foi pra lá! - chalaceou alguém.

– Mas o Amazonas é terra de fartura!

Gonçalves tomou a frente do grupo:

– Pois eu só não vou embora porque já passei da idade. Aqui – e apontou para dois amigos que o acompanhavam – o Pedro Aguiar e o Zé Sineiro, meus compadres, já compraram passagem. E eu pego uma aposta, seus bobocas, como vai sobrar gente querendo ir no ônibus!

– Não acredito numa conversa dessa – rosnou Fragoso.

– Pois abra bem os olhos, que vai ser mesmo assim como lhe canto as pedras. Tenho dois mil cruzeiros, aqui no bolso, escutando a história, como o ônibus vai sair lotado.

Os homens, admirados, entreolharam-se. O dono do Taco de Ouro, seu Benício, levantou a passagem do balcão; veio ficar onde os outros se reuniam. Como, então, havia alguém disposto a apostar dois mil cruzeiros? Não seria uma temeridade?

– Temeridade? Temeridade por quê? Vocês estão vivendo na época da pedra lascada. Esta cidade não anda mais para a frente, seu Benício. E isso que vocês, os que ainda têm dinheiro não querem ver, está sendo reparado e compreendido pelos pobres. A gente só sente a realidade quando ela nos toca. Dois mil cruzeiros: se quiserem, vou aos três!

– Se seu Fragoso tiver vontade de pegar a aposta, eu entro com mil cruzeiros. Não estou acreditando nessa história de ônibus lotado – propôs Benício.

– Pois se habilite quem desejar, ele ou outra pessoa. Façam uma vaquinha, podem correr a bandeja. Topo qualquer aposta. O ônibus do Zeca Paulino vai sair daqui tinindo de gente. E digo mais: é capaz de haver até briga entre os passageiros.

– É louco! – exclamou alguém.

– Ora louco! Vocês é que estão ficando caducos. Não caíram ainda na realidade das coisas. Que fazemos aqui? Vivemos sepultados em pé. Ganha-se pouco, a terra não

progride, ninguém vai pra frente... Tira partido quem está de cima na política. Os outros, de baixo, é na chinela...

– Pra mim – começou a falar o delegado, que se chamava Anselmo – se o cel. José Cândido estivesse na terra, acabava com esta linha de ônibus.

– Acabar com o ônibus? Acaba nada – disse Gonçalves, às gargalhadas. – O tempo da escravidão já passou.

– Pode acabar – ponderou Fragoso. – O homem está de cima. Foi a Fortaleza conseguir um melhoramento para a cidade.

– Melhoramento pra ele! Já se viu açude em terra particular servir pros outros? Melhoramento numa cidade é luz elétrica, serviço de esgoto, calçamentos... Bem, mas isso nada tem a ver com a minha aposta. Continuo querendo apostar dois mil cruzeiros. Arrede-se a política da conversa.

Concordaram todos. Fragoso não tinha o dinheiro, mas desejava apostar qualquer coisa. Dois mil cruzeiros, considerava, era muito. Anselmo e Otacílio continuavam indecisos. Não valeria a pena.

O dono do bar sugeriu finalmente:

– O melhor que vocês fazem é apostar uma rodada de cerveja. Assim, todo mundo confraterniza.

– Ah, você diz isso porque quer vender cerveja! – manifestou-se Gonçalves.

Riram todos. O homenzinho protestou; venderia a cerveja pelo preço de custo, contanto que se fizesse a aposta e houvesse animação. E por aí acertaram. Quem perdesse pagava a rodada de cerveja para os homens que estavam ali.

– Vejam bem – repetia Gonçalves – a vantagem é de vocês, pois se perco chio com todo o dinheiro, enquanto vocês repartem entre si. Mas vai por conta do meu otimismo. Não perderei.

Foi até o balcão seguido pelos homens. Fazia gosto ouvi-lo falar, um vozeirão. Era proprietário de uma pequena indústria de doces – aproveitava toda a banana que os sítios da serra produziam – e tinha a produção vendida na capital. Viúvo, levava uma vida de rapaz. Quase sempre parava ali, no bar, a estirar conversa, discordando da política local, ou a transmitir novidades escutadas às emissoras da capital.

– Bom, vou descansar meus ossos na minha espreguiçadeira e aguardar a cervejada anunciou Fragoso.

Pode ir, velhinho – falou Gonçalves.

"Velhinho uma ova!", pensou o hoteleiro. Mas riu. O outro é quem lhe fornecia doces para a pensão. A última remessa ainda estava em débito. Saiu de perto dos homens ruidosos Não queria acreditar no otimismo de Gonçalves. A vida corria tão boa... Desceu a calçada, atravessou a rua, dirigiu-se à pensão. A calçada estava Margarida, esposa de Antônio.

– Que há com você, criatura? – foi-lhe perguntando.

– Seu Fragoso, vim conversar um particular com o senhor.

– Um particular? – admirou-se o hoteleiro.

– Sim, senhor.

"Que será que ela vai querer comigo?", pensou o homem. Apontou-lhe uma cadeira, e enquanto a mulher se sentava, cruzando as pernas, acomodou-se também na espreguiçadeira. "Diabo, não é possível que ela vá conversar com essas pernas abertas.

– Nem sei por onde comece, seu Fragoso.

Notando o olhar do hoteleiro dirigido às suas pernas, puxou rapidamente a saia, compondo-se.

– Arranje um meio de falar.

Houve um silêncio de talvez um minuto. Fragoso sentiu o cheiro da mulher atraente e perigosa que tinha dian-

te de si. Reparou novamente, sem poder despregar os olhos, quando ela voltou a cruzar as pernas... Corriam histórias a seu respeito, que era leviana, que...

– Preste atenção, seu Fragoso. Eu já estou falando.

– Estou escutando. A gente escuta é com os ouvidos.

– Estou precisando do senhor, pois resolvi ir embora.

– Ir embora? – admirou-se ele. – Seu marido sabe disso?

– Sabe e não sabe. Como ele tem uma vida de farra com as negras dele, também tenho cá os meus direitos de fazer o que bem entendo. Ou não tenho? – encarou-o dentro dos olhos.

– Bom, isso depende da sua maneira de pensar. Nada tenho a ver com a sua vida. Mas, esposa é esposa; deve submissão ao marido.

Ela enfadou-se:

– Ah! O problema é meu.

– É da senhora, mas veja bem o que vai fazer...

A mão dela veio rápida para a frente dele como se tentasse conter-lhe a voz. E Fragoso foi-se calando, até render-se por completo. Que tinha ele com a vida dela? Se queria ir, se danasse!

– Mas o Antônio – tentou insinuar ainda o hoteleiro.

– Ele vive de violão, tem mais duas mulheres... O senhor compreende. E eu quero ir embora. Quero ser empregada em Fortaleza, gozar a minha vida. Gozar a vida, entendeu?

– Credo! – Fragoso benzeu-se.

– Não se espante não. E vim para o senhor me completar a passagem. Já tenho duzentos mil-réis. Com mais cem, me arranjo.

Ele tentou novamente:

– Não se zangue, mas será que a senhora não vai pensar mais um pouco?...

– Já pensei demais, seu Fragoso. Que implicância!

– E se Antônio souber?

– Não vai se importar. Com tanta mulher no mundo será que fará questão por minha causa?

Fragoso demorou a vista nos seios dela, no corpo cheio que se adivinhava por baixo do vestido leve e barato. Ali estava uma mulher, pensou, que sabe o que quer. Com os atributos físicos que possui, não andará muito para encontrar um homem que se engrace dela. Se ele fosse mais moço... Empurrou a idéia safada para dentro de si mesmo, lembrando-se primeiro de Sinhazinha, depois de Rosaura.

– Olhe, venha buscar o dinheiro, amanhã. Eu agora não tenho. Se sua viagem depender somente disso, você já está lá.

Ela acercou-se dele. Ficou-lhe perto, debruçada para a frente, e ele fazendo que não via, mas vendo, a covinha entre um seio e outro, no decote indiscreto.

– Veja bem, seu Fragoso, não diga a ninguém. Essa minha conversa é segredo. Depois, Antônio pode saber...

Da minha boca não saberá nada. Posso jurar.

A voz saiu-lhe baixa, comprometedora, com aquela tonalidade que acumplicia as criaturas.

JOSÉ Cândido, após servir-se dos salgadinhos no carro-restaurante, regados por duas cervejas geladinhas, a pretexto de espantar o calor voltara a ocupar a sua cadeira no último carro da primeira. Enquanto o trem corria, ele imaginava... Naquele momento os amigos mais íntimos, estar-se-iam movimentando para recebê-lo na estação; Imã, em casa, já teria recomendado ao motorista que enchesse o tanque do “jeep”. Ela, entretanto, não iria à

estação. Não gostava do sacolejo do veículo. Preferia cuidar da mesa, aprontar o jantar para servi-lo. Por volta das oitos, os amigos, satisfeitos pelas novidades, regressariam às suas casas. Sentia-se feliz, muito feliz. Quando ficava assim, chupava a fumaça do charuto, vagarosamente. Era senhor de sua vida, dono de quase oito mil eleitores, bem casado, e o homem de maior prestígio no município. E o inverno? Haveria inverno naquele ano? Tirou do bolso do paletó um palito e principiou a esgravatar os dentes. A passagem ressequida que fugia, lá fora, pela janela do carro, não queria dizer nada. O inverno haveria de chegar, tardio, mas chegaria...

Remexeu-se no banco inconfortável; cerrou os olhos como gostava de fazer, e foi-se deixando penetrar pelas lembranças que o haviam perseguido nos últimos meses. E viu o Catoré sendo construído, aquela azáfama de cassacos tangendo animais; o pó subindo aos céus, o ruído de picaretas e latas.

Quantos metros dágua represaria? O projeto previa uma bacia hidrográfica com a capacidade de quase cinco milhões de metros cúbicos... Mora o açude do governo, na cidade, o dele seria o maior. Maior no prestígio, maior na importância dos negócios, maior na sabedoria, maior também no açude! Abriu-se num riso lento em que se podia pressentir um arrepio de maldade. Ah, com ele ninguém podia! Todo mundo ia pensar que o açude era um simples melhoramento da propriedade, mas qual! Ele precisava mesmo era colocar o dono do Cabeça de Boi em situação melindrosa! Ah! Depois não dissessem que tinha culpa! Por que Leandro voltara ao sítio? Devia ter ficado em Fortaleza, e ele até teria concorrido para a sua vida desregrada... Contanto que não viesse aporrinhá-lo, querendo retomar o prestígio que perdera por ocasião da morte do velho Rocha.

Dr. Leandro... Doutor do Boi! Não ia deixar que o vizinho botasse a cabeça de fora, e o ameaçasse. Isso nunca! Por isso está preparado com um plano diabólico. Mete-lhe o açude na testada da fazenda, come-lhe a terra, e o outro que estrebuche sem resultado porque agora quem manda na política é ele. Então, será que o idiota não conhece o prestígio do Cel. José Cândido?

Bate as mãos nos peitos; toma forte a respiração. O ar que se mete de trem adentro é quente. Se não chovesse – pensou – ia ser o diabo! Perderia todo o seu trabalho feito cm Fortaleza, na Secretaria de Agricultura, até obter a aprovação de projeto do açude. Ah, tinha muito o que contar! As passadas que dera, tudo em vão, a malícia posta na conversa para convencer o bestão do desenhista! Férias para o menino, uma ova! Vai é acochar o Dr. Leandro. O filho do velho Rocha terá de vender-lhe a sua rica propriedade, enfiar a vila no saco, e retirar-se para Fortaleza. Expedientes idênticos já utilizara antes, e por tais circunstâncias é que chegara à glória de ser o mandão do município. O prefeito, o delegado, o próprio juiz manobravam-se por suas ordens.

No momento exato em que José Cândido pensava nos amigos, estes, indo esperá-lo na estação, paravam a meia distância dos trilhos.

– O trem vem na hora, seu juiz! – falou o delegado, arrotando. – O primeiro sinal é esses meninos, com os tabuleiros na cabeça, sentados nas calçadas... – Manejando o rebenque, que se sabia esconder um punhal, afugentava as moscas. – E até milagre! Esses trens do Ceará só andam atrasados.

– E por isso! O Zeca Paulino vai encher a burra com o ônibus.

– Que ônibus?

O juiz ignorava a novidade. O delegado deu outro arroto.

– Ah! – queixou-se – essa cerveja está-me fazendo mal!

– E passou a explicar que Zeca Paulino havia comprado um carro de luxo para fazer a linha de Brasília.

– E inacreditável! – repetia o juiz.

– O homem é baludo, cheio de dinheiro. E imagine – acrescentava Otacílio – o Gonçalves apostou dois mil cruzeiros como vai sobrar gente. Todo mundo está querendo viajar no ônibus.

– Essa não! Acredito o quê!

– Bom, se o ônibus enche eu não sei, mas que os apostadores vão tomar cerveja, é certo.

O prefeito, Júlio Andrade, principiou a rir. Aquilo não passava de uma idiotice. Ele mesmo é que não tinha o seu dinheiro para investir num ônibus. E logo para que, dizia, para carregar matuto! Qual o quê! Com dois mil contos ele faria uma casa! Reparassem bem no juízo de Zeca Paulino... Era aquilo um fim de mundo.

– Ora fim de mundo! – murmurou Otacílio. E ajuntou:

– E o progresso que chega ao sertão.

– Já existe alguém comprando passagem?

– Ora se tem.

– E inacreditável!

– Imagine, senhor juiz – a palavra estava com o delegado – o velho Fragoso falou muito a respeito da inauguração da linha, achando que vamos perder os braços válidos.

O juiz olhou para o bico dos sapatos sujos de excremento de cavalo. E, a esfregar os pés, limpando-os, manifestou-se:

– Fragoso é um velho chato, não entende disso. Na certa andou conversando com o Zeca Paulino, que é um tipo perigoso. Tenho pra mim que esse Zeca Paulino é co-

munista. Em todo caso, a agricultura vai sofrer um bocado com o êxodo.

Quando pronunciou a palavra agricultura imaginou que se dissesse José Cândido, ter-se-ia expressado melhor. Afinal

de contas, o prejudicado naquilo tudo era o seu protetor político. O ônibus penetrando na cidade, semanalmente, com notícias de centros mais adiantados, onde havia maiores possibilidades, aguçaria a curiosidade, o desejo de aventura já manifesto no povo.

– O Dr. Marcos acredita que essa linha de ônibus, para o sul, dê certo?

– Tenho cá meus receios. No entanto, não será mau negócio. Zeca Paulino é um finório, de corpo inteiro. Vai meter-se com toda a lábia que tem a aliciar gente para Brasília.

– Tudo pode ser, sr. Juiz.

O delegado consultou o relógio. Virando-se para o prefeito, que se mantinha casmurro, perguntou:

– Sua hora confere?

O outro reparou o mostrador do relógio de pulso e confirmou simplesmente:

– Deve estar certo. São quatro horas.

O trem apitou ao longe. Os meninos alvoroçaram-se pela estação. Ao grupo vieram ter outras pessoas que se encontravam ali por perto Desejavam informações a respeito do coronel, se na verdade chegava no horário e se fora bem sucedido.

A composição não tardou. Avançou rente à calçada, a locomotiva chiando, soltando fumaça e despejando água quente, e foi-se imobilizar sob um ranger de freios que suplantou, por instante, o vozerio que andava solto pela estação.

O segundo passageiro a aparecer à porta do carro foi José Cândido. Descobrindo os amigos, abriu-se num riso largo, de contentamento, e logo se dirigiu para eles. Pelo charuto preso aos dedos da mão direita, o raciocínio dos amigos foi unânime: o dono do Poço Encantado saíra-se a contento.

– E então, tudo bem? Pelo charuto a gente já está sabendo que a coisa correu bem – disse o juiz.

– E não haveria de correr?

Abraçaram-se. José Cândido ansiava por notícias da terra. E como o interesse dos outros se tomasse maior pelas novidades que trazia, começou a explicar, detalhando com exagero o que considerava a "batalha do açude". Via-se que aumentava a narrativa, a propósito, valorizando o seu prestígio.

– A hora crucial da luta foi ontem. Tive que usar da minha força, mostrar a funcionários bingas o meu prestígio.

Ah, mas vejam só o que aconteceu. Fui ao Palácio da Luz entrevistar-me com o governador. Disse-lhe as últimas! "Olhe, doutor, pertenço ao seu partido mas devo ser respeitado. Não sou menino de recado. Tenho quase dez mil eleitores!" Foi água na fervura. Correu gente pra todo lado e no mesmo dia obtive o projeto do açude, aprovado! Ouviram? Aprovado! Botei tudo num rebolado danado. Ô gente frouxa só é político de capital!

A risada foi geral. O charuto caiu da boca de José Cândido, que se desmanchava em uma gargalhada gostosa. Mal contendo a hilaridade, ajuntou:

– Perdi o charuto mas valeu! – E enquanto batia o pó da viagem que se guardara na roupa: – Que novidade temos por cá, Dr. Marcos?

– Quase nada – respondeu-lhe o juiz. – O inverno ainda não mostrou a cara.

– Se não chover vai ser um desastre. Mas acho que vamos ter muita chuva.

– Vamos mesmo – acrescentou Anselmo.

– Outra notícia – pedia José Cândido – que não seja pessimista.

– Bom, de notícia nova, não digo boa, só a do ônibus...

– Que ônibus?

– Então, você não sabe? O Zeca Paulino comprou um gostosão para fazer a linha Fortaleza – Brasília, partindo daqui. E um carro pra homem nenhum botar defeito. Custou mais de dois milhões de cruzeiros.

– O quê? – espantava-se o chefe político. – Dois milhões? Que doidice é esta?

– Não é doidice não. E verdade.

– E tem despertado muito interesse?

– Não se pode garantir isso, mas já correm apostas como vão sobrar passageiros.

José Cândido botou a mão no ombro do delegado. Em voz baixa, confiou o seu receio:

– Sabe, isso não é muito bom para a cidade... tampouco para mim.

– O velho Fragoso já cantou essa pedra.

– E está com a razão – voltou a confiar José Cândido.

– Vocês já imaginaram se o Chico Sã, o mecânico da minha fazenda, descobrir que pode ganhar em Brasília três

vezes mais? Vai embora! Não fica não! Vai perder-se muita gente. Soube em Fortaleza que os jornais já estão falando contra os paus-de-arara, esses caminhões que levam retirantes do Nordeste para o Sul. Se o Presidente da República não abrir os olhos, acaba-se tudo! Vamos ficar sem braços na agricultura. Esse Zeca Paulino é mesmo um caso de polícia.

Encaminhou-se para o jipe. O motorista veio apanhar a bagagem resumida a uma maleta, e deu ao patrão as

notícias da família. D. Ilná ia bem; Robertinho caíra do cavalo, uma queda sem importância, e nada sofrera, apenas escoriações.

– Vocês não querem ir comigo? – convidou José Cândido.

O prefeito agradeceu. O juiz secundou-o, desculpando-se. Precisava estudar os autos de um processo que lhe havia chegado às mãos ao sair de casa.

– Bom, se ninguém vai, eu vou – decidiu-se Anselmo.

– Suba do outro lado. Vamos conversando. De dois o caminho encurta. – Virando-se para os que iam ficar, anunciou: – Mais tarde eu dou um pulo no Taco de Ouro para outras novidades. – E mordendo a contrariedade que não podia conter: – Não gostei dessa história do ônibus. Isso não me cheira bem. Até logo.

O carro arrancou, zoadento. Avançou pela rua principal, dobrou adiante para alcançar a praça da Matriz, e ganhou o caminho do Poço Encantado.

– Tem um cigarro aí? – pediu a Anselmo.

O amigo remexeu os bolsos. Achando, ofereceu-lhe um maço de "Princesa":

– Não é dos caros mas serve.

– A gente estando seco tudo serve, até carrapateira.

O outro se interessava, cordial:

– E o nosso açude, o Catoré?

– Tudo às mil maravilhas. Desta vez o Dr. Leandro terá que se mudar daqui. Pensa que é mais inteligente do que eu, mas se engana. Com a história de melhorar as culturas do Cabeça de Boi, o que deseja é virar o mandão da zona, candidatar-se a prefeito, cortar as minhas asas! Corta não. Está aqui pra ele! – e fez um gesto obsceno com as mãos.

O delegado riu.

– O senhor tem cada uma!

– Pois é, seu Anselmo. Quem trata dessa matutada toda sou eu. Sou eu que me rebolo para Fortaleza, que arranjo nomeações, remédios de graça, o diabo! Não é justo. Ou ficam comigo, ou esbodego tudo.

Calou-se. O jipe entrou a pular num trecho pior da estrada. José Cândido agarrou-se ao varão do assento e nem ouviu o comentário que Anselmo fazia a respeito da política. Antegozava a alegria de ver as águas do açude Catoré invadindo a propriedade do vizinho, prejudicando-o. Haveria de continuar sendo, por toda a vida, o senhor daquela zona.

COMEÇOU a chover de madrugada, uma chuva miúda, indecisa. Fragoso acordou pelo ruído, que lhe era familiar, batendo na telha e chiando na biqueira da pensão. Ficou quieto na rede, imaginando que o inverno chegava. Não acreditava fossem faltar as chuvas naquele ano. Muitas, agora mesmo, estariam caindo por toda a região, molhando o mato e as casas. Conquanto não fosse um homem aplicado ao trabalho agrícola, alegrava-se com o início da invernada. Era sinal de que dentro dos próximos meses haveria fartura, milho e feijão verde à beça na feira.

Ouve o ressonar de Sinhá deitada na cama de espaldar alto, metida sob lençóis. Ela não está sabendo que a chuva cai lá fora, mas se ele tentar levantar-se da rede, despertará de repente. Tem sido assim, amiúde. Então, desde que Rosaura viera empregar-se na pensão, a mulher passara a vigiar todos os seus passos, como se .1....

Fragoso remexe o corpo na rede funda. A chuva suspendeu naquele instante mas a água continuou a es-

correr chilreando pela bica de flandres. A pensão é um túnel silencioso. A não ser o balir da chuva, indo longe, nem mais outro sinal de gente viva ou de bicho se mexendo. Rosaura – à lembrança da moça o hoteleiro sente um arrepio de prazer – deve estar deitada no último quarto, a porta entreaberta, atenta ao primeiro chamado de "faça um cafezinho quente".

Não sabe quanto tempo demorou pensando nela. O fato é que não tardou a chover outra vez, com impetuosidade. E nem assim Sinhá acordou, entregue a um sono de pedra. Podia escutar-lhe o ressonar forte, entrecortado às vezes. Virou-se na rede e muito a propósito criou rumores, estremeceu os punhos desta para que retinissem as correntes nos armadores. E a mulher continuou dormindo.

Vagarosamente, escorregou as pernas para fora da rede. Com a ponta dos pés alcançou os chinelos de crepesola. Com eles, estava certo de poder sair dali sem fazer o menor ruído. Balançou a rede outra vez; as correntes vibraram, e Sinhá, ainda desta vez, nada percebeu.

Então, imaginou Fragoso, era aquela a hora de aproveitar a chuva, o sono forte e a empregada apetitosa. Havia noites em que mal podia conter aquele desejo de deitar-se com a rapariga. O homem era diferente da mulher. Mesmo quando caminhava para o ocaso da existência, como era o seu caso, uma ou outra vez ainda podia reunir forças para uma noitada de amor... E ele não se considerava batido pela idade. A prova era a danação que sentia pela rapariga.

Pôs-se de pé ganhando confiança em seus gestos. A saída do quarto, ao abrir a porta que dava acesso ao corredor, parou, suspeitando que a esposa fingisse dormir, atenta aos seus movimentos. Ficou parado no escuro cheio de silêncio, colado na parede fria. Bem, pensou, se ela acor-

dar, dou-lhe uma desculpa. Estava com dor de barriga... E como não houvesse o menor rumor dentro do quarto, decidiu-se afinal. Já que estava com disposição e tudo lhe corria propício, era ir. Lentamente, às apalpadelas, desviando-se da mesinha do corredor, onde punha as quartinhas de esfriar, chegou à sala de jantar, e desta passou à cozinha. De lá podia ver o quarto da empregada.

Ao passar pela varanda recebeu no rosto os respingos da chuva que penetrava pela grade. Era um chuveiro forte, repassou, desses que rapidamente empapam a terra. Ouvindo-o e sentindo-o mais perto, principiou a considerar a fartura que trazia. Mas estacou, de súbito, julgando que alguém – talvez a esposa – houvesse se mexido na cama, rangendo-lhe as molas. Prendeu a respiração, o ouvido preso àquela escuridão que desabava dentro da casa, salpicada de chuva. Ninguém se bulira, observou tranqüilo. Novamente encorajado seguiu direito até os aposentos da moça. A porta, como previra, mantinha-se entreaberta. Ela deixava-a assim, para ouvir as ordens do expediente noturno.

O coração de velho principiou a bater forte, amedrontado, invadido por incontrolável receio. Se a esposa acordasse naquele momento e o descobrisse no quarto da empregada? Afinal de contas sempre mantivera a sua linha, defendendo os princípios morais... Mas, era o diabo! Sabia que não era correto e que não poderia justificar-se fosse pilhado de cuecas!

Apurou o ouvido. Verificou que havia apenas o silêncio. Intimamente começou a pensar que se por um lado Sinhá recriminasse o seu impulso de transviado, por outro os amigos do Taco de Ouro haveriam de desculpá-lo. “Isso é coisa de homem! Homem foi feito pra mulher!” E não era mesmo?... Ele estava precisando

de agarrar um pitéu daquele, cabrochinha cheirosa, cheia de dengues...

Empurrou a porta, que rangeu abrindo-se toda. Diante de seus olhos cúpidos e nervosos, já acostumados à semiescuridão, avultou a rede de fios em que se afundava o corpo da empregada, que logo imaginou despido. "Meu Deus, a hora é essa." Pé ante pé, avançou para o meio do quarto, o coração lhe batendo forte. Próximo da rede, tomou bem funda a respiração. Subia-lhe às narinas um cheiro sadio de mulher, cheiro que parecia desprender-se dos seios da moça, ou de algum lenço guardado neles. Com os olhos abertos procurou descobrir o corpo nu, mas se decepcionou. Rosaura vestia um camisolão frouxo, aberto no peito. E enfiou a mão trêmula na rede, entre as varandas, até sentir em seus dedos, num arrepio de prazer, o corpo que o tentava.

Houve um estremecimento, um palpitar na moça. Temeroso, ele retirou a mão, mal contendo o tremor que o acudiu. Depois de um instante – em que se manteve distante – procurou certificar-se se chovia ainda e se Sinhá continuava a dormir. Satisfeito com o silêncio que havia, arriscou-se a nova excursão àquele esconderijo cheio de surpresa. E, sob irrefreável excitação, chamou:

– Rosaura...

A moça estremeceu-se dentro da rede.

– Rosaura – repetiu.

As duas mãos do hoteleiro tatearam o fundo da rede, tocaram o colo da moça, roçando-lhe o bico dos seios.

– Rosaurinha...

– Hem? – a voz da mulher, sonolenta, arrastava-se.

– Sou eu... – E, se debruçando sobre ela, sem saber o que lhe dava tanta audácia: – Sou eu, meu amor.

Agora, já não podia conter-se. Empolgava-se por estar ali, podendo passar as mãos sobre um pitêuzinho da-

quele!... Sempre desconfiara que não sendo virgem, ela haveria de lhe permitir mais do que uma ou outra palmadinha atirada às escondidas. Só lamenta o tempo que perdeu, roçando-se nela, como se fosse um mancebo apanhando mulher pela primeira vez. Na verdade, não pudera ir mais adiante... Temia Sinhá; Sinhá era viva! Via tudo, estava em todos os seus gestos e olhares. Começa a rir ironicamente. Sabe que a situação mudou. Sinhá dorme, não pode vigiá-lo. E ele vai aproveitar-se de Rosaura, que é moça, que tem vida, que tem carnes rijas...

Com os lábios indecisos, trêmulos, procura o rosto da rapariga que se bole na rede entre dormindo e acordada. E é o seu corpo pesado de sono que ele agarra vigorosamente, comprimindo-o de encontro ao peito.

– Rosaura, minha flor, minha rosa de Jericó!

O hoteleiro está alvoroçado. Qualquer coisa no sono da mulher – que lhe parece fingido – rende-lhe uma dupla emoção. E como se ela o fizesse, de propósito, para tenta-lo. A chuva, o escuro, a rede, e agora aquela matreirice feminina, açulam os seus instintos.

Abre os lençóis; quer descobrir por inteiro o corpo que deseja. E sem se conter vai atirar-se sobre Rosaura. Mas que diabo! Não perdeu de todo o receio. Se Sinhá acordar? A chuva está diminuindo – observa assustado – tornando-se leve sobre o telhado. O chiado na bica de flandres quase sumiu... Sinhá é capaz de vir pelo escuro – começa a pensar – para encontrá-lo no quarto da rapariga. "Tolice, Fragoso. Você está com medo!... E o medo é a ruína do homem". Sente então, necessidade de reagir. Não pode ficar naquela indecisão. Já que está ali é ir para a frente...

Deita-se suavemente na rede; cola o seu corpo no da rapariga, que parece despertar. As suas mãos trêmulas

descem à procura da intimidade feminina. Há um cheiro, um perfume, uma coisa indefinida que o entontece...

– Minha filha, me ajude!...

– Ah!

– Acorde, meu bem.

– Ah!

Ele quer o rosto da mulher; é preciso beijá-la, tê-la em seus lábios. Mas de súbito duas mãos fortes, que mal acredita sejam dela, lhe batem de encontro ao peito, repelindo-o com violência. Nos curtos segundos que durou a cena, não pôde aperceber o que acontecia. Mas o gesto da rapariga repetiu-se com mais energia, e o hoteleiro, perdendo o equilíbrio, foi atirado ao chão.

– Pra fora, velho enxerido!

Fragoso, atordoado, principiou a tremer. Não sabia porque ela o repelia. Levantou-se, cambaleando, e tartamudeou:

– Isso é coisa, mulher... Você me empurrou que quase me desmantelo todo!

A voz dela vibrou no escuro como uma chicotada:

– Pra fora, velho chato!

Ele estremeceu, surpreso. Aquela criatura enlouquecera! E se mostrando delicado, queria consertar:

– É o Fragoso, filhinha...

– Que filhinha, que nada, seu velho fresco. Se bote daqui pra fora, já!

– Mas você não deixou que me deitasse?

– Pensei que era outra pessoa! Vê lá se eu gosto de velho!

Ah, então era aquilo! Havia outro, algum janota que se metia com ela, em sua pensão, todas as noites, num desrespeito a ele. Quem seria? Zeca Paulino? Benício?

Zangou-se:

– Você é mesmo urna rapariga sem-vergonha!

– Dê o fora!

– Não dou, ouviu?

A voz dela soou calma, vagarosa:

– Olhe, se o senhor não sair daqui eu grito chamando d. Sinhá. – E principiou a contar: – Um... dois...

Vacilante e estremunhado o hoteleiro resolveu retirar-se. Estava revoltado, arrependido. As suas costas, ela dizia:

– Vá-se aninhar no seu bofe velho, seu safado!

Tapou os ouvidos com as mãos. Tinha pressa de chegar ao quarto; subtrair-se àquela humilhação. Nem sabe como venceu a distância que ia dali aos seus aposentos. Procurou a rede, sentou-se nela, trêmulo, o rosto em brasa. Nesse momento Sinhá se mexeu na cama. ~e, mais que depressa, prendeu a respiração, temendo acordá-la. Não demorou muito, a voz da mulher fez ouvir-se no escuro, delicada e tímida:

– Fragoso? Você está aí?

– Estou – murmurou ele. Na verdade não tinha ânimo para falar.

O silêncio desabou outra vez sobre eles. A chuva voltou a cair exacerbando ruídos, chiando na bica, estalando no cimento da calçada. Sinhá – até aí ele não percebera – estava-o querendo deitado com ela, e aquilo, considerava a mulher alarmada, só podia ser tentação do demônio. Há quanto tempo não desejava o marido? Principiou a raciocinar, como se falasse consigo mesma. Era a chuva, ou talvez o frio que lhe despertava a vontade de ter um homem em seus braços.

Fragoso... – sua voz era um sopro.

– Hem?

– Vem cá. Estou com tanto frio.

O homem levantou-se da rede sem entender aquele convite. Frio? Estaria fazendo tanto, a ponto de ela preci-

sar dele? Teve vontade de não ir, de recostar-se outra vez... Principalmente porque a decepção ainda fervia em seu coração.

– Fragoso... – insistia ela. – Vem cá.

O hoteleiro foi sentar-se na cama, sem vontade, constrangido. Apanhou o lençol para cobri-la, e já ia reclamar, perguntar se ela adoecera, quando Sinhá, com uma voz de quem cai em pecado mortal, pediu:

– Me abrace, Fragoso. Me abrace!

A chuva recrudesceu forte como se mil bichinhos desatassem a correr pelas telhas; na área interna da casa nasceu um ruído de potes transbordantes, fartos dágua, num prof-prof grosso, surdo, que se alternava com o rumor das goteiras.

Quando Sinhá sentia o corpo quente do marido, naquele quente que parecia um milagre assim posto nele, apertou-o em seus braços. Era feliz, ansiava confessar-lhe isso. E sem nenhuma vergonha, sussurrou ao seu ouvido:

– Oh, Fragoso! me perdoe... eu pensei que você já não tivesse mais calor.

A ÁGUA, que escorria pelos jacarés, estalava no cimento da calçada com estridência. Os meninos – havia alguns de calção mas a maioria banhava-se na chuva como Deus os pusera no mundo – alvoroçavam-se sob a água que se despejava, numa gritaria que punha inveja aos mais velhos. Pelas coxias descia a correnteza encaracolada, tangendo detritos, até juntar-se, depois do largo da Matriz, ao córrego que se despencava da serra. A alegria era a mesma em todos, pois, para eles, a chuva marcava o início de uma nova existência em suas vidas. Desde a viagem que se pro-

gramasse ao Rio de Janeiro até o pedido de casamento, tudo e o mais dependiam da certeza do inverno. Se chovesse e houvesse abundância e dinheiro seria sacado contra a Cooperativa Dois Continentes, posto a circular de mão em mão, a estimular o comércio das feiras que, a partir de junho, regurgitariam de gente vinda dos lugares mais distantes, alvoroçada pela abastança.

O calçamento – onde o capim-de-burro cresce virente – e lavado pelas águas caprichosas. Aqui e além, poças dágua aninham-se nas depressões do calçamento, e, de momento a momento, um menino vai meter-lhes o pé, espadanando-as sob a assuada que é geral.

A chuva mais pesada caiu de noite. Agora o tempo desfaz-se lentamente, enquanto o ruído dos jacarés vai-se atenuando à pouca água que por eles corre. Para o lado do sertão, os homens, aos grupos, comentam que o tempo está firme e promissor. Para alguns, a chuva cobriu enorme faixa de terra, beneficiando a muitos; para outros, a idéia é de que não foi tão forte, mal dando para banhar o município.

O Taco de Ouro, graças ao acontecimento, está repleto. Otacílio e o irmão do prefeito, sentados a uma mesa, há horas, dão um balanço nas possibilidades da estação que se inicia. Pelo pensamento de Otacílio, o município não depende apenas de chuvas, mas de invernos bem distribuídos. Chico Andrade – conhecido por exagerar os seus conhecimentos a propósito de tudo – é de opinião que a crise que atravessam reponta na falta de providências da administração pública. Todos sabem que não vê com bons olhos a ascensão do irmão. Numa voz esganiçada fundamenta as suas razões para o outro:

– Olhe, o melhor governo do Ceará é um bom inverno, mas inverno sem exageros. Aliás, no meu modo de

entender, havendo água, tem-se fartura. – E recordando as palavras que o amigo lhe dissera há pouco: – Você, se depender do governo, dos homens, perde o tempo. A política quando mete o rabo no meio atrapalha tudo. Não vê o que faz o cel. José Cândido, de comandita com o seu irmão?

Otacílio completou o copo com a cerveja que ainda ficara na garrafa. Continuava a vender caro o seu ponto de vista.

– Lá vem você outra vez misturando tudo. Há políticos e políticos...

– Não vejo a sutileza da diferença. A política, no Ceará, como por esse Brasil todo, afina no mesmo tom. Mateus, primeiro os teus. – E espicaçando o outro: – Cadê o dinheiro da quota de imposto de renda? Foi aplicado em quê? Eu sei onde está... Eu sei...

A voz saía-lhe reticente. E o outro adivinhou prontamente o que se escondia por trás das palavras do amigo. Admirava-o à frente da edilidade, e para não provocar um rompimento em família, preferia evitar discutir as providências de sua administração, embora não gostasse de calar diante da fragilidade moral de quem quer que fosse.

– Você... – fez uma pausa, meio indeciso, arrependendo-se – é bom não insistir. Já conhece de sobra as minhas idéias. Sou pelo estímulo à agricultura. Sou pelo incremento ao ensino rural. Graças a Deus estudei para servir os mais pobres. E, sabe de uma coisa? É melhor a gente parar por aqui. Não adianta discutir.

Zeca Paulino subiu o batente da porta, aprofundou-se no bar em procura dos homens. Estava alegre, a roupa respingada, a chave do ônibus a rodar-lhe na ponta do dedo. Antes que os amigos lhe dirigissem a palavra, ele tomou a iniciativa:

– Viram? Inverno de papoco! Choveu desde três horas da manhã. Passei pelo Cabeça do Boi – fez uma pausa – e sabem quem já estava trabalhando? O Frederico. Cabra macho!

– Melhorou pra nós e piorou pra você – advertiu-o o dono do bar. – O povo agora vai refugar o ônibus. Cearense só deixa o Ceará, quando está na miséria. Tendo chuva, vai ficando.

Zeca Paulino puxou a cadeira, arriou-se nela para rebater o pensamento de Benicio:

– Refuga não, e nem é como você imagina. Já vendi quase todas as passagens. Vou beber cerveja à custa de vocês – com a mão abarcou os que ali se encontravam –, do Fragoso, do Anselmo, do Otacílio, porque o Gonçalves, dessa vez, que é tido como o tal, perde a parada. Ele sabe que eu não sou taco de ponta rombuda. Quando vou é pra valer. Ninguém me prejudica. No meu pescoço não se pisa.

Otacílio formalizou-se todo para perguntar:

– Espere, andam querendo lhe perseguir?

– Com a licença aí do Chico Andrade, me disseram que o prefeito quer entravar a inauguração da linha.

– Entravar? A que pretexto? – A voz do outro não escondia a surpresa.

– Bom, entravando, você compreende. Me disseram que ele considerou o meu ônibus um desserviço à cidade. Besteira! Só porque os meus amigos acham que eu estou influindo na decisão dos que querem viajar. Sai daqui quem quer. E além do mais somos maiores, vacinados, garantidos pela Constituição.

Encheu o copo de cerveja. Olhou para a porta. Cessara de chover. Os meninos corriam sobre a calçada, perseguindo uns aos outros, e ele se lembrou de sua infância: fazia exatamente o mesmo quando chovia... Ah, por que o

tempo não voltava? Quando prestou atenção à conversa dos amigos, outra vez Benício explicava:

– O cel. José Cândido é a abelha-mestra disso tudo. Na certa é ele catucando o prefeito, querendo apertar os parafusos. Júlio Andrade, no dia em que compreender que é um fantoche à frente da prefeitura, arreda o pé... José Cândido é manhoso e sabe o que faz. Não é, Otacílio? – delicadamente pousou a mão no ombro do outro.

Todos confirmaram. Estavam nisso quando Margarida, o olhar aflito, subiu o batente do bar. Via-se que enfrentara a chuva; o vestido molhado colava-se-lhe no corpo, realçando-lhe os atributos físicos. Ela contemplou-os mas seus olhos só reluziram, alegres, quando descobriu Zeca Paulino. Os outros sentiram que a mulher o procurava. Chico Andrade, que principiara a discorrer sobre o que considerava "defeitos do irmão na política daquela terra miserável", parou. Otacílio chamou a atenção do dono do ônibus, com o cotovelo:

– A mulher do Antônio quer lhe falar. Olha só o jeito dela.

Zeca Paulino ergueu a vista; viu o corpo molhado da mulher, seus olhos grandes, retintos, e teve a impressão que havia ansiedade neles. Levantando-se, foi-lhe ao encontro:

– Que há com você, Margarida?

Ela encolheu os ombros. A água dos cabelos escorria para o decote, metendo-se-lhe na intimidade volumosa do busto.

– Que houve? Fale – insistia ele.

– Eu queria uma conversa com o senhor.

– Pois não. Pode falar. Ninguém – referia-se aos amigos que continuavam a beber – vai escutar a sua conversa.

Ela pensou um pouco. Não se sentia encorajada. Afinal, fazendo arrodeio, chegou-se ao assunto que a levara ali:

– Eu quero ir no seu ônibus, seu Zeca. Não vá dizer que não.

Ele surpreendeu-se:

– Mas, pra quê? Pra ir embora?

– Pois é. Então, eu não tenho esse direito? – Segurou-o pela aba do paletó; naquele gesto ele descobriu-a nervosa, desamparada.

– Mas não pode... você é casada com o Antônio. Só se brigaram!

– Não, não houve briga não. Eu é que não quero mais viver aqui. O senhor não pode compreender. Cada um sabe o que quer.

Teve vontade de explicar que desde o dia em que vira as empregadas de d. Leonice, dispostas e faceiras, na prosa com os rapazes da fazenda, tomara-se daquela vontade louca de viajar, de desfrutar a vida que elas levavam em Fortaleza. Se lhe dissesse isso, talvez ele não a entendesse. Cada um tem seus problemas.

Diante do olhar silencioso que se irradiava da presença estática de Margarida, Zeca Paulino resolveu tomar uma decisão. A voz caía-lhe arrastada, insegura:

– A senhora vai fugir, não é verdade?

Ela aquiesceu num gesto afirmativo de cabeça. Os seios cresceram-lhe sob a blusa molhada, retesando-a.

– E se Antônio não se conformar? Achar ruim?

– Ele não vai saber de nada – respondeu ela com vivacidade.

Zeca Paulino balançou a cabeça como se dissesse "essas mulheres são todas loucas!" e andou até a mesa onde os homens discutiam acaloradamente. Bebeu o que lhe restava no copo, de uma vez, e desandou em direção de Margarida que continuava de pé, no mesmo lugar. A água que lhe escorria do vestido fazia uma poça no chão.

– Olhe, criatura. Você não é amigada, ouviu? E casada. Lhe conheço de priscas eras! Quando você vivia sob a proteção da família do velho Rocha. Conheço também seu marido. Tem defeitos mas é um bom camarada...

Ela interrompeu:

– Seu Zeca, por favor me compreenda... Se eu não for de ônibus, vou a trem. Mas é de ônibus, no seu ônibus que eu quero ir. – Fez uma pausa antes de prosseguir: – O senhor falou bonito, mas é preciso saber de uma coisa. Na minha vida, daqui pra frente, ninguém manda mais. Quero ir, como dizem, por conta própria.

Zeca Paulino meneou a cabeça novamente. Desta vez ela entendeu que o homem a considerava louca e irresponsável. Por isso lhe disse:

– Não sou isso que o senhor está pensando, não! Cada qual sabe a vida que leva.

Ele rosnou então:

– Não está direito, Margarida! A senhora vai fugir, vai abandonar o lar!

– Não senhor. Eu vou embora! Me leve, por tudo que lhe é mais sagrado do mundo! Ande, não me deixe... – A mão que ela lhe estendeu abriu-se à altura de seu corpo, na pouca distância que havia entre eles. E Zeca Paulino viu, de relance, que empalmava o dinheiro da passagem.

– Tome – dizia ela. – Tome!

Nem sabe que impulso movimentou a sua mão, mas recebeu o dinheiro. E já se arrependia, sentindo-se comprometido no gesto da mulher, como se a partir daquele instante respondesse por tudo que lhe acontecesse. Voltou a insistir:

– A senhora pensou bem no que vai fazer?

– Já, sim senhor. Agora só desejava uma coisa. – Demorou a palavra na boca. – Peço?

Ele fez um gesto de anuência com a cabeça, encorajando-a.

– Por favor, pelo bem que o senhor quer ao seu ônibus, não diga nada a ninguém. Só quem sabe da minha viagem é seu Fragoso; me emprestou o dinheiro.

– Está feito o trato, mas se você mudasse de idéia era melhor.

– Mudo não, seu Zeca. Nem espere isso.

O dono do ônibus deu com os ombros. Afinal, não podia obrigá-la a ter juízo.

– É isso que penso a respeito. Mulher que foge, que abandona o marido, arruina-se. – Quase lhe dizia: Vira fubana.

Ela retrucou:

– Mais vale viver-se só do que mal acompanhada.

Quando o homem ia novamente aconselhá-la, ela desceu a calçada, pisando como uma gata, e ganhou a rua.

– Algum recado de sua família? – perguntou Otacílio, que gostava de intrometer-se em tudo.

Zeca Paulino fechou a cara, abusado:

– Não, assunto particular.

– Pois eu pensei... – começou a dizer o outro.

– Pensou errado, Otacílio. Você sempre pensa errado. – Guardou o dinheiro no bolso e foi juntar-se aos amigos que continuavam bebendo. Chico Andrade, nesse instante, referia-se ao ônibus. Queria esclarecimento sobre o número de passagens já vendidas. Zeca Paulino relutava, sem vontade de dizer a verdade. A verdade, perdera o jeito... Não estava gostando de ver o seu ônibus levar dali uma mulher casada que desesperada, abandonava o marido. Seria esse o primeiro desserviço da sua empresa. Encheu o copo novamente. A cerveja cresceu, fez colarinho e transbordou. Margarida não lhe saía do pensamento.

Depôs o copo sobre a mesa após esvaziá-lo. Os amigos continuavam ruidosos. Ouviu bem que Otacílio contava uma anedota de papagaio, imoral, e Chico Andrade, sem se conter, ria sem parar. Ah! o padre Brasilino tinha razão. Aquilo era uma decepção. Quantas garrafas bebiam por dia? Quantas vezes, ao fim da tarde, iam ao mictório? Ao anoitecer, Gonçalves já nem fechava a braguilha e ficava com as calças respingadas de urina.

Repara, nauseado, Otacilio meter a mão entre as pernas, coçando-se. Fazia isso na frente das senhoras, por mais que os amigos o repreendessem. "Ora, vocês são chatos! E então, por que não posso me coçar?"

Benício, atrás do balcão, torce para que ultrapassem as quarenta garrafas do dia anterior. E pensa: "Besteira do Padre Brasilino achar que os homens bebem muito..." Ele, enquanto não vender cem garrafas, estará marcando passo.

Chico Andrade levantou-se do grupo e parando diante de Zeca Paulino, começou:

– Espere, homem, você parece que está atuado? Que se passa com você, criatura?

O empresário não respondeu. Simplesmente levantou-se sem nada dizer. Otacílio ainda o chamou enquanto rebentavam comentários. Mas tudo em vão. Zeca Paulino pela primeira vez sentia nojo dos amigos.

MARGARIDA levantou a cabeça para o céu. Pela posição do sol, percebeu que eram mais de oito horas. Antônio continuava deitado na rede, sonolento, sem nenhuma vontade aparente de se erguer. Estivera até tarde tocando violão na casa dos vizinhos e isso lhe valera a ressaca que o acudia e o abusava agora. Doía-lhe a cabeça; um mal-

estar acabrunhante invadia-lhe o corpo. Na posição em que se encontrava, podia vigiar a esposa que continuava no terreiro, de rosto voltado para a amplidão. Que estaria fazendo? Teve então vontade de chamá-la. Mas arrependeu-se porque o pequeno movimento que fez aumentou-lhe a dor de cabeça. E sem disposição para aluir-se ou para falar, deixou-se envolver pelos múltiplos pensamentos, que o assaltavam agora, relembrando todo o percurso que fizera à noite, desde cedo, indo-o acabar na casa do compadre Frutuoso onde ficara até de madrugada... A canção, que aprendera do bagageiro do horário da RVC, foi o sucesso da noitada. Falava em amor fingido, perdição e crueldade de mulher... Revirou-se, o corpo todo moído. Abriu os olhos em direção à porta. Sob o sol da manhã, Margarida continuava parada, na mesma posição, perscrutando o infinito. Naquela postura, o seu corpo cheio recortava-se à luz do sol, revelando-se em seus detalhes mais íntimos. Ela é minha – pensou o homem –, é minha desde mocinha, quando não sabia o que era amor. Haviam-se namorado num domingo de feira. Ela não fora a primeira a se encantar pelo violão. Depois, ficaram-se avistando. Ia sempre ao Poço Encantado namorar. Demoravam-se à porteira vendo as estrelas, os vaga-lumes acendendo e apagando. Nessas horas, cantava... O violão era ouvido longe e todo mundo dizia: "Aquilo é o Antônio cantando para a namorada".

Um dia o dr. Leandro chamou-o às falas: "Ouvi dizer que você está namorando a moça. É pra casar ou pra que é?" Era para casar. O patrão acreditasse: ele encontrara afinal a mulher de seus encantos.

Casara-se sob a condição de largar a farra, deixar de tocar violão pela vizinhança. Padre Brasilino aconselhara-o:

"Se você não deixar a cachaça e o violão não pode ser feliz no matrimônio!" Só largou um ano. Quando o inverno

começou, no outro, ele não teve dúvida. Bebeu meia garrafa de pinga, botou o violão debaixo do braço e saiu para o meio do tempo. Cantou até de manhã, debaixo da neblina ou da chuva forte.

Margarida aborreceu-se, ficou amuada dois dias seguidos. Mas depois viu que não podia ser diferente. Um dia, ela haveria de livrar-se daquele sofrimento...

Nesse momento, Antônio não sabe em que está pensando a esposa. Será que também, como ele, faz um retrospecto da vida? Mal sabe que Margarida já guardou um vestido de chita, mais outro de etamine, numa bolsa de palha. Dentro de mais uma hora, se tanto, terá de chegar à cidade para apanhar o ônibus de Zeca Paulino. Não sabe como o marido se comportará quando descobrir a sua fuga. E lhe importa isso? Bem que podiam ter sido felizes. Ela sempre fizera os seus desejos. Antônio é que não soubera compreendê-la. Só queria o seu corpo, a vida toda, como se isso só bastasse. Não compreendeu que as noites de farra só serviam para apagar em ambos – ou nela apenas? – o pouco amor que ainda havia. Ela não quer viver malfadada, sem poder desfrutar os prazeres do mundo. Felizes eram as empregadas de d. Leonice! Como andavam nos trinques, derretidas! Cada cigarro, ai Jesus! Só fumavam do melhor, e tinha que ser da Souza Cruz. E as blusinhas de malha? Por baixo até se lhe viam os bicos dos seios! E ela, fazendo o quê? Eguando dentro da mata, apanhando algodão com um saco velho de estopa, estrepando-se nos espinhos do sabiazal. Não, não nasceu pra isso, não quer ser a Moura Torta da história. Ambiciona regalar com a vida, ter um fartão de felicidade, alguém que lhe dê as coisas. “Tome, negra, esse presentinho é pra você!” –, e que diga, não uma vez, mas muitas, mil até, que é uma mulher boa, enxuta de carne,

melhor mulher do mundo! Não, nada de ficar aferrada naquele homem avinagrado!

– Margarida, minha filha. – A voz de Antônio arrasta-se embolada, como se escapasse de um corpo martirizado.

Ela voltou-se para o interior da casa, abusada:

– Que é que tu queres, homem?

– Que diabo você faz aí, no meio do tempo, falando só? pra cá! Vem!

A mulher continuou muda, mas se aproximou da casa, a fronte avincada de contrariedade. Depois, arrependendo-se, foi ao quarto ver o que ele queria. Ainda arrebitada falou:

– Anda, diz o que tu quer.

– Arre, que modo é esse de falar? Ô mulherzinha esquisita!

Margarida, naquele instante, pensou contar-lhe tudo, dizer-lhe que se ia dali porque não suportava a vida que levavam. E desistiu. Sabia que podia maltratá-lo. Mas não via outro caminho a tomar. Nisso, o homem puxou-a para si; ela arriou o corpo na beirada da rede. Estava sem jeito.

– Bichinha... Me perdoe. Eu sei que você danou-se por causa da festa de ontem. Mas, olhe. Espie pra mim: vou me regenerar, ouviu? Juro pela alma da minha mãe. – Falava sinceramente. Daquela maneira, entretanto, ela ouvira-o expressar-se anteriormente, e em vão. Percebendo-lhe o raciocínio, ele insistia, manhoso:

– Pronto, acabo as farras! – Cuspiu no chão. – Você não sabe como são as companhias. Aporrinham a gente! - Coçou a cabeça, enfarado. – Ontem, nem queria ir... Mas pediram, queriam que eu tocasse uma. Toque uma! Larguei o toque; foi minha desgraça. Veio cachaça, veio palavra bonita, veio tanta gente pra ver, que lhe contando até parece mentira.

A mulher contemplou-o por instante e desabafou:

– Sempre assim! A roda vira mas pára no mesmo lugar. Não lhe pedi que viesse comigo? Você quis? Eu sei por que ficou. A Lourdes, comigo lá, já estava se abrindo pra você! Aquilo é uma perua sem-vergonha!

– Você está enxergando demais.

– Você bebe e eu é que devo perder o sentido das coisas. Perco não! – Ela tomou a respiração e continuou: – Havia necessidade daquele despropósito? Havia? Você é porque não tem vergonha.

– Vergonha eu tenho. Alto lá! E nada tenho com a Lourdes! Você sabe que não gosto de mulher redonda.

Ela firmou as mãos nos quadris:

– Não gosta, não é? E por que se derrete pra ela? Pra que aquele "Oh D. Lourdes"?

– Venha cá... Enterre essa história. Lourdes é defunto ruim. Não vale a pena se chorar por ela.

Com um gesto carinhoso atraiu-a para si. Margarida, fingindo-se magoada, resistiu. No fundo ela desejava zangá-lo, obter um pretexto que justificasse o plano que preparava!

– Que cara, meu Deus! Faça um risinho!

– Isso você faz bem feito... "Faça um risinho" – imitou-o. – Mas deixe estar! Um dia a casa cai.

– Venha cá meu amor.

– Não quero saber de esfregado.

– Mas eu quero.

Ele enlaçou-a. A mulher conseguiu desvencilhar-se, sentindo-se nauseada pelo bafo avinhado que respirou. –

– Margarida... Venha deitar-se comigo.

Ela ergueu-se, deixando a rede. Estava querendo, mais do que nunca, aproveitar-se daquela situação. Mas o marido, sem nada perceber, achava-a ressabiada pela vida desregrada que levava. Compreendia-a, justificava-lhe a zanga.

Mulher era assim mesmo...

– Olhe, queridinha, eu não faço mais, prometo.

Margarida, amuada, mantinha-se encostada na parede. Estudava o que havia de errado em sua atitude que não o fazia desesperar. Tornou-se então impetuosa, malcriada:

– Não vou, escutou? Não quero. Pensa que vou me conformar, viver a minha existência agüentando os seus namoros? Vá agarrar a Lourdes! Vá!

Antônio espantava-se:

– Mulher, que é isso? Não precisa aborrecer-se... Não fale desse jeito.

Ela retrucou para abespinhá-lo:

– É isso mesmo, e daí? Quando eu lhe botar um par de chifre, num instante você muda de vida!

Ele levantou-se da rede, de um pulo:

– Não diga isso, seu diabo!

Ela assustou-se. Não encontrou coragem para repetir, adivinhando que fora longe demais. Mas fitou-o rancoroso, sem querer desfitá-lo, a mostrar-se corajosa:

– É isso! Estou hoje nos meus azeites.

– É, mas tudo tem limite. Venha cá... – pediu ele.

Muito sem jeito ela abeirou-se da rede. Antônio tomou-a nos braços, mal podendo conter o desejo que o acudia. Apertou-a ao encontro do peito. As suas mãos trêmulas apalparam-lhe o corpo, mas nada encontrou nele que o animasse ao amor. A mulher esquivava-se ao agrado.

– Não me fale mais nessa história de... – Não queria repetir a palavra insultuosa. – Nunca mais, ouviu? Não torne, portanto, a dizer, ouviu? Você sabe que não deixo macho nenhum lhe meter a mão, não sabe? Você é convencida, eu sei, porque já descobriu que eu sou

enrabichado por você. Essa conversa a respeito da Lourdes, não vale. Entende? Ela pra mim é carta fora do baralho...

– Não acredito nisso. Você não me dá atenção. Aqui nesta casa eu sou uma bruxa.

– Menos verdade sua.

Eu sei que é. O sentimento é meu.

– Bem – acomodava ele – faça de conta que tudo já passou e vamos começar vida nova. Daqui pra frente, melhor. Posso provar que gosto de você, seu diabinho! – apertou-a desejando-a.

– Hum! – fez ela, esquivando-se. – Quero ver se você é homem, se deixar de farrear.

Ele prendeu-a de encontro ao peito; sentia-lhe o macio dos seios, o morno de mulher.

– Ah, você esperneia porque quer, mas sabe que eu gosto de você.

Nesse instante, Margarida avistou o violão encostado a um canto, e teve uma idéia perversa.

– Pois então – disse – comece logo a mudar a sua vida, quebrando a porqueira desse violão!

Houve um silêncio tão grave que ela entendeu ser o espanto do marido que nascia, assim de repente, da sua maldade.

– Hem? Que me diz você?!

– Isso, o que lhe falei. Quero que quebre o violão – repetiu pausadamente, acentuando as palavras, uma por uma.

– Mas, Margarida... – admirava-se sem querer compreender o que ouvia.

– Ah, você é frouxo! – zombou. – É fraco e mentiroso!

Desvencilhou-se do marido; ficou no meio do quarto, o corpo ofegante, os seios crescendo e diminuindo por trás da blusa de malha, inflados pela respiração que a punha

nervosa. E se decidindo, apanhou o violão, estendendo-o para ele:

– Quebre-o, seu macho, se você for homem!

Ele não sabia o que decidir. O instrumento fazia parte de sua vida e aquela mulher louca não o compreendia. Há dois dias enjeitara quase três mil cruzeiros por ele. No cabo, cada moeda com a efígie de Getúlio representava uma noitada de glória em suas cantorias e desafios. E o som que possuía o pinho? Até parecia voz de mulher desejando homem.

– Margarida, minha filha. Não pode ser. Gosto tanto do meu violão!...

Ela, irredutível:

– Chegou a hora de você escolher.

– Me peça outra coisa, criatura.

Margarida voltou a rir:

– Não lhe dizia? Você só se interessa por mim quando sente danação por mulher. Aí, eu é que vá pra rede receber você. Tem graça isso? Diga! Na hora que lhe peço uma coisa, você enfraquece... Um dia – seus olhos estavam abertos, dilatados, e ela falava a verdade – eu engano você. Arranjo outro homem.

Antônio ergueu-se rápido. Apanhou o violão não para quebrá-lo, mas para bater na cabeça vazia, oca, daquela mulher infeliz. Porém, arrependeu-se. Não tinha palavras para exprimir como se sentia àquele instante, vendo-a de olhos arregalados, os seios quase pulando pelo decote exagerado, a réstia do sol fazendo sobra em seu corpo...

Dirigiu-se à janela, e, sem mais nem menos, malhou o instrumento no peitoril de madeira dura, repetidas vezes, rompendo-o em mil pedaços, até restar um rumor esquisito, misturado às estridências de cordas que se soltavam. Quando acabou, jogou pela janela o cabo inútil

do instrumento. Compungido, desandou até a rede, a cabeça azoinada. Sentou-se nela; queria ficar cego, ausentar-se daquilo tudo.

Margarida sentiu um tremor invadir-lhe o corpo; doía-lhe o desespero do marido, aquele seu ar de infelicidade. Num estranho impulso correu para ele, abraçou-o. Ficaram assim sem nenhuma palavra. A impressão que a mulher teve é de que ele chorava um choro mudo.

Mas aos poucos, o homem foi recalcando a raiva. Nascia-lhe agora a vontade de não se desprender dela. Puxou-a para dentro da rede talvez na intenção de infringir-lhe um mau trato qualquer, e se isso ocorresse ela própria não se assustaria. Mas nada houve. Com as mãos trêmulas, Antônio foi-lhe desatando o cordão da saia, afrouxando-lhe as vestes.

Quando Margarida notou que o marido, vencido pelo prazer e pelo cansaço, adormecera, lentamente foi-se levantando. De pé, vestiu outra vez a saia e puxou os cordões desta, amarrando-a. Sacudiu o pó da blusa – que caíra ao chão -e após meter-se nela, já ao espelho consertou o cabelo que se desalinhara enquanto estivera sob a sua posse. Pronta, dirigiu-se à janela – um estranho sentimento de vitória lhe apontava no rosto – e reparou satisfeita a posição do sol. Pelos seus cálculos deveriam ser nove e meia. Dispunha, portanto, de meia hora para sair dali e alcançar o ônibus. Na ponta dos pés, sem fazer rumor, apanhou a bolsa de palha em que arrumara as suas coisas. Da porta contemplou o marido que dormia alheio aos seus movimentos. Na certa, imaginou, sonhava com ela... Viu a garrafa de aguardente, vazia, sobre um tamborete, e ao pé da janela os restos do violão despedaçado. Fazia pena!

Pela primeira vez, desde quando arquitetara o plano de fuga, descobria que se demorasse mais um pouco não

teria coragem de ir embora. Agora que o marido lhe prometia uma vida nova, bem que podia ficar. Fortaleza era uma interrogação em seu futuro. Quem sabe se seria realmente feliz? Teve vontade de retornar à rede e se agarrar ao marido que dormia. Mas se conteve. Uma força, ou outra coisa sem nome, enxotava-a para a frente.

E açulada por um estranho desespero, que não podia reprimir, desatou a correr.

HAVIA um ajuntamento de pessoas na rua principal da cidade, a que passava justamente em frente ao Taco de Ouro. O ônibus estava parado defronte ao bar, reluzente, e um negro pernóstico, metido em roupa de mescla, esfregava-lhe os cromados com uma flanela amarela. A espaços, dava uns gritinhos estridentes, dizia qualquer coisa ininteligível, e corria atrás dos meninos que tentavam passar a mão no brilho dos metais ou no pára-lama já polido. Otacílio, Anselmo e Chico Andrade – que haviam chegado antes das nove – após beberem uma rodada de cerveja, trouxeram à calçada as cadeiras do bar. Zeca Paulino, metido num terno de casimira que lhe apertava nos traseiros, atendia os primeiros passageiros que, acompanhados de seus famíliares, vinham embarcar. O dono do bar, querendo colaborar para o brilhantismo da inauguração da linha, mandara pendurar pela vizinhança uma decoração com mais de vinte cordões de banderinhas feitos de seda.

– Venha sentar-se um pouco, Zeca. Não se avexe não.

O empresário reconheceu a voz de Chico Andrade. Consultou o relógio de pulso, e descobrindo que dispunha de dois ou três quartos de hora, resolveu atender a sugestão que lhe fizera o outro.

Aceito a cerveja, mas tem que ser depressa.

Subiu à calçada. Antes de se sentar limpou o banco, com receio de manchar a roupa nova. Benicio mandou servi-lo:

– Hoje você vai beber à custa dos bestas. O Gonçalves acabou ganhando a aposta. Mas, olhe bem, foi sorte! Vendeu todos os lugares!

– Deus me protege. Não adiantou a futrica do José Cândido.

– Esqueça isso, homem. Cada um que cuide de sua vida.

– Pois é – disse Zeca Paulino, sentindo a frescura da cerveja de garganta a baixo. Limpou a boca com um lenço perfumado, antes de continuar. – Acho que não causo mal nenhum à cidade. Ao contrário. Diante do melhoramento os homens inteligentes deviam prestar-me uma homenagem. Outra coisa – suspendeu a frase enquanto bebia outro gole –, daqui pra frente os pobres não serão mais desvalidos. Quem tiver coragem de trabalhar, é só dizer. Levo comigo, no ônibus, pra Brasília. – E se mostrando revoltado: – Onde já se viu pagar um trabalhador com cinqüenta cruzeiros? Com cinqüenta cruzeiros não vive nem um burro de tropa do exército!

– Deixe de prosa. Depois vão falar de você, lhe apertar...

– Estou dizendo a verdade. O gostosão está aí fora pra servir o povo de minha terra – refrescou-se com o lenço para que os demais sentissem o perfume que se desprendia dele. – Agora, se eu tivesse inaugurado um bilhar ou um botequim, havia mais satisfação.

Um rapazinho aproximou-se de Zeca Paulino. Queria umas informações sobre os dias que durava a viagem. Zeca Paulino, todo importante, explicava-lhe o itinerário, nomeando as cidades, total de quilômetros a percorrer. Quando o viu retirarse, comentou:

– Vai ser servente em Brasília. Vive trabalhando de graça pro José Cândido. Lá, ganhará pelo menos quinze mil cruzeiros por mês.

– Deixe de prosa! Isso é demais! Não converse! – falaram todos a um só tempo.

– Podem duvidar. Enquanto vocês viverem aqui, sentados, bebendo cerveja, não descobrirão o mundo que cresce lá fora. Saiam daqui, viagem! – E em tom amistoso, mas irônico: – O ônibus esta' às ordens. Ê só pagar a passagem.

– Vamos beber a cerveja da aposta? – propôs Otacílio.

A maioria achou melhor aguardar a partida do ônibus. E mesmo, lembrou alguém, Fragoso não havia chegado. Otacílio, que continuava muito falante, lembrou:

– Dizem que ele anda arrastando a asa à empregada. É uma paixão roxa.

– Acredito não! – disse Chico Andrade. E acrescentou:

– A mulher dele não é besta não...

– Que nada! D. Sinhá é uma senhora educada.

– Educada até certo ponto, mas descobrindo o marido metido com a empregada, não gosta não. Rebola logo!

Riram-se todos. Chico Andrade, que se levantara e fora à porta, pôr-se à fresca, anunciou:

– O prefeito já vem chegando. Pelo que vejo o negócio aqui vai ser mesmo de arromba!

– Não lhe dizia! Só não ganho uma estátua em praça pública por causa do José Cândido – desabafou-se Zeca Paulino.

– E o dr. Marcos vem também. Que dupla! – acrescentava Chico Andrade.

A aproximação das autoridades, os homens se levantaram; cumprimentaram-se respeitosamente. Zeca Paulino – novamente a se enxugar com o lenço perfumado

– convidou-os a se fazerem presentes à roda. Aceitaram. Dr. Marcos comentou:

– Hum, seu ..... este seu lenço de rapariga de doutor...

Riram-se todos. Agora o dr. Marcos queria saber se o empresário vendera todas as passagens.

– Todas. Se mais tivesse teria vendido – dizia ele.

– Soube da aposta do Gonçalves. Se vendesse todas as passagens...

– Alto lá! É preciso esclarecer: só vale se o ônibus partir lotado.

Nasceu acalorada discussão. Para a maioria a aposta só seria ganha por Zeca Paulino se o carro partisse inteiramente lotado, enquanto para uma minoria bastava que as passagens fossem adquiridas, não importando o comparecimento dos passageiros.

Não, senhor! Tinha graça! – dizia Gonçalves.

Dr. Marcos, cheirando o rapé e contendo um espirro que lhe parecia iminente, tomava posição a favor da maioria:

– O certo é o ônibus sair lotado.

– Topo qualquer parada! – aceitou Gonçalves, que por pouco não se irritara. Mais cerveja, Pereba! Sei o que faço!

– E sabia mesmo.

O garçom serviu a todos. Zeca Paulino reclamou a espuma do copo:

– Ei, rapaz, isso aqui não é colarinho de palhaço, não!

Alguém comentou:

– Hoje tudo vale. Festa é assim mesmo.

Zeca Paulino consultou o relógio, nervoso, e viu as horas, desapontado. O tempo correra; só faltavam quinze minutos para as dez. Com os olhos apertados, pelo efeito da cerveja, foi à porta do bar verificar quantos passageiros haviam chegado. Quase todos ali estavam. Faltavam quatro ou cinco.

Manuel Fogueteiro aproximou-se dele. Queria saber a hora de soltar os fogos.

– Não se avexe, homem – dizia o empresário –, você só dispara a girândola maior na hora da partida. – E reconsiderando: – Talvez seja melhor quando o motor funcionar.

– Fico entendido.

– Mas aguarde o meu sinal. Aceno com o lenço.

Não reparou quando o fogueteiro se retirou. Nem ouviu o que palestravam na roda. Achava-se, novamente, dando um balanço na sua mercadoria, naqueles homens e mulheres que acorreram à viagem inaugural da empresa, atraídos pelas promessas de empregos fáceis em Brasília. A princípio, imaginou fracassar, mas depois, armado de informações, viu que o melhor trunfo que tinha nas mãos era a oferta de salários altos. Brasília virou um paraíso! Lá, ninguém ficava parado, de braços cruzados, e o dinheiro corria frouxo. Assim foi vencendo a resistência dos desconfiados.

Esticou o pescoço por cima do grupo na tentativa de identificar os retardatários. Aos poucos, sem grande esforço, conseguiu ter uma idéia dos que se atrasavam. A seu ver, faltavam o Manuel Ambrósio, o Rogério do sítio Mundo Azul, a mulher deste, o Dico Aparecido e... Que diabo! Havia alguém de que não se recordava. Quem seria? Voltou a contemplar os que já estavam ali à espera da partida.

– Preocupado, Zeca Paulino? – perguntou-lhe Chico Andrade, curioso, vendo a impaciência do empresário.

- Não... Contando os passageiros. Acho que falta um. Vigiou o pessoal que se aglomerava ao redor do ônibus.

O negro pernóstico continuava a lustrar os cromados do carro. Repetia baixo: – Só falta um.

Fragoso subiu à calçada. Vinha de cabelo penteado, gravata vermelha, metido num terno de casimira, já surrado, mas que lhe assentava bem.

– Que houve por aqui, pessoal? – foi logo indagando.

– Ia tudo bem, mas o Zeca Paulino acuou-se. Falta um passageiro.

Fragoso levantou a vista à informação do Chico Andrade; fitou homens e mulheres. Não demorou muito, virou-se para Zeca Paulino, esclarecendo, vitorioso:

– Se D. Margarida não chegou, acho que é ela a peninha que atrapalha.

Zeca Paulino bateu com a mão na testa num gesto muito seu a gozar a alegria que lhe dera aquela informação.

– Com todos os diabos! É ela! – E se virando para o interior do bar, gritou: – Pereba, sirva outra gelada! É a saideira.

Esfregava as mãos, contente. Estava certo de que Margarida não falharia. Era tão grande a sua vontade de fugir dali! E abraçando o hoteleiro, a parabenizá-lo, declarou:

– Esse Fragoso é danado mesmo! Não se esquece das mulheres!

E o outro chalaceando:

– Ai de nós, homens, se não fossem as Rosauras, as Margaridas!

Pereba veio com a garrafa; destampando-a, encheu o copo do dono da pensão. Alguém lembrou:

– Está quase na hora. Será que chega?

A mulher? Chega. Margarida é mulher indo e voltando Gonçalves, que saía do mictório, recompondo a braguilha comentava:

– Esta Margarida, eu vou dizer, se tivesse quem lhe desse uma ajudazinha, era mulher pra homem nenhum botar defeito. É cunhã bem apanhada!

– Aí vem ela! – gritou alguém.

Zeca Paulino ergueu-se da cadeira. Ao movimento, entornou o copo na mesa. As garrafas retiniram de encon-

tro umas às outras e a esse ruído juntou-se o das cadeiras arrastadas com violência. Os homens, de pé, já observavam à porta.

– Pega esse homem, que ele endoidou! – gritava Benicio, acompanhando Zeca Paulino, que se aligeirava.

Margarida chegou afinal. Viera quase a correr, pois sabia que se atrasara. Zeca Paulino, descendo a calçada do bar, fez-lhe uma reverência com o lenço, e o perfume deste tomou outra vez o nariz de todos. Anunciou:

– Está na hora! Os senhores passageiros devem ocupar Os seus lugares! São dez e cinco!

Margarida aproximou-se dele; aparentava cansaço, via-se logo. Zeca Paulino compreendeu que ela desejava partir quanto antes. Viera a correr, naturalmente por causa do marido ou de algum problema. Tentava tranquilizá-la:

– Vai já sair, D. Margarida. Não demora.

– Ligeiro, seu Zeca! – rogava a mulher. – Ligeiro!

O empresário estugava os passageiros:

– Vamos, gente, cada qual nos seus lugares. Temos um horário certo a cumprir. – E para se fazer escutado pelo homem que cuidava dos fogos, gritou alto: – Parece cego! Não vê que já balancei o lenço!?

Começou um vozerio nervoso. Defronte ao Taco de Ouro homens e mulheres apressaram-se às despedidas. Ao decorrer daqueles instantes acomodavam-se todos no carro. Um outro rosto de mulher ou de homem, debruçado à janela, despedia-se de parentes e amigos. Margarida sentara-se no primeiro banco, e a espaços olhava para trás, receando o que só mesmo o seu coração podia saber. Sem se conter, suplicava ao motorista que não se demorasse tanto. Mas o motor do carro não arrancava. Ouvia-se, distintamente, o ruído do contacto da bateria, o ran-ran do motor de arranque, sem que disparasse.

– Por favor! – suplicava Margarida. – Pelo amor de Deus!

– Solta os foguetes, diabo burro! – gritou Zeca Paulino, vendo o homem atiçando o charuto aceso junto dos fogos.

O tropel de um cavalo, em disparada, destacou-se do vozerio que andava suspenso sobre aquela gente. De início, ninguém percebeu o que se passava. Só mesmo quando o cavaleiro ultrapassou o ônibus, saltando da alimária que estacou bufando, os mais próximos o reconheceram. Nessa hora o ônibus estremeceu; a máquina girou, disparou rápida em rotação acelerada. E Margarida avistou, enterrada numa surpresa sem tamanho, o marido que chegara. Antônio já subia ao ônibus, os olhos injetados pela raiva que fervia nele:

– Desça já, sua puta!

Um murmúrio de desaprovação acompanhou o termo insultuoso. A mulher, agarrada ao encosto do banco, dispunha-se a não descer, mesmo que a quisesse tirar à força. Antônio, fora de si, espumando de raiva, aproximou-se dela, segurando-a pelos cabelos, gritou:

– Já lhe disse, desça!

Sem que ninguém pudesse tomar uma atitude de auxilio à mulher, arrastou-a para fora do veículo, aos tropicões. Os foguetes, a esta altura, subiam os céus; estalavam, aumentando a confusão dos passageiros que, de pé, protestavam contra aquela violência. Quem se encontrava na calçada do bar, acudia a ver de perto.

– Socorro! Não quero ficar. Não me deixem!

– Você não foge de mim, sua sem-vergonha!

Zeca Paulino deu sinal para que o motorista tocasse o carro. Queria evitar maior complicação. O ônibus estremeceu todo, e zuniu, antes de partir.

Vendo-o afastar-se, Margarida desapontou-se. Principiou a gritar como se a assaltasse um acesso de loucura. De repente, começou a morder o marido, gritando-lhe que a largasse, que desejava ir-se dali. Não tardou desvencilhar-se dele, a blusa fora da saia, desgrenhada, com um ar de quem se sente extremamente desesperada. Aos gritos de "pára! pára!", entrou a correr na direção em que seguia o ônibus.

– Não, não quero ficar! Não!

Os foguetes subiam, pipocavam no ar. Por isso, ninguém ouviu quando ecoou o estampido da garrucha que Antônio apontara à esposa. Viram-na dobrar-se, cair ao solo, como se alguém lhe tivesse dado uma rasteira, enquanto ele corria a socorrê-la aos gritos, arrependido do que fizera.

– Margarida, minha filha!

A mulher estremeceu-se; quis erguer-se, e não pôde. Tremendo-se toda, arriou-se outra vez ao solo, carregando nos olhos a imagem do ônibus que cada vez ia mais longe.

Quando o delegado chegou perto dela – e nas passadas que deu, recolheu a garrucha homicida – gritou para que o povo se aquietasse. Ao debruçar-se sobre ela, viu que nada mais podia fazer. Margarida estava morta.

DESDE a manhã de claro e flamejante sol, em que Antônio assassinara a esposa com um tiro de garrucha, até ali, decorreram meses. O inverno viera de rijo enchendo açudes, a transbordar rios. De repente as mais mimosas flores brotaram no pasto; a tiririca cresceu, as trepadeiras galgaram as catingueiras e a erva-de-passarinho encastelou-se no toco das árvores. As abelhas, em bando, apinhavam-se ao redor das flores do Mororó.

O mororó já florou
As abelhas tão chegando
Ai, quem me dera chegar
A moça que estou amando!

O milho crescera; punha-se a mais de metro e meio de altura. E o vento soprava da serra o cheiro das laranjeiras em sua floração. Ia haver fartura, abundância nos mercados e nas feiras.

Uma cidade do interior vive dos acontecimentos de sua gente. Tudo é notícia; as informações transmitem-se de boca em boca acrescidas ou aumentadas, ao poder da sugestão e da inventiva de cada um. Por isso, Margarida convertera-se no comentário dos dias que se seguiram à partida do ônibus para Brasília, cuja festa, prometida para uma comemoração puxada a cerveja, fora adiada em virtude da lastimável ocorrência. Ao enterro da desventurada – que ocorreu à tarde do mesmo dia – compareceu muita gente. Pela primeira vez ao sepultamento de uma mulher do povo fizeram-se presentes pessoas da importância do juiz de direito e do prefeito. Até Zeca Paulino, para surpresa de todos, ficou na cidade. Não quis acompanhar o ônibus, para poder assistir ao enterro.

Não tardou, entretanto, julgar-se aquilo tudo à conta de terrível castigo; sinal dos céus que apontavam, por tais manifestações calamitosas, que era chegada a hora de cada um procurar corrigir os seus pecados e exageros. Antônio fora recolhido à cadeia pública. Diziam que perdera o juízo, pois vivia a pronunciar palavras desconexas, referindo-se à esposa como se esta ainda vivesse. Arrependera-se, compreendia o povo, e era isso que o fazia chorar entre gemidos que confrangiam.

Ao espalhar-se a notícia de que fora encontrado o violão inteiramente destroçado, robusteceu-se a crença de que começara aí o desvario do homem. Fragoso, que punha sentido nas manifestações do outro mundo, sempre que conseguia a atenção dos amigos, no Taco de Ouro, pormenorizava o ocorrido, a seu talante:

– Antônio meteu os pés pelas mãos, matando a mulher, porque já estava louco. Não se engane que ele tresvariava quando quebrou o violão. Aquele pinho era tudo! – E baixando a voz, em tom confidencial: – Tudo por conta do baixo espiritismo!

Tomou corpo, então, a versão de que os maus espíritos haviam influenciado o pobre homem. Foi necessário a intervenção do padre Brasilino, com a autoridade que lhe conferia a batina, explicando que tudo não passara mesmo de um impulso nervoso, proveniente do desgaste físico a que se entregara o homem, enfraquecido por sucessivas farras. E arrematava: – "Teria que acabar assim, louco e criminoso

Dizer-se fora esse apenas o principal fato daqueles dois meses, seria exagerar. Muita coisa aconteceu enquanto a água batia, de dia e de noite, sobre os telhados e escorria pelas bicas fazendo ruído. O ônibus de Zeca Paulino fizera mais quatro viagens à Brasília. Da última vez, entretanto, não conseguiu o empresário, por mais que tentasse, largasse o carro com todos os lugares ocupados. Atribuía o decesso da procura de passagens à safra abundante que chegava. Em mais um mês haveria milho verde, melancia, melão e feijão apodrecendo nas feiras.

A estrada, que apartara ao meio a propriedade do Dr. Leandro, entrara no plano de asfaltagem do Estado. Com essa providência os centros produtores, de maior evidência, seriam aproximados da capital, facilitando o escoamento da

safra. E o Cel. José Cândido participaria da comissão de estudos encarregada de fazer o levantamento das despesas.

Chico Andrade, quando soube disso, não se conteve. No bar, na presença de quem quisesse ouvir, condenou a inclusão de José Cândido. Por conta desta e de outras coisas, não acreditava nas intenções do governo.

– Eu já sabia disso. A abelha-mestra – referia-se a José Cândido – haveria de estar metida na história para comer o dinheiro do governo. Aliás, do governo não, nosso. Que é do nosso bolso que sai o dinheiro dos impostos.

Entrementes, anunciava-se o início das obras do Catoré. E à boca pequena corria o comentário, inflamado por uns, que o Cel. José Cândido ia construí-lo para prejudicar as terras do Dr. Leandro. No entender de Chico Andrade, o Catoré quando concluído, engoleria pelo menos cem hectares das terras de Leandro, deixando-o impossibilitado de fazer a agricultura que desejava.

– Política de sertão é esta mesma – comentava Fragoso, que, abertamente, não podia meter-se contra José Cândido.

No dia em que circulou essa versão, Otacílio opôs-lhe alguns reparos. Não podia acreditar que o governo do Estado aprovasse um reservatório que implicasse em prejuízo para um proprietário de terras que pagava impostos e vivia trabalhando para o bem comum. O comentário foi motivo à troça irreverente dos freqüentadores do bar, a ponto de Otacílio, vermelho e exasperado, ameaçar ir ao desforço pessoal. Zeca Paulino espicaçava-lhe pela sua cândida inocência:

– Eu não sabia que você era da cruzadinha... Tão inocente!

– Parto-lhe a cara, Zeca! – rosnava Otacílio. – E os outros, levantando-se, entre gargalhadas e comentários:

– Acabem com isso! Não vale nada! Vocês parecem que não sabem onde vivem?

Otacílio sentou-se, a cara amarrada!

– O governo é honesto. Vocês dizem isso porque sabem que nós, do lado de Zé Cândido, o apoiamos. É inveja, magote de futriqueiros!

O prefeito, que chegara após a discussão, ouvido a respeito do Catoré, explicava:

– As obras já foram iniciadas. Se bem andarem essa semana, o alicerce deve ter sido cavado. Quando passei por lá estavam-no rasgando. Coisa de uns cinco metros de profundidade. – E se voltando para os amigos, que se interessavam: – Vocês não escutaram os tiros? Dão pelo menos vinte, de dinamite, por dia.

– O açude é uma necessidade. José Cândido quer fazer desta vez um grande beneficio para todos nós.

Zeca Paulino contemplou o rosto cínico de Anselmo. "Ah, velhaco! É mesmo capacho do coronel..." – pensou.

– Só se pode esperar coisa boa do coronel. José Cândido é um político inteligente e trabalhador – comentou Benício.

– Todo mundo é muito bom mas a lua falta um pedaço. José Cândido, seu Benício, já meteu a mão em muito negócio sujo.

– Se vão falar contra o coronel, que é meu amigo, me retiro.

A voz era de Anselmo que já se punha de pé.

– Não, pode ficar. Não adianta gastar cera com defunto ruim – disse Zeca Paulino.

E dessa conversa, a última que os homens tiveram a respeito daqueles problemas, ficou a certeza de que embora o prefeito desejasse inocentar o amigo, que o protegia, os fatos eram irrecusáveis. Zeca Paulino se saíra magistralmente ao ajuizar.

– Não se pode esconder o sol com uma peneira.

O mês de maio não acabaria sem mais contratempos.

No último dia – era uma tarde de sábado – Dr. Leandro veio à cidade avistar-se com o coronel. Os dois não se conversavam há tempo, mas diante do falatório, das histórias desencontradas que corriam à boca pequena, o bacharel achou conveniente ouvi-lo. Antes de ir ao Taco de Ouro, onde julgava encontrar o seu desafeto, foi sentar-se na calçada da pensão. Queria sondar a opinião de Fragoso, que lhe parecia um oráculo dos acontecimentos da província:

– Então, seu Fragoso, o açude é mesmo para prejudicar-me?

O hoteleiro astutamente fugia ao assunto sem que o outro desejasse eximi-lo de expor os fatos. Por que haveria de meter-se na briga deles dois – raciocinava – tendo de um lado um homem rico e do outro um manda-chuva? Conhecia os métodos do Cel. José Cândido. Acostumara-se desde cedo a agradar-lhe, fazendo-lhe as vontades. Não iria modificar, agora, o seu procedimento, principalmente não tendo pago os impostos do ano passado. O melhor que fazia – punha o olhar aflito no rosto nervoso do Dr. Leandro – era ficar fora da encrenca, tratar a ambos com fidalguia.

– Então – insistia a visita – o senhor não ouviu ninguém falar a respeito?

– A respeito de quê, homem?

– Disso tudo, do açude... – Foi a vez do Dr. Leandro pensar que o outro estava blefando. – Ande, explique-se. Afinal de contas não sou nenhuma criança.

– Eu sei, doutor. Mas não vou mentir. Ninguém me falou nada. Fico calado porque nada sei.

O Dr. Leandro principiou a ver bem claro. O velho mentia. O safado do hoteleiro receava e, por isso, procura-

va escapar ao seu olhar firme, ausentar-se de suas perguntas. “Ah, terra de gente falsa, ordinária!” Decidindo-se:

– Fale, homem! Somos amigos. Quero informações exatas.

– Eu sei, doutor. Mas não vou inventar histórias. O assunto aqui na rua, na pensão e no bar, tem sido a morte de Margarida e a doidice do marido dela. Nada mais.

– Não ouviu nenhum comentário sobre o açude Catoré?

– Eu mesmo não.

“Velho mentiroso”. pensou outra vez Leandro. E esclarecendo:

– Quero tirar hoje essa história a limpo. Todo mundo sabe que durante anos morei em Fortaleza sem ligar para o Cabeça de Boi. Mas agora a fazenda é como se fosse minha mulher ou um filho meu. Não vou deixar ninguém prejudicá-la. Não está direito o Cel. José Cândido querer inundar-me as terras, arrasar a minha lavoura, prejudicar inclusive os meus moradores. Não pense que vim atrás de fuxico. Me interesso pela verdade. Se sabe de alguma coisa, me ajude.

A voz lhe escapava súplice. Nem assim Fragoso decidiu-se adiantar-lhe alguma coisa. Acovardava-se nessas ocasiões. Tinha um medo terrível de prejudicar-se. Quem era ele afinal? Um dono de pensão, sem futuro, perto da ruína. Se saísse das graças do coronel não teria mais coragem de enfrentar a vida. Era capaz de morrer de fome. Era esse medo, receio de perder tudo, de se tornar ainda mais miserável, que o amedrontava.

Leandro levantou-se. Ficou balançando o corpo sobre as pernas, a vista dirigida para o Taco de Ouro. Fragoso adivinhava-lhe o pensamento. Sabia que ele vigiava a chegada do coronel, que ia ao bar, todos os sábados, confraternizar com os amigos...

– Vou até lá – apontou, chupando o ar pelo nariz - esperar por ele.

– O coronel só chega depois das quatro. Ainda são duas e meia – esclareceu Fragoso consultando as horas.

– É verdade – apercebeu-se o outro. – Vou então dar um giro por aí, depois volto. O senhor não quer cooperar comigo...

– Sou sincero, doutor. Não posso.

– Compreendo.

Reparou o interior da pensão. Avistou, pela porta aberta, a empregada que varria o corredor.

– Hum! – admirou-se. – No meu entender essa Rosaura está prenha.

Fragoso vexou-se. Olhou rapidamente para o interior da casa. Aquilo não era coisa que o amigo dissesse... A rapariga, roliça, empurrava o cisco. E ele não soube imediatamente o que responder. Para atormentá-lo, vendo-o atrapalhado, Dr. Leandro insistiu:

– Vá ver que você tem sócio dentro da pensão. Todo mundo diz que você anda batendo na bunda dela...

– Por favor, doutor... – melindrou-se o hoteleiro. -Não diga isso nem de brincadeira. Sou um homem honesto. A única mulher que conheci na vida foi a minha.

– Bem, é o que dizem. Não tenho culpa da língua do povo ser desaforada. – Batendo com a mão, amigavelmente, em suas costas: – Não se irrite, que isso não vale nada. Até mais tarde.

Dr. Leandro não dera mais do que dez passos, abriu-se o postigo da pensão deixando à amostra a fisionomia contrafeita de Sinhá. Fragoso continuava lívido e assustou-se ainda mais quando descobriu que a esposa ouvira a irreverência do amigo. Sem jeito, principiou a desculpar-se:

– Este doutor mata a gente de vergonha com as brincadeiras indecentes, fora de propósito. Não tem um pingo de vergonha. Por isso é que o Cel. José Cândido está entrando na vida dele.

Sinhá formalizou-se toda e retrucou:

– Quem não tem um pingo de vergonha é você. Eu já andava desconfiada. Agora sei. Naquele dia da chuva você tinha vindo do quarto da cabocla... Não tem vergonha de se meter com essa atrevida de peito mole.

– Que é isso, Sinhá? Que história é essa, mulher?

– E baixe essa voz! – ameaçou ela. – Não quero que me responda assim. Pensa que estou inventando? Então não vejo o seu derretido de olhar pra ela? Da última vez que essa cunhã adoeceu você foi comprar raiz no mercado, fazer chá pra ela!

– Mas eu não tenho nada com ela! Sou um velho respeitável.

– Respeitável? Mulher besta que meta a mão no fogo por marido. Homem é nação de gente ruim. – Pondo o seu sentido em observações que fizera anteriormente: – Ela está cheia. Aquele bucho, aquela cuspideira de manhã. Ontem, me disse que tinha acordado sentindo uma tontura. Devia lembrar-se disso quando foi procurar homem.

– Olhe, Sinhá, ela pode estar grávida, mas lhe garanto que o filho não é meu.

– Veremos, quando nascer.

Fechou o postigo. Fragoso ouviu-a retirar-se, afundar-se na casa, discutir com a empregada. Resolveu entrar quando voltou o silêncio e já não se ouvia o chiado da vassoura. Encontrou a mulher no quarto. Por mais que procurasse convence-la de sua inocência, não houve meio de ela render-se aos seus argumentos. Que necessidade tinha – dizia-lhe – de ir meter-se com uma empregada de cozinha? Rosaura, afinal de contas, era de maioridade.

Como a esposa continuasse irredutível em seus pontos de vista, o velho irritou-se:

– Pois faça o que você quiser, ora merda!

Saiu pela porta da rua. Sinhá imaginou que ele ia ao Taco de Ouro desabafar-se numa gelada com os amigos.

Chegou-se à porta do quarto e pelas frinchas ficou reparando a empregada que punha a mesa, o corpo farto, debochada, como se nada houvesse acontecido. No curto espaço de tempo que a contemplou, encheu-se de raiva. Aquela atrevida não ficava mais um minuto em sua casa. Mulher indecente!

Abriu a porta; e se armando com a vassoura que encontrou no corredor, avançou sobre ela, aos gritos:

– Pra fora daqui, cachorra!

– NÃO exagero nada! O Dr. Leandro está puto da vida com o coronel e vem disposto a ter um encontro com ele. – Fragoso parou ofegante, pondo-se atento à impressão que no outro causavam as suas palavras.

– Eu dou logo um abatimento a sua história – disse Benício.

– Mas foi o que me contou. Está fulo de raiva. Daquele jeito – tomou o ar pelo nariz, que parecia obstruído – vai agredir o coronel. – No íntimo ele sabia que exagerava.

O dono do bar continuava sem lhe dar crédito. Afinal, ponderou:

– O Dr. Leandro, Fragoso, é um homem educado. Como é que de um momento para outro vai querer brigar? Isso não!

– Você não entende disso! – E baixando a voz: – Anda armado com um pau de fogo deste tamanho! – Marcava a dimensão da arma com as mãos.

– Armado? Nunca portou uma arma!

– Não sei, pra mim aquele monte no bolso das calças, é um revólver de seis balas.

– Sendo assim não presta não. Me meto não, Fragoso. Meu negócio agora é vender cerveja, alugar o bilhar e voar no coronel. Voto nele, e acabou-se a história! – andou em direção ao balcão.

– Bem, se é assim!... – E assumindo uma posição dramática: – Lavo as minhas mãos. Depois não se vá dizer que não fui amigo, que não procurei avisar em tempo!

Sentou-se a uma mesa. Consultando o relógio:

– Ele ficou de vir aqui hoje?

– Vem todos os dias, você sabe disso – falou Benício, já atrás do balcão, arranjando as garrafas no refrigerador.

– Bom, sendo assim vou tomar a minha cerveja. Me dá uma fria aí, Pereba.

Depois de servir-se, quedou pensativo. Bolas! Nem valia a pena insistir no assunto. Afinal de contas, o dono do bar era um safado!

Bebeu o segundo copo, a vagar, vendo na parede o reclame da cerveja Preferida. Ao lado havia um cartaz em tricromia: a moça dos pentes Oríon, sem "soutien", alisando uns cabelos tão compridos, tão sedosos... Na verdade, pensou o velho, se Rosaura se cuidasse melhor e prometesse viver só com ele, ia-lhe dar um pente Orion, "o único que faz ondas na cabelo". Mas, não! Rosaura é uma vagabunda! Tem outro homem em sua vida, e vá ver que é um Zé Ninguém, que nem histórias do Amazonas sabe contar.

Aperta os dedos, ouvindo-os estalarem. Ah! não pode esquecer a noite de chuva, a atrapalhada toda no quarto da empregada, a danação de Sinhá. Deus do céu! Nunca pensou que a mulher ainda fosse capaz de lhe querer...

Chupou a cerveja na beirada do copo. Mas quem seria o conquistador de Rosaura? O maroto do Zeca Paulino ou o Alfredo, da Prefeitura? O Alfredo não podia ser. Queixava-se tanto de reumatismo... E Zeca Paulino? Seu coração dizia que era o empresário. Õ bicho safado!...

Benicio, não se contendo mais, aproximou-se da mesa. Queria saber o que impressionava o amigo.

– Sei lá! Eu acho que estou ficando caduco.

– Homem, alevante o espírito! Quem se entrega, o diabo carrega! Você já viu o que aconteceu por aqui. Antônio, além de matar a mulher, ficou doido. Anda falando agora com as almas.

Fragoso levou o copo à boca. Sorveu dois dedos da bebida. Depositando o copo sobre a mesa, considerou:

– O mundo anda perto de se acabar. A verdade é que Nosso Senhor não pode estar satisfeito com os moradores que tem. Nós somos muito ruins.

– Padre Brasilino – tornou o outro – cobre-se de razão quando diz que aqui mesmo na terra que o homem paga seus pecados. Se você está devendo a alguém, se prepare.

– Eu? Devo lá nada!... – Teve vontade de dizer, só se for dinheiro, que não tenho.

Um carro freou defronte ao bar. Haviam-se levantado os homens a ver quem chegava, quando José Cândido, acompanhado de um mulato desempenado, desconhecido de ambos, penetrou no salão. Cumprimentou os dois, estrepitosamente, e, pedindo cerveja, recomendou:

– Bem gelada! O sol hoje foi de tinir. – Pondo atenção no ar apreensivo de Fragoso: – Que é isso? Morreu galego?

O hoteleiro engoliu seco, sem saber o que fazia. Dizia-lhe a verdade? Afinal resolveu:

– Probleminhas particulares.

– Particulares ou domésticos? – tornou o outro. – Na certa d. Sinhazinha descobriu seu arrastado de asas para os lados da empregada.

– Quem sou eu, meu amigo!

José Cândido recebeu a garrafa que Pereba trouxe. Antes de destampá-la reparou se estava gelada. Virando-se para Benício, queria notícias do prefeito e do juiz.

A cerveja descia lenta no copo, sumindo-se na boca sequiosa de José Cândido. Quando este acabou, estalou a língua; passou o lenço nos lábios, enxugando-os, e disse ao mulato:

– Largue a moleza, venha beber comigo!

– Muito obrigado, coronel. Tenho que levar o dinheiro para o pagamento dos cassacos. Essa gente, se atraso, não me perdoa.

"Ah! era aquele o homem que construía o Catoré", pensou Fragoso. Quando o mulato retirou-se – "Com as licenças dos senhores doutores e coronéis" – José Cândido esclareceu:

– É o melhor mestre de açude no Ceará. Vale mais do que um engenheiro. A gente olha assim pra ele, não dá nada, mas é um doutor. E se dizer que mal ferra o nome.

Fragoso, que se levantara, reocupou o tamborete:

– Custa muito acabar o açude, coronel?

– Falar a verdade, seu Fragoso – a voz do outro escorria preguiçosa, tomando gosto – estou pensando que até o inverno do ano vindouro teremos o pai-d'égua pronto. – Riu um riso vitorioso. Na verdade principiou a rir daquela maneira porque se lembrou do mal que ia fazer às terras de Leandro. O velhaco daquele bacharel fracassado ia ver que não adianta querer botar a cabeça de fora. Se botasse, o malhava forte, no meio da testa!

Fragoso pedia detalhes da construção. Se o açude era grande, se era mesmo – como diziam – o maior do município... José Cândido, com uma alegria de menino com roupa de primeira comunhão, dava-lhe as informações requeridas, mas aumentava, fazia do Catoré o segundo Orós do Ceará.

De momento a momento Fragoso reprimia a vontade de dizer ao outro a conversa que tivera com o Dr. Leandro, há pouco. Mas o olhar frio de Benício: – "Me meto não, Fragoso!" Meu negócio também devia ser a pensão. Que tinha a ver com a encrenca dos outros?

– Bem, continuando... – Mas José Cândido não continuou. Havia levantado a cabeça em direção à porta do bar quando avistou o bacharel que já se acercava da mesa.

– Com licença – disse Leandro – quero falar um particular com o senhor, coronel.

José Cândido teve vontade de levantar-se, e dizer que não se interessava em ouvir a conversa do vizinho, mas na fração de tempo que o outro gastou até encostar-se à mesa, ele preferiu mostrar-se cortês.

– Estou às suas ordens, doutor. – Carregou na última palavra, pondo-a sob acentuada ironia.

– Muito agradecido. Com licença – puxou a cadeira, sentando-se à mesa. – Eu gostaria que o senhor me fizesse o obséquio...

José Cândido interrompeu-o:

– Se é particular, naturalmente o senhor não deseja ser ouvido por tanta gente...

– Para mim tanto faz.

Fragoso levantou-se, segurando o copo. O dono do bar imitou-o.

– Nós vamos ficar ali no balcão enquanto os senhores conversam – propôs Fragoso.

– Não há necessidade – disse Leandro.

– Mas somos nós que queremos.

E os dois homens ausentaram-se da mesa, trocando olhares em que se lia o mesmo pensamento comum a ambos: “Isso não vai acabar bem”.

– Pronto, doutor. Estou às suas ordens – começou José Cândido.

– Bem, eu queria – o outro falava com a voz meio trêmula, mas clara – eu queria que o senhor me esclarecesse um assunto que me causa dúvida e apreensão. – Houve uma pausa, enquanto os seus olhos punha-se na mesa molhada.

– Pode falar – incentivou-o José Cândido.

– Bem, queria que o senhor me dissesse se é verdade que o seu açude Catoré está sendo feito com o propósito de invadir minhas terras.

José Cândido ruborizou-se. Fragoso, de longe, percebeu que o coronel se irritara à pergunta que o outro lhe fizera, como se o apanhasse em falta grave.

– Bem, vai aqui a minha resposta de homem. Não entendo de cálculos de açude. O que eu sou mesmo é político, nada mais. Mandei projetar o Catoré, porque queria ter um grande açude. Nem me lembrei que o senhor existia. Se os técnicos errarem, que não acredito nisso, culpa nenhuma me cabe.

Leandro encarou-o firme, desejando descobrir se não havia uma trapaça por trás daquelas palavras. E decidindo-se:

– Muito obrigado. Felicito-o, por outro lado, por pensar como um homem de bem. Já havia jurado não ter mais nenhum entendimento com o senhor, mas, nesse caso, não era possível ficar a escutar histórias do povo. O senhor sabe que tomei dinheiro emprestado ao Banco do Brasil; estou endividado. Adquiri máquinas, comprei ou-

tro trator e estou agora mesmo montando mais uma motobomba. Sabe o que desejo? Não é tomar o cetro da política que lhe assenta muito bem. O que quero é ser um homem válido para a minha terra; recuperar o Cabeça de Boi, ajudar a matar a fome do povo. Portanto, mil vezes agradecido. As informações me tranqüilizam.

– Quem andou dizendo coisas ao senhor, a meu respeito? perguntou José Cândido.

– Falando franco, muita gente. Talvez até mesmo os seus próprios amigos. Mas acho que exageraram... – e baixando a voz – ou mentiam.

– Está bem.

– É o que lhe digo também. – Houve uma pausa e Leandro perguntou:

– Posso contar com a sua palavra?

– Perfeitamente! Não me interessa a vida de sua propriedade.

– Ótimo! Melhor assim. Não será nada agradável para nós ambos se os seus cuidados e interesses avançarem para dentro dos limites do Cabeça de Boi.

Fragoso ouviu distintamente o que dissera o doutor; prestou atenção à mão do coronel que se crispara num impulso de quem se dispõe a revidar.

– Não é preciso chegar a tanto.

– Estimaria também que o senhor cumprisse a sua palavra. Conheço bem a irresponsabilidade do governo cearense. Sua política só atende e só serve a quem está de cima. A situação aqui é do senhor, inteiramente sua. – Levantou-se, o sobrecenho carregado. Via-se-lhe a vontade de dizer umas tantas verdades, mas refreava-se. Não queria chegar, logo àquele encontro, a um desentendimento mais grave. – Muito obrigado – retirou-se pisando forte.

Fragoso e Benício aproximaram-se de José Cândido, curiosos. Haviam escutado quase tudo, mas fingiam ignorar o teor da conversa. Fragoso, sem se poder conter, afinal perguntou:

– Que queria ele?

– Besteira! Não sabe cuidar do sítio, da sua vida, e anda encagaçado. Pensa que eu tenho medo de intimidações. Eu sou é homem. – Levantou-se, a esbravejar. – Não lhe quebrei a cara, porque não gosto de violência. Vocês me conhecem. Sou um homem pacato.

– Parecia todo importante – arriscou Benício, a puxar outra vez o ar por entre os dentes.

– Queria informações – tornou a falar o coronel, ainda exaltado – como se eu fosse agência do governo. O açude é meu, faço com ele o que quiser. É frouxo! Não manda nada! Pensa que é gente! – Voltando-se para o garçom: – Depressa, uma gelada.

Pereba trouxe-lhe a bebida.

Enquanto o coronel se servia, Fragoso completava o seu raciocínio consigo mesmo. Ali estava o homem zangado e sem razão. Todo mundo sabia, e pelo menos é o que se dizia na cidade, que o Catoré, quando construído, arrasaria a propriedade de Leandro.

Cuspiu no chão, enojado.

– Está-se sentindo mal, Fragoso? – indagou José Cândido, que ao beber outro copo de cerveja voltava à sua tranqüilidade.

O velho não encontrou palavra para responder. Na verdade, não podia. Que havia de fazer um homem pobre, arruinado e sem coragem, como ele?

FRANCISCO do Carmo perdera a sua paz de espírito, que lhe era indispensável, desde o dia em que fora a sua casa o cel. José Cândido, levando-o a concluir, contra os seus princípios, o projeto do Açude Catoré. Rosita, por todos os meios, procurava afastar de seu espírito atribulado o sentimento de culpa que ficara. No fundo, pensava, o marido não passava de um funcionário subalterno. Se concordava ou transigia algumas vezes, é porque não podia fazer prevalecer a sua vontade. Mas – era o que lhe dizia nesse dia, vendo-o reclamar da vida, maldizer-se o tempo todo – que adiantava esforçar-se tanto para proceder com dignidade, se o próprio chefe da repartição era o primeiro a iludir, a trapacear, protegendo os afilhados da política?

O desenhista não queria escutá-la. Havia de viver a seu modo, dentro de suas normas e idéias. Não era obrigado a afinar-se pela má fé dos outros. Desesperava-se, mas por quê? No dia seguinte da visita de José Cândido, fora ao chefe expor os fatos como estes lhe pareciam. Não lhe deram a mínima atenção. Bateram-lhe nas costas, e duas ou três palavras convencionais, de amabilidade, encerraram a entrevista. Embora que de maneira delicada o haviam enxotado da sala.

Ficava decente continuar comprometido? O chefe não queria ver que o açude se transformara num instrumento de vingança e ameaçava a propriedade vizinha. Que espécie de política adotavam os homens do Ceará, como se não existissem mais decência nem respeito ao direito alheio? Não, não se renderia àquele indiferentismo, não aceitaria como válidas e definitivas as palavras do diretor.

Rosita tentava acalmá-lo:

– Você não tem culpa nenhuma, homem. O coronel quando chegou a nossa casa já trazia o documento preparado, sacramentado com a assinatura do Dr. Roberto. Você

fez apenas concluir o desenho. Que mal há nisso? Diga? Você cumpre ordens, ora esta!

"Cumpro ordens!" Que ordens? Era preciso distinguir. Não aceitara o emprego simplesmente para transformar-se em joguete nas mãos dos outros. Sempre se esforçara para destacar-se pela sua operosidade e boas intenções. Não fora isso que aprendera na escola? O homem devia ser honesto consigo mesmo, em primeiro lugar, para sê-lo depois com os outros. Viera da infância distante com essa vontade de servir, de estender a mão para quem precisasse de auxilio. "Menino, dê sua mão a um pobre velho que vai atravessar a rua." E o código de honra dos escoteiros? Era preciso fazer tanta coisa na vida! Tirar casca de banana da calçada, não tacar as paredes, não deixar um pobre sem uma moeda, não permitir que os perversos maltratassem um ébrio...

Era preciso também não dar traços desnecessários, desonestos!

– Querido, você não pode consertar o mundo!

A voz de Rosita exaspera-o. Ele não pode aceitar aquela maneira de viver sem uma reação. Ela se surpreendeu quando o viu atirar a mão espalmada sobre o móvel. Garfos e facas retiniram.

– Eu sabia – ajuntou, colérico – que você acabaria repetindo isso. Quem lhe disse que desejo consertar o mundo? Está muito enganada. Quero apenas dormir, dormir tranqüilo!

Levantou-se. Entrou a andar de um para o outro lado, o sobrecenho carregado. Tremia – ele próprio percebia – pois de repente o assaltara um desânimo completo.

– Bem – dizia a mulher – não falei por mal. Me desculpe. Vamos ao cinema.

Não ia. Nem se justificou. Sentou-se novamente na cadeira, os cotovelos sobre a mesa, apoiando a cabeça entre as

mãos. Balbuciava algo que ela não pôde entender. Talvez referisse ao governo, aos seus desmandos praticados. Depois de um momento, em que se ouvia distintamente o tique-taque do relógio de parede, ergueu a cabeça, mais aliviado, e voltou a descansar as mãos sobre a mesa, dizendo:

– Se pudesse, largava o emprego. Não tenho entranhas para viver misturado com essa canalha.

– Que pensamento! – assustou-se a mulher. – Repare o tempo de serviço!

– Que tempo de serviço, qual nada! Não me serve! – Aferrando-se outra vez ao problema que o angustiava, repetiu: – Não agüento viver intranqüilo. Você é porque não sabe quanto isso me incomoda. Já não durmo, mulher! Fico, a noite toda, virando na cama, sem poder dormir.

– Tome um remédio.

– Remédio? O meu remédio eu sei qual é. Vou procurar outro emprego, sair daquela mixórdia. É o que farei.

A mulher irritou-se:

– Pois saia, pois se dane! Corra doido, perca o emprego. Você é mesmo besta!

Ele teve vontade de ser-lhe grosseiro, mas se conteve. Poderia zangá-la. Não, ainda tinha forças para não desesperar. Pôs-se a andar outra vez pela sala, marcando os passos resolutamente. Não adiantava discutir com a mulher. O único caminho a tomar era insistir junto do chefe, mostrar-lhe o desacerto em que a repartição teimava incidir. Não podia acreditar em novo fracasso.

Pensando que não fracassaria, Francisco do Carmo foi introduzido na sala do Dr. Roberto. Um sol forte entrava pelas venezianas e refletia-se nos óculos da secretária que o recebera com indisposição. O chefe, ao erguer os olhos do documento que assinava, vendo-o ali, não pôde esconder-lhe o desagrado. Era como se lhe quisesse dizer:

“Oh, Francisco!... você outra vez a me paulificar!”. Passado aquele momento de silêncio, Dr. Roberto convidou o funcionário a sentar-se.

– Alguma novidade? – perguntou-lhe.

– Eu desejava dar duas palavrinhas com o senhor. Reconheço mesmo que a minha presença o aborrece...

Dr. Roberto, prevenindo, procurava cortar o assunto:

– Olhe, Francisco, se é a respeito do açude, tenha paciência. Já passa da conta.

– Mas, doutor... Eu não tenho dormido; estou-me sentindo mal. E uma questão de consciência.

– Questão de consciência? – A essa declaração o outro arregalou os olhos como se tivesse escutado a informação de que haviam diminuído os seus vencimentos à metade.

– Questão de consciência – confirmou o desenhista.

– Olhe, doutor, eu não agüento!...

– Meu amigo atalhou o chefe que assumia um ar amistoso – compreendo a sua intranqüilidade, mas nada posso fazer. Lamento profundamente.

– O doutor podia dar um jeito...

– Que jeito?

– Trago comigo uma denúncia, firmada por mim, contra o açude. – Estendeu-lhe, então, um papel almaço, datilografado. Eram ao todo umas vinte linhas.

– Uma denúncia? – admirou-se o chefe.

– Exato.

Dr. Roberto quase lhe arrebatou o papel das mãos.

– Você enlouqueceu, homem?

– Não, senhor.

– Não pode ser assim, nunca foi! – exclamou.

Saiu de detrás da mesa; veio ter ao lado do funcionário que o fitava sem compreender. Com a cabeça fez um

gesto para a secretária ausentar-se da sala. Não queria que estranhos ouvissem as impropriedades que o subalterno podia dizer. Chegando-se bem perto dele, insistiu resoluto:

– Loucura! o governo daria a sua demissão no outro dia. Está falando aqui o amigo e não o chefe.

– Demitido? – Francisco do Carmo não compreendia. Demitido por que defendi o interesse público?

– Você é um poeta, rapaz. Não entende dos interesses dos grupos.

Carregou-o delicadamente até o grupo de poltronas. Fê-lo sentar-se numa cadeira, e, sem deixá-lo falar, continuou:

– O problema do açude não lhe pertence mais. Se não estiver correto, o prejudicado se dirigirá ao governo. Se o governo não o escutar, recorrerá à Justiça. O que não podemos é contrariar um político forte como Cel. José Cândido, que nos garante a vitória nas eleições.

Francisco do Carmo afundava-se em suas decepções. Não seriam razões daquela natureza que o fariam abandonar a idéia de denunciar o projeto. Dr. Roberto interpretou-lhe a calma como se o funcionário estivesse curvando-se às suas ponderações.

– Você perde o emprego! Veja que o tempo não está de brincadeira. Não se arranja um lugar desses com facilidade!

Francisco do Carmo sentiu que lhe crescia um profundo desprezo por aquele homem. Gostaria de ter coragem para aceitar as conveniências da repartição, os interesses pessoais do governador, do chefe... Mas não podia. Infelizmente – ou deveria dizer felizmente? – era um homem incapaz de dobrar-se àquelas sabujices.

– Você não pode continuar remando contra a maré – tornava o diretor com a voz mais firme. Entendia a essa altura que o subordinado se submetia ao seu pensamen-

to. – Com jeito tudo se arranja. No fim do ano eu lhe garanto uma promoção... – Batendo com a mão no peito: – A responsabilidade do que houver fica por minha conta. Entende? Por minha conta. Para isso me pagam mais.

Francisco do Carmo pôs-se de pé, o olhar vago, como se nada avistasse na sala do chefe, nem mesmo este. Encaminhou-se à porta, sentindo que o Dr. Roberto o acompanhava a mão pousada sobre o seu ombro, e a murmurar-lhe aos ouvidos outras recomendações tão descabíveis quanto às primeiras.

A porta, encontraram-se com D. Sinhazinha que lhes trazia café.

– Então – dizia a moça – o senhor já vai? Depositou a bandeja sobre a mesa.

O desenhista parou, sem saber o que fazer. De verdade o que desejava mesmo era ir-se dali, de uma vez, livrar-se da presença e da intrujice do chefe. O aroma do café enchia a sala, derramava-se pelo corredor.

– Fique mais um pouco, Francisco! Você está muito exaltado, homem – dizia-lhe o chefe.

– Não... – balbuciou. Não queria café. Não lhe importava saber quem ia responsabilizar-se pela construção desastrada do Gatoré. Pelos seus gestos, pela sua vida, ele é que teria de responder. Distanciando-se da secretária – "Ora, que pressa, seu Francisco! Tome o cafezinho. Está tão gostoso!" – do Dr. Roberto, que agora lhe dava uma repugnância difícil de reprimir, avançou em direção à saída.

Ai, pelos céus! Naquele instante afinal ele sabia qual a decisão que um homem de vergonha deve tomar para considerar-se digno.

O INVERNO não durou mais do que dois meses e meio; o suficiente para garantir uma safra compensadora. Nem mesmo a lagarta que atacava o milho, todos os anos, com considerável devastação, não o acometera desta vez. Os que plantaram, nesse tempo, tinham o prazer de colher o fruto de seu trabalho. Repletavam-se as mesas do Taco de Ouro; a freqüência aumentara. E até certo ponto esmoreceram as viagens do ônibus de Zeca Paulino, para Brasília, pois o povo, com a fartura a lhe bater à porta, não mais largava o Ceará. Muitas coisas haviam sucedido enquanto o inverno chegava ao fim. Os trabalhos no açude Catoré iam adiantados, e, quem por lá passasse, poderia verificar de um e de outro lado do córrego as duas pontas da muralha de argila que, um dia, fecharia a passagem da água. Até um trator, de esteira, muito possante, cedido pelo governo, viera acelerar as obras. No ano vindouro – alardeavam os mais íntimos do Cel. José Cândido – o açude estaria pronto para ser inaugurado com estrepitosa festa.

O objetivo do coronel na construção do açude estava definido para os observadores da política local. Chico Andrade, ele próprio, convencera-se de que o coronel queria, na verdade, livrar-se de Leandro, como se este lhe desejasse concorrer. O açude e a política eram o assunto dominante no bar, nesse dia, quando Fragoso puxou uma cadeira e acrescentou-se ao grupo que discutia.

Chico Andrade acabava de dizer:

– E medo, e grande! O homem é frouxo. – E alisando o copo de cerveja, continuou: – Tem medo de que o Leandro, com o trabalho que está apresentando, ponha-se na sua dianteira. Digo isso porque fui ontem dar uma vista de olhos no Cabeça de Boi. Vão lá, vão lá pra ver! Até parece os bons tempos do velho Rocha, quando o sítio dava de um tudo. Sabem o que vi? – fincou os cotovelos na mesa,

enquanto passeava o olhar pelo rosto dos circunstantes – Fartura! E sinal de que nem tudo está perdido. Se o governo, em vez de apoiar as sacanagens de José Cândido, colaborasse com os agricultores bem intencionados, o Ceará era outra coisa. – Otacílio fez menção de falar, mas recostou-se na cadeira, diante da veemência do outro. – Depois vocês discutem, agora não! O Ceará, todo mundo sabe disso, vive de mão estirada, pedindo socorro ao Governo Federal. Pra que isso? Se temos terra, temos gente de capacidade e de mão forte pro trabalho! Um homem da marca do Dr. Leandro vale ouro.

– Você falou em fartura. Fartura de quê? – arriscou Otacílio.

– De milho, feijão, arroz... Tinha tudo lá, aos montes. O arroz é pouco, pois ainda não é tempo, mas promete. O milho, se quebrarem tudo que deu, é preciso uma tropa de mil burros pra carregar. E não é só! – Demorou um pouco o ritmo da conversa, pondo atenção nos amigos: – Ainda não lhes contei o que vi no baixio. Vão lá, deixem a cerveja de lado, que isso só serve pra se gastar dinheiro e mijar... Vão lá ver o que é fartura. Aquele Dr. Leandro tem peito. Homem inteirado. – Respirou forte, e, se acomodando na cadeira, continuou: – Agora, perguntem ao cel. José Cândido, o que produziu ele no sítio? Perguntem! Apareça um de nós que tenha feito pelo menos a décima parte da do Dr. Leandro.

– Não tem quem acredite! – manifestou-se Otacílio, cruzando as pernas. – Um homem que vivia no Náutico, bebendo uísque...

– Vivia, não vive mais. Aqui entra a moral da história. Largou tudo e veio trabalhar. Está-nos dando o exemplo. Ou fazemos isso, ou a reforma agrária entra em cima de nós, para rachar. E o governo tem que se meter nela, se-

não a grita é maior. – Baixou a voz como se fosse confiar uma revelação indiscreta: – Pode haver até revolução.

– Que reforma agrária é essa? – perguntou o delegado, que não entendia do assunto.

– O que se fez em Cuba. Divisão de terra. Ninguém pode deter nas mãos léguas e léguas de chão sem produzir, enquanto outros não encontram lugar nem pra dormir – esclareceu o irmão do prefeito.

– Ah, mas isso não vem pro Brasil! Brasileiro é diferente.

– Vá pensando nisso... Vá! Eu não sou agricultor, seu Anselmo, mas a verdade é que precisamos mudar essa mentalidade retrógrada...

– Temos outro comunista. Agora são dois – chalaceou Gonçalves, que chegara a tempo de ouvir as últimas palavras do amigo. – Vamos, continue. Estou apreciando o seu entusiasmo.

– Pois é – continuou Chico Andrade, sentindo-se encorajado com a presença do outro. – É necessário cavar o chão, fabricar alimentos, arrancá-los da terra com as nossas próprias mãos. Houve tempo aqui em que se comprava um quilo de arroz por dois cruzeiros. Hoje, custa trinta e seis! Trinta e seis bagarotes, ouviram?

– Cerveja! – pediu Otacílio.

– Já vem tarde – arrematou Anselmo acrescentando – ô calor danado! Parece que ainda vai chover.

Fragoso, que se mostrava entendido em prognósticos sobre o tempo, interveio:

– Só chove agora na força da lua.

Otacílio então se aproveitou:

– E é na força do braço de d. Sinhá que você vai reparar a honra de Rosaura!

O hoteleiro ficou vermelho. Não gostava que brincassem com ele daquela forma. Encarou o companheiro de libações, magoado, e esclareceu:

– E um favor, um favor que você me faz se não me tocasse mais no assunto. Sou lá homem pra misturar-me com cozinheira! Cozinheira é pirão frio!

Otacílio chalaceava:

– Olha a inocência dele! Tinha graça!

Fragoso levantou-se. Se o outro insistisse estava disposto a fechar a questão. Pôs-se a passear de um para o outro lado, dizendo:

– Vocês são chatos! Pensarão que o filho é meu?

– Isso só se vai ver quando o menino espirrar.

A frase dita com chiste despertou hilaridade em todos. Pereba trouxe-lhe mais cerveja. Os copos se encheram outra vez, enquanto Fragoso, que não se podia coritrolar, insistia:

– Otacílio, eu gosto de você, mas você é mesmo implicante. Você achava direito inventar-se dessas histórias a seu respeito? Diga! Sou homem de moral.

– Deixe de frescura, Fragoso. Eu estava só brincando. Então não posso? Sou seu amigo, velho.

– E meu amigo? Então, acabe com essa chateação. Minha mulher sabe disso, que vai dizer? E ela não brinca não!

Dr. Marcos levantou-se da roda, às gargalhadas, e pretextando o calor – realmente rolava um ar abafado no salão – foi até à porta. Enquanto caminhou pelo salão, agitando a camisa para refrescar-se, Chico Andrade disse consigo mesmo, acompanhando-o com a vista: "E um mandrião esse juiz. Por isso é que José Cândido faz dele o que quer. Vai-se pondo à fresca para não entrar na quota da cerveja. Velho cretino!"

Depois de contemplar a rua, o juiz voltou-se para o interior do bar. Falava alto, advertindo a Fragoso:

– Você tem hóspede. Há um cavalheiro, acompanhado de carregador, diante da pensão.

– Deve ser visagem, doutor. Isso agora só mesmo em sonho.

– Estou falando a verdade, homem. Venha ver. E é gente de Fortaleza.

Fragoso, àquela insistência, ergueu-se da cadeira. Havia quase um ano rareavam os hóspedes, principalmente vindos da capital. Quem poderia ser? Encaminhou-se à porta. Apurando a vista, certificou-se de que o juiz lhe falara a verdade. Um homem, entrando aos trinta, metido numa roupa azul-clara, entretinha palestra com D. Sinhá.

Diante disso, o hoteleiro resolveu-se:

– É mesmo. Acho que devo ir lá ver quem e.

– Sendo alguém de importância, venha dizer-nos – recomendou o amigo.

Fragoso não o escutou. Deixou o bar e foi direto ao estranho, a fazer mil conjecturas. Chegou a imaginar se tratasse de algum fiscal do governo a recolher os impostos em atraso. A meia distância do desconhecido, ouviu Sinhá lhe dizer:

– Quem decide isso é meu marido. Só estamos aceitando hóspedes com dormida e café.

– Bom, então eu quero falar com ele....

Fragoso já lhe estendia a mão, sorridente:

– Eu me apresento. Antônio Fragoso de Albuquerque, um seu criado. – E carregando na amabilidade: – Realmente é como disse a minha esposa. Mas se tratando de um caso especial, como o do senhor, dá-se um jeito.

Acertadas as condições, o homem se identificou. Chamava-se Francisco do Carmo. Ouvira tanto falar da cidade, do clima, que viera passear para ver...

– Está bem, seu Carmo. O senhor se considere uma pessoa de casa. – E convidando-o: – Tenha a bondade de entrar. A pensão é pobre mas acolhedora.

Afundaram-se todos de casa adentro. Fragoso ao segurar a mala do hóspede notou que pelo peso ela não continha mais do que peças indispensáveis a uma viagem rápida. A porta do quarto, o hoteleiro indagou:

– Veja se se agrada do quarto.. Nós dormimos no outro.

O hóspede se satisfazia.

– E bem arejado – comentou.

– Então, não tenha cerimônia. Vá-se fazendo de íntimo.

Já no interior do compartimento, Francisco do Carmo sentou-se na cama estreita de solteiro, livrando-se do paletó empoeirado. Queria descalçar-se quanto antes. Os sapatos doíam-lhe terrivelmente. Enquanto desamarrava as enfias, percebeu a silenciosa inquirição do dono da pensão, que não lhe despregava os olhos.

– Se o senhor exigir, pago adiantado – ofereceu-se.

Não, era aquilo... Começou a explicar-se o hoteleiro. O hóspede estivesse à vontade.

E já dizia:

– E costume meu reparar bem as pessoas que recebo. Gosto de guardar as feições... Longe de mim querer receber pagamento adiantado! Fique à vontade. Quer tirar as calças?

– Ainda vou ao banheiro.

Com os pés erguidos, mexendo os dedos, perguntou:

– Fica longe daqui o Cabeça de Boi?

– A fazenda do Dr. Leandro?

– Talvez seja.

– E ele mesmo. Vai-se lá num pulo. E' questão de uma hora e meia de viagem. O senhor conhece-o?

– O dono? Não, senhor.

– Excelente criatura! O pai dele foi um dos maiores fazendeiros da zona, até que veio a estrada de rodagem e

cortou o Cabeça de Boi em duas bandas. O velho desgostou-se, sentiu-se desprestigiado; foi definhando até morrer. Leandro, é o nome do filho, herdou-lhe a terra. Mas largou-se para Fortaleza, a jogar, a gastar dinheiro... Eita, ferro! Quase bota tudo de água abaixo. Agora, diga-se a verdade, criou juízo. Arranjou um empréstimo no Banco do Brasil, conseguiu máquinas, o diabo! Faz no sítio uma verdadeira revolução.

– E bom que seja assim. – Houve uma pausa. Fragoso adivinhou que o hóspede queria fazer-lhe outra indagação. E desejava mesmo:

– E a fazenda do Cel. José Cândido, é longe?

– Qual nada! Pegada à do Dr. Leandro, como fruta gêmea. – Depois de uma pausa: – O senhor tem interesse em conhecer as duas propriedades?

Calaram-se os dois. Crescia a expectativa do hoteleiro. Francisco do Carmo, em dúvidas, reconhecia que falara demais. E tentando confundir o velho explicava:

– Não, senhor. E que eu leio sempre os relatórios do Ministério da Agricultura, e vejo referências aos dois, que são na verdade dois homens de bem, de disposição, de... – Completou o pensamento com um gesto vago.

Fragoso, com ar confidente, acercou-se da cama. Sentando-se nela, falou:

– Mas o Dr. Leandro é pessoa de mais competência. O coronel é homem de política, – ainda teve dúvida sobre como o classificasse, mas acabou fugindo à realidade – pouco interessado nos destinos do município. Como todo político o interesse dele é comprar os outros, isto é, os votos, e ter a Câmara na mão.

Calou-se ao ver Sinhá chegar à porta; viera avisar ao hóspede que já providenciara a água para o banho. Sorridente, recomendava-lhe:

– É bom não ficar ouvindo a conversa de Fragoso. Meu marido não se emenda, fala demais!

"Será que ela ouviu o que eu disse?" – pensou Fragoso enquanto animava o hóspede ao banho. – O tempo está quente. Um banho frio revigora, tira o cansaço da viagem. Chove de hoje pra manhã. Reparei no cromo; a lua é cheia nesses dias.

Francisco do Carmo seguiu direto ao fim do corredor; quedava pensativo; mais leve à perspectiva de cumprir o seu objetivo. Fora um custo, rememorava, convencer a esposa que o único caminho era ir avistar-se com o Dr. Leandro, e lhe contar toda a maldade que, inadvertidamente, fizera.

Trancou-se no banheiro. Após despir-se, achou-se ridículo assim nu diante de bacia cheia dágua. O quartinho estreito, incômodo, dava-lhe, entretanto, uma sensação de isolamento que lhe agradava. Queria aproveitar aquele instante, longe do dono da pensão, para arrumar os pensamentos. Apanhou a lata vazia – era de leite condensado – e com ela principiou a sacudir a água sobre o corpo. A pensão modesta, o banheiro humilde, sem nenhum conforto, retratavam a situação de penúria e de atraso em que se afogava o Ceará. Só ele sabia, em número, o total de verbas que o governo anunciava destinar às cidades do interior... Lá uma ou outra, administrada por homem de responsabilidade, sabia aproveitar-se dos recursos estaduais. Da janela do trem ele tivera oportunidade de balancear a pobreza dos sertões, de ver, em cada estação, o povo miserável, maltrapilho, vendendo água ou guloseimas aos passageiros. Que promiscuidade! Que sujeira, que desalento! E se dizer que por culpa de homens como o cel. José Cândido que só desejavam a parte do leão.

Onde andariam os homens dignos do lugar, que não viam aquela miséria? Estava a se perguntar a si mesmo, passando a toalha malcheirosa pelo corpo, quando, pelas frinchas das telhas, o vento tangeu um murmúrio de homens que pareciam divertir-se numa casa. Apurou o ouvido; queria descobrir o que conversavam. Vá ver – dizia para consigo mesmo – que eles estavam exatamente discutindo os problemas que acabara de pensar... Era isso! Todo mundo devia ter responsabilidade. O Ceará só caminharia para a frente se houvesse a colaboração, o interesse de todos.

De repente chegou-lhe aos ouvidos um palavrão. A este se seguiram outros mais obscenos. Alguém quebrou uma garrafa; copos, ruidosamente, rolaram de cima de uma mesa. Cresciam agora as vozes, desencontradas, irritadiças.

Foi aí que ele compreendeu: não era uma reunião de homens sérios, mas de canalhas.

SERIAM nove horas da manhã. Respingara à noite, voltara mais forte o calor. O sol esbatia-se na copa das árvores, pondo reflexos pelo chão. Leandro, que acabara de tomar o café da manhã, viera sentar-se na rede. Com o pé dependurado, alcançava o cimento frio do piso, tocando a rede num balanço sem pressa, enquanto, com os olhos, regalava-se com a paisagem que o cercava. O trator, metido sob o telheiro improvisado em garagem, dava uma nota nova, característica, àquela etapa de serviços que ele impulsionava com férrea disposição de vencer. Agora, no vaivém da rede – um vento morno passa e repassa pelas varandas pendidas – ele imagina planos, sentindo-se tocado por um arrebatamento quase infantil. Antes, havia um

simples desejo de recupera-se moralmente que, agora, se robustece no interesse de elevar os níveis de produção da fazenda, arrancando à terra o que nela se esconde.

Lembrou-se então de Frederico, o antigo morador do Cabeça de Boi, que os servia havia anos, continuava querendo comprar um pedaço de chão com o dinheiro da safra. Estivera relutando até concordar com o negócio, porque Leonice o advertira: "Homem isso não é direito! Todo mundo vai falar de você. Veja bem o que está fazendo. Você abre um precedente, precedente perigoso!..." Perigoso por quê? Leonice não entendia, precisava abrir os olhos e ver que estavam vivendo noutra época. O homem já deixara de ser escravo, e nenhum senhor poderia continuar senhor de léguas e mais léguas de terra enquanto outros nada possuíam. Que lhe custava ceder dois ou três hectares de chão? Era um estímulo ao leal servidor. Amanhã se outros desejassem o mesmo, não se negaria! Não lhe importam os comentários desairosos do Taco de Ouro. Aquela récua de bebedores de cerveja não tinha moral para criticar os seus gestos, as suas atitudes! Vende a terra, reparte os benefícios desta. É assim que vai fazer daí por diante.

Distante, uma nuvem de pó elevou-se do solo. Parecia um redemoinho. Firmando melhor a vista, Leandro teve a impressão de que era o filho voltando da cidade onde fora comprar, ao trem das onze, os jornais de Fortaleza. Leonice, que se ocupava em espanar os móveis da sala da frente, ao passar pela janela, também notara a poeira. Com o cabo do espanador apontado para lá, alvitrou:

– E capaz de ser o Tonico, não é? Que carreira, meu Deus! Qualquer dia desse leva um tombo.

Leandro levantou-se da rede; foi-se escarranchar no parapeito de cimento liso do alpendre, enquanto procurava nos bolsos um cigarro.

- É... isso é coisa de moço. Quando a gente vai ficando velho, perde a embalagem; amolece. – Depois de uma pausa. – Será que deixei os cigarros na cozinha? Vê aí, Leonice.

Antes de ela esclarecer, já era desnecessário. Tendo os encontrado, Leandro punha-se a fumar, os olhos voltados para o filho que se aproximava da casa, estugando o cavalo que deixava para trás, na estrada, um leque de poeira.

Você se estrompa, menino! gritou. E chupando a fumaça com sofreguidão: – Veja se toma juízo. Alguma novidade?

O cavalo freou rente à calçada. A poeira os envolveu. O rapaz saltou da alimária, ofegante:

– Estou acostumado a correr, pai – desculpou-se. E pondo um ar dramático no que dizia: – Tenho uma coisa importante pra contar.

Leandro passou a outra perna sobre o parapeito. E apreensivo:

– Boa ou má?

Tonico fez um ar de quem não se animava ir logo ao assunto. Tomou o animal pela brida, amarrou-o ao mourão. Enquanto apertava o laço da corda, do cabresto, explicou:

A gente às vezes não devia ouvir certas coisas, papai. Leandro impacientou-se:

– Arre, deixe de tanta demora! Avie-se! O que foi que você ouviu? Falaram de mim?

– Bom, até certo ponto... O assunto era o coronel José Cândido.

– Ah, logo vi!... – E sem mais poder controlar-se: – desembuche, criatura!

O rapaz subiu a calçada, encostou o corpo esguio no parapeito. Via-se que estava nervoso, excitado. A car-

reira do cavalo, assim pensava Leandro, só podia ter uma explicação.

– Como é, você fala ou não fala? De quem herdou essa mania de fazer mistério? Fale claro, menino!

Tonico decidiu-se afinal:

– Eu tomava um guaraná no Taco de Ouro, quando ouvi que falavam a nosso respeito. Era o irmão do prefeito. Garantia que José Cândido estava fazendo tudo para nos prejudicar.

– Prejudicar como?

– Com o açude, papai. Isso que todo mundo diz e o senhor não quer acreditar só porque o coronel lhe disse que tudo era mentira...

Leandro empertigou-se; repuxava o olho esquerdo, zangado.

– Mas o homem me deu a sua palavra! Falei claro com ele, cara a cara, no bar, Entende? Como podia imaginar que ele me preparava uma rasteira? – Esfregava as mãos visivelmente nervoso. – Quem mais estava na roda desse canalha?

– Muita gente. A curriola de sempre. Vi bem o delegado; Fragoso estava também. Chico Andrade, o senhor sabe como gosta de falar alto, quando me viu, aí foi que berrou. Parecia leilão do padre Brasilino.

Criou-se um silêncio incômodo por instante. Tonico contemplava a raiva surda que transparecia nas faces do pai, a surpresa que demonstrava. Está lutando consigo mesmo – pensou – pra não querer acreditar seja verdadeira a infâmia.

– Não, não é possível!

– Mas é, papai. Todo mundo diz.

Ele decidindo-se, de repente:

– Vá buscar outro cavalo. Vou lá agora com você ver de perto o açude. Havia jurado comigo mesmo não pisar

mais nas terras daquele cafajeste. Mas a ocasião me obriga. Vou lá!

Escorregou do parapeito, o cigarro fumaçando. Quando entrou na sala, Leonice percebeu que ele se contrariara. Largou de espanar os móveis e o acompanhou ao quarto:

– Que houve, Leandro?

Não lhe deu resposta. Sentou-se na cama a enfiar os sapatos.

– Diz homem. Que cobra te mordeu?

– Você não entende, minha filha.

– Mas fala!

Acabou de abotoar os sapatos. Levantou-se socando a camisa para dentro das calças.

– Vou com o Tonico espiar o Catoré. Dizem que o açude está sendo feito para me arrasar. Não quero acreditar no que o povo diz; fala muito. Você não sabe que já conversei a esse respeito com o próprio José Cândido? Lhe disse, não foi?

A mulher nem respondeu. Principiou a rezar baixinho.

– Você ouviu?

– Ouvi! E que aparece cada uma na vida da gente!

– Pois é, mas que se pode fazer? Cruzar os braços?

Ela abraçou-o. Agora lhe pedia:

– Tenha paciência, meu filho, não vá brigar, ouviu?

– Estarei doido? Eu sei o que faço. Abandonou o quarto em direção ao filho que o esperava já com outro cavalo ajaezado.

– Francisquinho me emprestou o cavalo dele – esclareceu.

– Você avisou que não vamos demorar?

O homem que estava encostado à parede, presenciando a cena, falou:

– Não tem pressa, doutor. Eu só ia esquipar pelo mundo, tem pressa não.

Leandro montou-se no animal. Antes de partir, ao lado do filho, esteve para irritar-se às recomendações aflitas da mulher:

– Tome juízo, meu filho... Olhe, cuidado! O coronel é um bebedor de cerveja, mal-educado...

Em trote largo os animais afundaram-se pelo campo esplendente, roçando os estribos no pasto que nascia, em alguns pontos, forte e luxuriante. Havia um sol claro a dourar as árvores, e nenhum dos dois notou a beleza do dia. Leandro amarrava seus pensamentos. Não queria incidir em erros:

– Você acha que o Chico Andrade falou mesmo alto pra ser escutado?

– Não tenha dúvida, papai – emparelhou o animal com o do pai, que se adiantara mais árdego. – Eu é que me fiz de desentendido, pedi o troco e saí de lá.

– Ah, raça humana miserável! Que grande patife é esse José Cândido! – Sacudiu as rédeas com força, alertando o animal. – Por trás de tudo que faz só existe a maldade, a perversidade! Se tivesse dinheiro ia-me associar ao Zeca Paulino, fazer uma sacanagem contra esse coronel de uma binga! – Voltando-se para o filho que o escutava atento: – Vá embora daqui, meu filho, enquanto é ..... Infeliz do homem que se cria numa cidade sertaneja onde as consciências são manipuladas pelos safados...

Ultrapassaram os limites da propriedade. Passada a porteira de nove paus, avançavam pelos domínios do vizinho. Leandro de si para si, considerava que talvez não fosse conveniente arriscar-se a tanto; penetrar na propriedade alheia, sem consentimento, principalmente quando o dono desta era seu inimigo... Mas já que estava ali, era ir para a frente.

A voz do filho roubou-lhe a atenção:

– A terra aqui é boa, não é?

– Muito boa, mas coberta de mato. – O pai apontou para o lado direito do caminho. Podia verificar-se aí a displicência do dono da terra que a fizera sofrer repetidas culturas.

– O coronel não se interessa por agricultura, pai. O negócio dele é a política.

– Política? – fez uma cara de nojo e cuspiu. Alimentava a esperança de ver o País, um dia, nas mãos de um homem que disciplinasse o povo. Não era possível entrar e sai governo sem uma reforma de base como diziam os jornais. Ele é que não saía mais de casa para votar em ninguém.

A voz do filho, outra vez, arrancou-o de seus pensamentos.

Por aqui, pai. É o caminho do açude.

Desviaram os animais; ganharam a estrada mais larga do que aquela por onde andavam. Via-se no chão as marcas da esteira do trator. O filho explicava:

E o rastro do trator. Desloca três metros cúbicos de terra, de cada vez.

Talvez seja exagero...

É não, papai. O trator é de lâmina e tem muita força. Subiram a um cômoro que se debruçava de quinze metros de altura sobre uma depressão de terreno onde corria o córrego. Ai nascia o Catoré. Sob o sol que se refletia nas latas e nos instrumentos de trabalho, imóveis naquele domingo claro e silencioso, via-se em que pé iam as obras. As paredes, tanto a da ombreira esquerda como a da direita, elevavam-se a pelo menos oito metros. E se podia verificar que em breve, se o ritmo do trabalho se mantivesse, os dois maciços de terra se encontrariam. A bacia hidráulica – e no momento em que fazia essa avaliação Leandro inspecionou o terreno com os olhos surpresos – represaria a água pelo menos numa área de duzentos hectares quadrados...

– Hem, papai? Que diz? Hum! Hum!

Adiantou-se mais um pouco. Desceu até o local em que se firmava o molhe da ombreira esquerda. Estimou-lhe o desenvolvimento, o perfil de argila vermelha.

– Parece que o homem tem razão. Do jeito que a coisa vai aqui, a água prejudicará o baixio. Perderemos todo o nosso trabalho. E não querendo acreditar nessa possibilidade, que seria desastrosa para si: – Não, não posso imaginar que uma repartição pública tenha aprovado um açude particular nessas condições!

É a política, papai.

– E, pode ser.

Tocou o animal mais para a frente; parou rente ao córrego que descia preguiçosamente alheio às paredes que lhe cresciam dos lados.

– Estou satisfeito. Vamos voltar, meu filho.

Afastaram-se dali. Pelo caminho, Leandro confiava a Tonico:

– Precisamos tomar precauções. O melhor que faço é viajar até Fortaleza. Amanhã, não, que é segunda-feira, e tenho de fazer os planos de serviço. – Endireitou-se sobre a sela, a contrariedade marcando-lhe as faces queimadas de sol. E continuou: – Falarei com o próprio secretário de Obras Públicas. Quem sabe se o tratante não está mandando executar um plano que o governo desconhece? O coronel José Cândido é louco e desonesto!

Já à porteira, para chegarem ao Cabeça de Boi, o filho lembrou:

– Mas se ele estiver fazendo esse despropósito, ainda existe Justiça. O senhor recorrerá. Embarga-se a obra!

– Claro! Se está pensando que pode fazer o que bem entende, que não tem satisfação a dar, engana-se!

Lembrou-se, amargurado, que o Dr. Marcos era amigo íntimo do coronel, mas se tranqüilizou ao pensamento de que, afinal de contas, num assunto em que entrasse a Justiça, não era possível o juiz torcer a verdade. Mesmo, se tal ocorresse, recorreria para o Tribunal Federal.

A meio caminho da casa, Tonico apontou alguém com a mão, enquanto confiava ao pai:

– Temos visita. Aposto como é gente de Fortaleza...

Havia um cavalo amarrado ao mourão do terreiro, e d. Leonice atendia a um estranho que, advertido por ela que eles chegavam, virou-se ao ruído das alimárias.

Quando os cavalos estacaram, Leandro ouviu a esposa dizer:

– Meu marido e o meu filho. – E se dirigindo a Leandro: – Este cavalheiro deseja entender-se com você, querido.

Apeados, os dois pisaram a calçada com um sorriso de simpatia que escondia mil e uma indagações. Leandro e o desconhecido trocaram cumprimentos. Enquanto Leonice se retirava a prometer-lhes um cafezinho, o fazendeiro insistia para que o outro se sentasse.

No íntimo admirava-lhe a aparência respeitável: a testa bem definida, as feições corretas, a boca voluntariosa de pessoa que quando quer dizer não deixa para depois. Enfim, parecia um homem de responsabilidade.

– Então, com quem tenho a honra de falar?

Francisco do Carmo abriu-se num riso simples. Satisfeito por encontrar-se já perto do cumprimento da missão que o trouxera ali, fez um gesto respeitoso antes de esclarecer:

Vim a propósito do Açude Catoré. Eu sou...

ROSINHA cantava. Aprontara o arroz; e Frederico viu-a chegar-se à janela, jogar ao chão a água escorrida e quente. A voz que modulava, sonora, lhe apareceu mais próxima. Depois, se distanciou. Era ela, outra vez, no aperto da cozinha, de cócoras, diante da trempe em que fervia o panelão de feijão. Lambeu os beiços com um prazer demorado. Ia comer afinal um feijãozinho verde com queijo fresco que comprara na feira.

Sentou-se no barranco empinado, à margem do córrego, vendo as águas deslizarem mansas, sem nenhuma pressa de correr. Aquele pedaço de terra, agora mais do que nunca, haveria de ser seu. Então, não já negociara a safra que colhera? Rosinha é que não se conformara, quando o viu chegar de mãos abanando. Cadê o dinheiro? – perguntara-lhe. E ele não sabe como se ferrou numa desculpa de que as coisas não andavam boas e que só na outra semana é que o teria. Mas qual! Não era tolo para receber o pagamento depois. O dinheiro está ali em seu bolso: quatro mil cruzeiros. É a garantia de que poderá comprar o seu pedaço de terra. Sempre pensou diferente dos outros: a terra tinha que lhe pertencer. Recostou-se a uma pedra, sob a sonolência provocada pelos pensamentos. Subitamente avistou a casa de Margarida; arrepiou-se. Quem sabe se o seu destino não acabaria truncado? Quem é que podia considerar-se livre das voltas que o mundo dá? Coitada de Margarida! Jamais saberá como o marido a amava!

Agora as noites são silenciosas. Nunca mais apareceu quem fizesse serenata, quem se demorasse pelos terreiros cantando até de madrugada. “Ah! eu hoje vou pegar o sol com a mão!” O dono daquela voz, o violão daquela voz, haviam morrido para sempre.

– Bolas, mas pra que pensar nisso tudo? – Irritou-se consigo mesmo. Tinha tanto em que pensar! Na sua terra, na sua ambição de um dia ser proprietário!

Um dia? Quando? Amanhã ou depois?

Rosinha debruçou-se à janela, ouvindo o filho discutir com a irmã. Como não parassem, veio sossegá-los. Vendo o marido, que continuava à margem do córrego, teve um palpite de que lhe escondia algo. Este homem, pensou, tem qualquer coisa...

Enxugou as mãos na saia listrada e chamou a filha:

– Anita, pastore a panela de feijão pra que não queime. Vou lá embaixo falar com seu pai.

– Eu vou também, mamãe! – gritou o menino.

– Vai não! Fique aí fazendo companhia à sua irmã. Você não é homem?

Encaminhou-se direta ao esposo. Este, ao vê-la chegar, surpreendeu-se. Estava justamente pensando nela, na satisfação que desfrutaria quando se soubesse proprietária de uma porção do Cabeça de Boi.

– Homem – foi-lhe dizendo – você anda tão esquisito!

Frederico riu.

– Não estou esquisito – disse-lhe. – Pode crer! É que eu... – emudeceu outra vez. Convinha dizer-lhe logo?

– Fala, homem. Que pensamento lhe persegue?

Ele riu. Não encontrava jeito para tornar-se afetuoso; não sabia agradar a mulher, como via os patrões fazerem às suas esposas. Mas, àquela hora, ou porque se decidisse a isso, ou porque quisesse encobrir os seus planos, chamou-a para si. Ela sentou-se ao seu colo, ruborizada, vigiando o filho que assomara à porta da casa.

Que é isso? Tenha modos, o menino está vendo a gente.

Não há nada demais!

– Que há com você? Acho que você anda doente, impressionado. É preocupação? – deslizou para o chão, apreensiva.

Ele riu outra vez.

– Ô riso besta, homem!

– Não é nada disso...

– Pois fale!

Resolveu contar-lhe tudo. Disse-lhe então quanto apurara na transação, porque lhe mentira e o que desejava, àquela noite, fazer na casa do Dr. Leandro. Rosinha não encontrava palavras para expressar a sua surpresa. Depois de um momento:

– Verdade, marido? Estamos ricos!?

– Estamos sim – confirmou ele. – Agora é tratar de fazer mais economias. Quando os meninos crescerem terão um pedaço de terra onde possam plantar...

Ela abraçou-o num impulso, que lhe veio do fundo d'alma, beijando-lhe os cabelos. Em seguida, como se temesse que o menino os observasse, afastou-se dele. Estava trêmula. Punha-se assim todas as vezes em que era invadida por uma grande alegria.

– Oh, que felicidade! Foi o que sempre desejei na vida, depois de lhe querer, e de ter os nossos filhos. – E sem esconder o receio que lhe nascia agora: – E o doutor será que nos vende a terra?

– É homem de palavra. Prometeu.

– Bem, às vezes o homem promete mas não cumpre o trato.

– Por que não haveria de cumpri-lo? Que vale um pedaço de terra sem serventia para quem tem muito? Nada!

– É o que nós pensamos. Os donos de terra sempre querem mais. Nunca vi se desfazerem dela.

– Em tudo há de ter uma primeira vez, não é?

Ela confirmou; e em seguida perguntou:

– Você vai hoje falar ao doutor? – estendeu a mão em direção à casa-grande do Cabeça de Boi.

– Estava pensando nisso.

Novamente seus olhos contemplaram a casa de Margarida e Antônio, deserta, as portas batidas, como se fosse um ninho abandonado. Comentou:

Ela compreendeu que ele se lembrava do vizinho, e falou:

– Não posso também esquecer a infelicidade de Margarida. Dizem que ela, o mês passado, veio em sonho conversar com o marido, lhe dizer que o pobre continuaria amalucado para o resto da vida. Só sendo castigo dos poderes divinos! – esclareceu.

– Bobagem, mulher! Isso é invenção do povo.

– Não sei... Margarida era diferente da gente, nos modos, na maneira de viver, nos desejos... Acho que ela tinha o diabo no corpo – persignou-se.

Ele quis perguntar-lhe por que pensava assim, mas preferiu encerrar o assunto.

– Melhor – disse-lhe – é falarmos do futuro de nossa vida.

Foi aí que lhe lembrou:

– Se tudo der certo, é preciso ajeitar a nossa casa. Um dono de sítio – e a voz demorou na última palavra – não pode morar em casa deteriorada.

– Tudo tem seu tempo, mulher. Não se pode ir com muita sêde ao pote. – No intimo dava-lhe razão. Era necessário reformar a casa, passar uma cerca de estacotas até o baixio, preservando-o dos bichos que depredavam. Com a vista avaliou os pés-de-sabiá. As varas obteria deles, e quanto ao arame farpado talvez o conseguisse na prefeitura. O prefeito organizara uma seção de fomento à agricultura; estava ajudando os pobres como ele. Balançou a cabeça desalentado. Era melhor não pender para os lados do Cel. José Cândido.

Prefeitura ali queria dizer servidão, cabresto curto para as eleições...

O sol esquentara. Pela posição que tomara no céu, deveriam ser quase onze horas. Frederico levantou-se e, enquanto batia a poeira do chão, convidou a mulher para voltar. Subiram o pequeno cômoro. Próximos a casa, Rosinha tomou ao nariz o cheiro forte que se desprendia pela janela da cozinha. Alarmou-se:

– Deus do céu! o feijão está queimando!

Ajuntou na carreira, balançando as ancas roliças, os seios mal contidos dentro do vestido. Frederico avagarou o passo para fitá-la, avaliando os encantos que ainda possuía. Por muitos anos, pensou, teria uma boa mulher para satisfazê-lo.

Quando alcançou a porta dos fundos, encontrou Rosinha às voltas com a panela fervente, a ralhar com a filha:

– Você já tem idade de aprender a pastorar as coisas. Onde já se viu disso?!

– A menina é muito nova, criatura – interveio ele.

– Eu com seis anos varria a casa, ficava sozinha enquanto papai ia pro roçado. É moleza!

Anita começou a choramingar. Frederico acocorou-se ao seu lado, e tomando-a nos braços:

– Não chore, filhinha.

Rosinha suspendeu por um momento as providências que tomava:

– E assim. São os pais que estragam as filhas. Comece a lhe fazer dengues e depois não se arrependa.

– Não houve nada – tranqüilizava o homem. – Não foi minha filha?

– Ora boca de não houve nada! – deu um muxoxo.

Frederico levou a menina ao terreiro. O filho, fora da casa, divertia-se com um cercado de palitos repleto de melão-caetano.

– Olhe, papai, a fazenda do coronel!...

– Acabe com essa história de coronel, menino. – E se virando para a filha: – Vá brincar com o maninho.

Ela não quis ir. Ficou aninhada em seus braços. Tinha-lhe maior apego, o que dava ao homem aquele sentimento de prazer. De posse do sítio, terá mais filhos, pensou. E se Deus consentir, filhas. Gosta tanto da mocinha que tem!

Rosinha veio ter com ele. O feijão não pegara de todo; o mais fora alarma. Vendo o marido e a filha abraçados, buliu com ambos:

– Estou morrendo de ciúme. Que namoro é esse?

A menina principiou a rir. Acreditando ser sincera a advertência da mãe, exagerou os agrados que fazia ao pai. Agora era Frederico que ria alto, um riso alegre, farto. Rosinha aproximou-se deles e tomando a cabeça da filha entre as mãos, com afeto, beijou-a repetidas vezes. Quando ergueu os olhos, deu com a casa de Margarida distante, perdida no meio do tempo, a contrastar com a alegria que a enredava. Sentiu então um estremecimento percorrer-lhe o corpo. Com o coração opresso confiou ao marido:

– Sabe, não gosto de ver aquela casa. Me dá uma coisa, uma gastura bem no fundo do meu coração.

O homem confirmou o que ouvira com um gesto de cabeça, desalentado. E ficaram os dois, calados, sob o ruído quase imperceptível dos beijos que a filha continuava a dar num e noutro.

FRANCISCO do Carmo sentia que o fazendeiro, a quem fora apresentado, tentava descobrir que espécie de homem ele era. Notou que o dr. Leandro tremia a pálpebra esquerda, e se descontrolava à alusão que fizera ao Açude Catoré. Então consigo mesmo avaliou que iria confirmar todos os receios daquele homem. Mas como ir ao assunto? Não bastava simplesmente dizer ao outro que assinara o projeto às insistências do chefe da repartição e do próprio cel. José Cândido. Era necessário explicar as noites que passara insone, o desespero que lhe acudira após tão revoltante ato. E se lhe contasse que os colegas de repartição viviam regalados, que ele era o único que não progredia, que nem um relógio podia dar de presente à esposa? Não, isso certamente não havia de interessar ao fazendeiro.

Balanceava ainda as diversas alternativas de que dispunha para confiar ao dono da casa a razão de sua visita, quando d. Leonice veio trazer-lhe o café. Recebeu a xícara, achando-a providencial. E como sentisse necessidade de falar, de dizer qualquer coisa, elogiou:

– Ah, eu só gosto de café sertanejo, torrado em caco de barro! E muito bom!

– E esse é adoçado com rapadura do Cariri – esclareceu a mulher em sorrisos.

Francisco do Carmo servia-o lento, sem saber se o fazia assim a degustá-lo ou para ganhar tempo. A seu turno, Leandro impacientava-se diante do silêncio e demora do outro. Que desejava ali aquele homem? Na certa viera, como tantos outros, vender-lhe informações. “Doutor, o senhor também pode fazer um requerimento... O governo colabora, financia. Paga a metade do prêmio. Pode construir um estábulo, uma pocilga, uma barragem... E o prêmio é gordo!” Não, ele não queria conseguir as coisas dessa

maneira. Quando as desejasse, iria pessoalmente a Fortaleza tratar do assunto.

Leonice recolheu as xícaras. Mostrando-se amável, dizia:

– A saída o senhor me lembra. Vou fazer um embrulhozinho de café. Quero que o leve para sua esposa experimentar...

– Ah, que bondade, minha senhora! Mas não carece!

– Carece, sim!

D. Leonice retirou-se. Queria deixar os homens mais à vontade. Ela, por sua vez, simpatizara com o funcionário público.

– Então... – disse o fazendeiro, estimulando o outro a falar. A vontade mesma era de dizer: Ande, senhor! Explique-se logo!

Francisco do Carmo pigarreou limpando a garganta. Estava embaraçado, mas o dr. Leandro ia longe de compreender que, em sua modéstia, aquele homem apenas não sabia como se situar na conversa. E por isso procrastinava. Não havia meios de encontrar as palavras que o ajudassem a pormenorizar os fatos honestamente como sucederam.

Impaciente, começou a esfregar as mãos. A sua vista errava sem rumo.

Nesses poucos instantes de expectativa o funcionário público teve a impressão de que era o dr. Roberto que estava ali a lhe dizer que o demitia. Passou a mão pelo rosto, e, se afastando da divagação estranha a que se submetera, começou a falar, a voz pausada:

– Doutor, já lhe disse. Vim a respeito do Catoré. Mas é preciso conversar, contar umas certas coisas. O senhor não me conhece. E é isso que me embaraça. Sou um servidor estadual, lotado na Secretaria de Agricultura...

"Ai, ai, ai"' – fez Leandro, mentalmente, achando que acertara. Acontecia tudo conforme imaginara: o homem viera cavar uma propina a troco de algumas informações...

– ... passei várias noites vexado, porque fui levado a acabar o projeto do açude do cel. José Cândido. Sou um homem temente a Deus, doutor; não sei sujar minha consciência. – Houve uma pausa. Francisco do Carmo, visivelmente emocionado, tomou fundo a respiração. – Quando o coronel procurou o diretor da repartição, vi logo que o problema cairia em minhas mãos. Dito e feito.

Entrou a contar os pormenores, exagerando-se em detalhes perfeitamente dispensáveis. Leandro, de surpresa em surpresa, ia armando, a seu modo, todas as peças daquele jogo que havia sido feito contra ele.

– Olhe, doutor – continuava Francisco do Carmo, a afugentar um pigarro impertinente – nunca pensei fosse obrigado a participar de ato tão indecente. Digo-lhe sinceramente. Não gosto nem de falar nisso.

– Que coisa, homem! – murmurou Leandro, já convencido de que vivia entre canalhas.

– Sei que me torno prolixo, e falar demais não é conveniente a ninguém. Mas não vejo outro jeito para explicar a maldade do cel. José Cândido. O Catoré não podia ser aprovado. Somente um chefe corrupto podia concordar na construção do açude.

Levantou-se, e se pôs a andar, agitado. Dr. Leandro aproximou-se dele, e com delicadeza:

– Tenha a bondade, sente-se.

Francisco do Carmo obedeceu. Com as mãos trêmulas acendeu o cigarro, e desabafando:

– O Catoré, do jeito que está sendo feito, é o desmantelo de sua propriedade, doutor. O senhor vai perder as suas melhores terras. Examinei isso bem direitinho.

Leandro sentia-se confuso, sem saber o que dizer. O funcionário público, nervoso, afundava-se em profundo constrangimento, chupando a fumaça do cigarro que, tragada após tragada, consumia-se ligeiro.

– Será possível, criatura? – falou Leandro, afinal. E esfregando as mãos nuns "ai! ai!", acrescentou: – Podia lá esperar uma coisa dessa!

– O senhor pode acreditar como lhe falei a verdade. E tem mais. – Pormenorizou o seu sofrimento, as altercações que tivera, e como o tratavam, como fora preterido em seus direitos. Não esqueceu nem mesmo o episódio do dedo cortado... Depois, cansado, encostou-se ao parapeito tentando recobrar a calma, libertar-se do terrível pêso que lhe comprimia o coração. Não importava receber, ao voltar, a notícia de sua demissão. Valia muito mais a satisfação de ter cumprido o seu dever. Um dia, um chefe de melhor comportamento moral haveria de reconhecer as suas qualidades de homem digno.

Leandro acercou-se dele; tocou-o carinhosamente com a mão, num gesto de ternura. Não podia esconder ao funcionário público o seu reconhecimento, a sua admiração. Afinal, o Ceará não estava ainda de todo vencido pela corrupção administrativa. Havia os desprendidos, os idealistas como Francisco do Carmo.

– Nem sei como agradecer – começou o outro a falar, emocionado. – Eu sei como funcionam os favores políticos. o governo vê apenas o interesse do grupo que o elegeu. Quem não é político, como eu, não merece nada. A não ser essas ingratidões...

Sentaram-se. Francisco do Carmo ia acender outro cigarro quando o dono da casa interveio:

– Espere. Peço mais café pra nós. – E alteando a voz para que o escutassem no interior da casa, pediu: – Leonice, o café estava com um gostinho de "venha mais...

Enquanto a dona da casa mandava servi-los outra vez, Leandro amenizava a tristeza do funcionário público, que se quedava sorumbático:

– Não há de ser nada, seu Francisco. Deus protege os desamparados. Afinal de contas, ainda existe Justiça. Amanhã mesmo eu contratarei um advogado. A obra será embargada.

– É o que o senhor deve fazer. E veia bem. Não precisa de perícia especial. Até um leigo, sabendo a cota máxima do açude, descobrirá facilmente que as águas, na subida, vão prejudicar a sua fazenda...

O café chegou quente, desprendendo aroma. Leandro passou à esposa o que escutara do funcionário público, não esquecendo, ao final, de enaltecer-lhe o gesto. Este enlagrimou-se quando Leandro, se voltando para o filho, que viera ouvir a conversa, aconselhou:

– Mire-se no exemplo deste senhor. É um homem de bem. Quando você tiver de agir na vida, que seja assim, decidido, corajoso, decente.

Encabulado, sob os olhos respeitosos e admirados de todos, Francisco do Carmo não sabia onde se meter.

– Ora, não exagere! Por favor.

– É a verdade, seu Francisco! – tornava o dono da casa. – A verdade tem que ser dita.

– Creia-me, fiz apenas o meu dever – repetia o desenhista. E como aquilo tudo, a conversa, os elogios que escutara, o deixassem emocionado, pediu licença para retirar-se. Leandro tentava retê-lo:

– Fique conosco para almoçar. Hoje temos frango assado no espeto. É especialidade de Leonice.

– Não, senhor. Muito obrigado. Preciso ir.

Nada foi possível persuadi-lo.

Francisco do Carmo desejava, quanto antes, chegar à pensão, e pegar o primeiro trem que descesse em demanda da capital. As despedidas, Leandro não media os elogios ao seu gesto:

– Conte comigo, seu Francisco. Homens como o senhor salvam esta humanidade safada!

Demorou-se à porta, vendo-o montar-se e partir de galope. Logo o cavalo apanhou andadura mais rápida, distanciando-se.

Leandro agora dizia à mulher:

– José Cândido está querendo acabar com a minha vida.

A mulher reteve, em tempo, o gesto de surpresa que esteve por esboçar, e reconfortou-o:

– Tolice, não é ele que vai poder com você.

– Ah! – murmurou. E passando o lenço pela testa suada:

– As vezes as coisas não chegam como encomendamos.

Arrastando os pés, vagaroso, foi sentar-se numa cadeira, abatido, como se tivesse chegado de uma longa e estafante viagem. Baixou a cabeça, constrangido.

E Leonice seria capaz de jurar que o marido tinha, naquele momento, os olhos cheios de lágrimas.

Frederico não queria acreditar. Tremia pela decepção que o alcançava, ao ouvir o dr. Leandro informar que não lhe podia mais vender a terra:

– As águas vão cobrir tudo, meu amigo. Tudo!

A luz do lampião de querosene o fazendeiro viu-se refletido naquela fisionomia de decepção que se punha em seu leal servidor. Ardera-se na mesma reação! O caboclo, via-se logo, tinha como ele o sentimento de amor à terra.

Frederico, calado, imaginava estivesse o patrão a divertir-se com ele. Mas quando o ouviu depois, de modo

tão solene, afirmar que falava a verdade, sentou-se a um tamborete, sem saber o que dizer.

– Sei que isso dói, meu caro. Mas, que se pode fazer? Não lhe vou vender um pedaço de terra inútil. A represa do açude vai torná-la imprestável, sem serventia alguma. Para melhor dizer, a terra ficará submersa.

– Mas, meu patrãozinho! Eu já tenho o dinheiro! E com que dificuldade o ajuntei! Veja!

Tirou as cédulas de dentro do bolso. Com as mãos trêmulas, exibiu-as à luz do lampião.

– Tudo ganho honestamente – acrescentava.

– Eu sei, homem, eu sei. Mas é a fatalidade, a safadeza.

– Fico doido com um negócio desse! Pergunte aí à mulher – e apontou para Rosinha que o acompanhava com o olhar, sem nada entender – os meus sacrifícios, os delas... Este ano, quando vendi o milho e o feijão, não pude nem ao menos comprar um vestido pra ela. E por cima de tudo isso, doutor, o senhor ainda vem com esta!

– Tenha calma, homem. Deus é grande. Vou procurar os meus direitos, contratar advogado. Se ganhar, como espero, a terra será sua. Minha palavra continua de pé.

Frederico, a voz embargada pela emoção, lamentava-se.

O patrão não podia compreender a decepção que lhe ia nalma, a gastura que lhe subia à boca num travo que não sabia precisar o que era. Afastando-se do tamborete, sem se poder conter:

– Mas doutor, pra que vale um pobre como eu viver?

Leandro consolava-o. Não adiantava desesperar, imaginar que as coisas estavam irreparáveis. Nem tudo se perdia. No dia seguinte, repetia o que dissera a Francisco do Carmo – procuraria um advogado. Estava senhor de seus direitos.

Frederico abanava a cabeça, desiludido. Não punha esperança nas palavras de Leandro. Depois de um movimento, voltando-se para ele, confiou:

– Olhe, seu doutor, com um homem da marca do coronel, só tem um entendimento. É a ponta da faca. A gente espera numa passagem do caminho quando vier grosso de cerveja, e faz o serviço que bem merece.

– Não pense nisso, Frederico. Esse tempo de vingança, de perversidade, já passou. Temos que recorrer à Justiça.

– Justiça, doutor? Justiça é pros ricos. A minha lei, eu escrevo com esta caneta... – apontou para a faca que trazia à cinta.

– Ora, deixe de bobagem. Confie em Deus. Ele não nos abandonara.

Rosinha balançou a cabeça. Em sua simplicidade não podia esconder o pessimismo:

– Doutor, tem homem ruim aqui na terra que nem Deus ajeita mais.

Calaram-se todos. Um ou outro carapanã zunia diante da luz amarela do lampião. Cada um, a seu modo, pensava para consigo mesmo como resolver o problema que os afligia. Os seus corações arrepiavam-se numa decepção horrível.

A rigor não era o silêncio que se gerava entre eles. Os dois homens não compreendiam que o destino, naquele dia, como um lavrador inconseqüente, havia jogado em suas vidas a semente do ódio.

– A QUE horas desce o trem? – indagou Francisco do Carmo, enquanto punha a maleta em cima da cama para arrumá-la. Fragoso demorou um pouco a responder, embora soubesse que o horário não estava atrasado. Diante da precipitação do hóspede, empancava... Que diabo lhe acontecera! Não viera para demorar-se dois dias, divertir-se e passear um pouco?

Antes de responder, perguntou:

– O senhor não só ia amanhã?

– Mudei de idéia. Vou hoje.

– Será que não gostou da pensão? Olhe, se houve alguma coisa...

O hóspede interrompeu-o:

– Não houve nada.

– Mas não é possível. Fico pensando...

– Não há necessidade de pensar. Me entenda. Quero ir embora, é só. Não basta a minha vontade?

– Basta, sim, senhor.

– E então? A que horas chega o trem?

– Dentro de mais uma hora.

– Por favor, mande marcar a passagem. – Entregou-lhe o bilhete. A mala estava feita. Fechou-lhe a tampa, deu volta à chave, e se considerou pronto para partir.

– O senhor podia demorar mais um dia – insistia Fragoso.

– Me desculpe, mas não quero demorar. Prefiro ir embora. – Conclusivo: – Quero a conta, pode ser?

– Está bem. – O hoteleiro saiu do quarto. Enquanto se aprofundava no interior da pensão, tentava adivinhar o que se passara com aquele homenzinho; por que, sem mais nem menos, aprontava-se para partir? Sentou-se à mesa da sala de jantar, onde punha os livros de escrituração, a levantar a conta do funcionário público. Quatrocentos e

vinte e dois cruzeiros... O pensamento era o mesmo: "Por que se vai? Que houve?"

Quando foi levar o recibo ao quarto, Francisco do Carmo estava sentado na cama. Fumava tranqüilamente.

– Mandei marcar a passagem. Logo mais estará em suas mãos. – Calou-se, a perscrutar o íntimo do outro. Como não pudesse ferir outra vez o assunto, indagando a razão da sua pressa, forjava novo plano.

– Foi chamado pela repartição?

– Não.

– Então é pessoa doente em casa...

– O senhor me desculpe, não é por bisbilhotice não, é que eu zelo muito pela vida de meus hóspedes, pelos seus problemas. Achei que o senhor talvez precisasse de conforto, de meu auxilio...

– Agradeço a sua boa vontade, os seus préstimos, mas me sinto muito bem. Trouxe a conta?

– Tenho-a aqui comigo. É pouco mais de quatrocentos cruzeiros. Para ser preciso, quatrocentos e quarenta e cinco. Inclui as refeições.

– Está certo – cortou a conversa do outro. – Estou satisfeito. Tome esta nota de quinhentos. O troco é para o pessoal que me serviu.

– Ora, não havia necessidade...

E o funcionário sem ligar importância:

– Quando o trem estiver perto de chegar, avise-me.

Fragoso retirou-se do quarto. Na sala de visita sentou-se numa cadeira, esforçando-se para achar a razão que o fazia ir tão de repente. Quem sabe – pensava – se não veio para confiar alguma informação importante ao dr. Leandro, sobre o Açude Catoré? Devia ser este o problema...

Enfiou o dinheiro no bolso. "Dou lá o troco pros empregados!..." Levantou-se; coçava a barba rala. "Será que o fun-

cionário público vai voltar porque já encheu a cabeça do dr. Leandro de histórias?" Abriu a porta; saiu em direção ao Taco de Ouro. A roda amiga da cervejada lá estava, havia tempo. José Cândido, que entrava na quarta garrafa, discutia acaloradamente com Zeca Paulino a respeito da linha de ônibus. Fragoso chegou a tempo de ouvir o coronel gritar:

– Você vai acabar com essa pinóia!

Zeca Paulino nem se mexeu na cadeira. Era calmo, de gestos lentos. Ficou segurando o copo entre as mãos, enquanto balançava a cabeça vagarosamente. Vendo o outro serenar, perguntou:

– Espere, acabar minha linha por quê? Por que o senhor quer mandar em tudo?

O outro teve a ponto de espocar de raiva, mas controlou-se. "Se me meto a besta com ele, não vai dar certo. Esse Zeca Paulino é desaforado mesmo..." E se levantando:

– Não é nada disso! É porque você está prejudicando o sertanejo, virando o juízo dele, levando-o para Brasília, enganado. Não fora o ônibus e Margarida ainda estaria viva.

– Que é isso, coronel? Não tem só ônibus não. Tem trem, tem automóvel, tem caminhão...

Zeca Paulino começou a rir. José Cândido abespinhou-se:

– Você está mangando de mim?

– Não, senhor! Rio-me da idéia, homem. Como é que estou prejudicando o povo? – E com a voz firme, machucava:

– Eu prejudico o senhor. Levo para Brasília os miseráveis que aqui morriam de fome, trabalhando no Poço Encantado.

– Ah, agora sei que você é comunista!

– Comunista? Comunista por quê? Porque acho que todo mundo deve trabalhar e ganhar um salário justo? Tratar a humanidade com respeito é ensinamento de Cristo.

E Cristo, se não estou enganado, nunca foi correligionário do Sr. Carlos Prestes.

A risada foi geral. Dr. Marcos depositou o copo sobre a mesa e já erguia as mãos, a ponderar:

– Meus amigos, vamos esquecer o incidente! O melhor é comemorarmos! Hoje é domingo, não é dia de trabalho nem de briga.

– Mas eu não quero brigar – desculpou-se Zeca Paulino.

– Nem eu tampouco – esclareceu José Cândido.

– Se são da paz e do amor, vamos continuar com a nossa cervejada! – propôs o juiz.

Fragoso abeirou-se da mesa; sentou-se perto de José Cândido.

Vendo-o chegar assim, advertiu Dr. Marcos:

– Pra mim esta alma quer reza!

– Eu quero é uma cerveja! – pediu o velho.

– Pois aproveite que o peito aqui é farto. – A voz era de José Cândido, a estender-lhe a garrafa recém-aberta.

– Sirva-se mas tenha cuidado. Os homens por aqui já andaram se estranhando! – avisou o juiz.

Fragoso encheu o copo. José Cândido, que já conhecia o jeito do velho, aproximou-se dele, indagando:

– Que novidade temos?

– Nada. É que... Queria lhe perguntar uma coisa.

– Fale, homem! Deixe de arrodeios.

– O senhor conhece alguém chamado Francisco do Carmo?

José Cândido recostou-se no espaldar da cadeira, devagar, procurando melhor jeito. Não, não se recordava... O outro descrevia-lhe, para ajudá-lo, o tipo do funcionário público, a cor dos olhos, a maneira de falar. Pouco adiantava. O coronel não ligava o nome à pessoa.

– Não, esse eu não sei quem é – disse afinal.

– Acho que conhece. É um cidadão que trabalha na seção de açudagem da Secretaria de Agricultura.

– Açudagem? Você disse isso? Espere... É um tipo franzino, metido a sério?

Fragoso confirmou com um gesto de cabeça.

– Ah, é o peralta! Deve ser o desgraçado que quase me atrapalhava na obtenção do projeto do açude. Um santarrão – acrescentava – governado pela mulher. – Abrindo os olhos, exagerando: – Não sei como é que uma boa daquela se casa com um macho triste!

Fragoso, baixando a voz, confiava ao amigo:

– Ele veio de Fortaleza. Chegou ontem, já volta hoje.

– Interessante... E não me procurou. Até lhe disse que viesse visitar-me, que trouxesse a mulher.

Fragoso não se conteve mais. Largou a bomba:

– Pra mim ele veio foi conversar com o Dr. Leandro.

José Cândido ergueu-se rápido. Depositou o copo de cerveja sobre a mesa, e se levantando:

– Repita!

– Exatamente o que lhe disse. Hoje, pela manhã, tomou um cavalo emprestado e largou-se para o Cabeça de Boi.

José Cândido trovejou:

– Este macho já foi embora?

– Está no hotel – esclareceu Fragoso.

– Então vá dizer que preciso me entender com ele.

Fragoso bebeu todo o conteúdo do copo, de uma vez. Já à porta do bar, a desincumbir-se daquela embaixada, deteve-se. Percebia a entaladela em que se metera. Não, não ficava direito um homem como ele se prestar a esses papéis. Voltando-se para José Cândido, com a voz tímida:

– Coronel, talvez fosse melhor o senhor ir em pessoa.

– Deixe de ser mofino! – explodiu o outro. – Mexa-se dai. Quero que ele venha falar comigo, e quem vai levar o recado é você.

Fragoso saiu, exasperado, sem força para escapar àquela situação que o afligia. Quando chegou à pensão, Sinhá adivinhou-lhe a contrariedade:

– Que é? Houve alguma coisa?

– Não, não houve nada. Quero saber se o Carmo está no quarto.

Não estava. A mulher já esclarecia:

– Saiu agora mesmo. Homem esquisito. Começou a reclamar o calor. Foi refrescar-se na estação. – Perscrutando o marido, que continuava estremunhado: – Que diabo te mordeu, criatura?

– Ninguém! – gritou ele. Consultou o relógio. Estava quase na hora de o trem chegar. Resolveu, então, retornar ao Taco de Ouro e convencer o coronel a mudar de idéia. Não valia a pena... O homem já se fora. Para que precipitar os acontecimentos? Se soubesse que José Cândido ia tomar uma atitude daquela, não lhe teria dito nada...

Não andara trinta metros, encontrou José Cândido. Vinha cercado de amigos e se encaminhava à pensão. A explicação de que o funcionário já fora para a estação, decidiu-se:

– Vamos até lá. Isso não vai ficar assim. Não sirvo de fuxico pra ninguém.

– Coronel – ponderou alguém – é melhor não fazer isso.

– É mesmo. Não adianta – ajudou Fragoso.

– Eu sei o que faço – decidiu-se José Cândido. – Quem for frouxo que fique. Não posso consentir que um frango daquele venha de Fortaleza meter o bico nos meus problemas. Sou lá menino! Sei o que quero e o que faço.

Não foi difícil encontrar o funcionário. Francisco do Carmo lia os avisos afixados na sala do agente. Queria passar o tempo. Quando percebeu o que ocorria, estava cercado pelos amigos do cel. José Cândido, e este, cínico, arrepanhando aos lábios grossos um sorriso maldoso, já lhe dizia:

– Tomou um susto, hem?

– Não senhor.

– Não me desminta! Todo mundo viu a sua surpresa.

– Fez uma pausa, como se procurasse atemorizar o outro. – Agora diga, pra todo mundo ouvir, o que foi fazer na casa do Dr. Leandro?

– Coronel – a voz saía-lhe firme, sem dificuldade - eu não tencionava abordar esse assunto. O senhor compreende...

Como é que posso compreender? Fale!

– Bem, eu fui lá cumprir o meu dever, limpar a minha consciência.

José Cândido esquentou-se:

– O quê? Então foi limpar a sua honra à custa da minha, que sujou, não é?

– Não, senhor. Não é bem isso.

– E o que é então, seu merda! Diga.

– O senhor já se está afobando e eu...

José Cândido sublinhou bem as palavras:

– Pois se explique, diga tudo cla-ra-men-te!

– Já disse. Avisei ao Dr. Leandro que o Catoré, da maneira como está sendo feito pelo senhor, prejudicará as terras do Cabeça de Boi.

– Ouviram? – gritou José Cândido para a malta. – Ouviram! É um desaforo! Veio da capital tecer intrigas contra a minha pessoa! Tenha vergonha nesta cara, cabra!

Atirou a mão aberta ao rosto de Francisco do Carmo, que se tomava de aflição. O funcionário cambaleou, bateu de encontro à parede e se desequilibrou, atordoado.

Dr. Marcos acudiu a conter o amigo:

– Não faça isso, coronel! Que coisa!

José Cândido espumava:

– Me solte! Quero mostrar a esse canalha que sou homem!

Francisco do Carmo, lívido, tirou do bolso um lenço branco e amparou o filete de sangue que escorria do nariz. O inesperado da cena o surpreendera. Sentia o corpo todo tremer e tinha agora a vontade de esbofetear também aquele canalha. Curiosos enchiam, em atropelo, o pequeno espaço em que os dois homens se encontravam, num alvoroço desaferrado.

O delegado afugentava-os com grosseria, enquanto a voz de José Cândido crescia rouca:

– Fale, que lhe quero meter o rebenque!

Com um tom de voz que se sumia na garganta, o funcionário público explicava:

– Nada lhe devo, senhor. Não vim aqui brigar com ninguém. O meu objetivo foi outro. Se tiver de morrer, morra tranqüilo.

José Cândido exasperou-se:

– Isso é frescura, seu corno!

Um fogo de vergonha, de revolta, tomou conta do rosto de Francisco do Carmo, abraseando-o. Nessa hora o trem arrastou-se rente à calçada e num ruído de engates em contenção imobilizou-se por completo.

– Não lhe devolvo o insulto porque respeito as pessoas que não conheço. Sei o que é dignidade.

– Você é um frouxo! – tornou José Cândido, sentindo no ombro a mão de Anselmo que o puxava para um lado.

Francisco do Carmo abaixou-se, apanhou a malota. As pessoas que ali se reuniam, sem que pedisse, abriram-lhe a passagem. Antes de sair, deparando-se com Fragoso, não se pôde conter:

– Minha maior decepção é do senhor, seu Fragoso. Numa terra em que os velhos não têm vergonha, não sei o que se deva esperar dos outros. Mas eu o perdôo pela sua fraqueza. Até logo.

E saiu. Do nariz atingido escorria um filete de sangue quase imperceptível.

MESMO de um pulo, como costumava dizer o velho Fragoso, chegou-se ao fim do ano, aquele malsinado ano que ficou sendo para uns o da morte de Margarida, para outros o da inauguração da linha de ônibus de Zeca Paulino, tudo sob a facilidade que têm as gentes de ligar às épocas os fatos importantes. Aquele ano, já nos derradeiros dias de dezembro, seria também o da surra que o cel. José Cândido aplicara no funcionário público – considerado frouxo por quantos assistiram ao incidente – que viera pôr-se em contato com o Dr. Leandro, a tecer intrigas, como mulher que alcovita outra. O mais importante, nos falatórios, fora o trabalhão inútil do Dr. Leandro tentando obter a proteção da Justiça para a sua causa. Queria pelo menos evitar que o cel. José Cândido interceptasse o córrego.

Dr. Marcos começara – no que tange a esse episódio – adiando a entrevista tantas vezes solicitada pelo dono do Cabeça de Boi. Após protelá-la por várias semanas, afinal concordou em ouvir as queixas do desafeto do coronel. De verdade é que enquanto pôde negacear, iludir o outro em seus direitos, inclusive advertindo-o de que não era negó-

cio ninguém se meter em questões com o coronel, considerado pelo seu prestígio, dr. Marcos não fazia mais do que dar vantagens ao proprietário do Catoré, que dispunha de tempo para prosseguir as obras do açude. Mas, diante da insistência do prejudicado, o juiz não teve outra alternativa senão mandar proceder de acordo com a Lei, aceitando o recurso que já lhe chegava às mãos com injustificada demora.

Não foram fáceis as providências iniciais da questão. Leandro teve que ir a Fortaleza munir-se de documentos oficiais. Deu-lhe um trabalhão arranjar cópias fotostáticas, reconhecimento de firmas etc. Gastou para mais de vinte mil cruzeiros com gratificações porque sentiu, logo nos primeiros instantes, que as diligências a seu favor só seriam feitas à custa de muito dinheiro.

O ano de Leandro, poder-se-á dizer também, foi assim, cheio de decepções e contrariedades. O advogado que tomara a seu encargo a defesa do dono do Cabeça de Boi – soube-o depois – estava também comprometido com o coronel. Apesar de mostrar-se interessado na questão, não passava de um malandrão. Queria apenas ganhar tempo, protelar as providências, no mesmo jogo que fazia o juiz, o de dar mais prazo ao coronel.

O segundo advogado contratado não pôde demorar na cidade. A fim de atender à outra questão importante viajou para o sul do país; não mais regressou. Leonice, com a sua argúcia feminina, alertou o marido:

– Leandro, passa logo pra outro. Não vê que a viagem desse advogado foi arranjada pelo coronel?

Era inacreditável o que ocorria. Dr. Leandro não podia imaginar até onde ia a corrupção daquele povo que se vendia facilmente ao prestígio do cel. José Cândido. Decidiu-se:

– Vou procurar outro advogado. Não é possível que estejam todos perdidos.

Contratou o Dr. Antônio Costeiro, de Fortaleza. Mas êste pouco pôde fazer. Descobriu que a planta, fornecida pela repartição, não representava exatamente o contôrno do açude. E, já em dezembro, não via com esperança pudesse conseguir que o juiz, de ligeiro, mandasse embargar as obras sem a apresentação de melhor documentação. Numa tarde em que estiveram conversando no alpendre da fazenda, o advogado confiara a seu constituinte:

– Faz vergonha, Leandro. Com essa Justiça desmoralizada, a serviço dos políticos, perdemos o nosso tempo. Não tem quem nos atenda. E o pior é que propalam cavilosamente que o senhor deseja tão-somente arruinar o coronel, prejudicando-o nas eleições. Já viu maior desfaçatez?

E nada mesmo adiantou. O açude, afinal, foi concluído, anunciado sob um estalar de foguetes, que mais parecia festa da padroeira. Nesse mesmo dia – era um sábado, vinte e oito de dezembro –, o Cel. José Cândido chegou ao Taco de Ouro, de tardinha. Batendo palmas, numa alegria que chamou a atenção dos freqüentadores, avisou para Benício:

– A bebida corre por minha conta. Bebe todo mundo, pobre e rico, cego e aleijado.

Quando os amigos se acercaram dele para saber a razão do regozijo, esclareceu:

– Não ouviram o pipocar dos fogos? O açude está pronto, repiripicado, queira ou não queira o merda do Leandro. Para que se tem amigo no governo? – E completando: – Esta terra tem um juiz de vergonha!

Dr. Marcos, que sentara a um canto, estremeceu. A rigor envergonhava-se por viver iludindo os outros, engavetando processos, a ajudar a safadeza do protetor.

Mas, o que fazer? Não queria voltar para Fortaleza, como de lá viera: com as mãos abanando. No próximo ano sairá dali com dinheiro suficiente para fazer sua independência. Se era assim o sertão, o que deveria fazer?

Fragoso, ao ouvir elevarem-se as vozes no bar, foi ver o que acontecia. José Cândido, vendo-o chegar, ofereceu-lhe uma garrafa de cerveja:

– Beba, Fragoso! – a voz saía-lhe embrulhada. – Beba, que você é meu amigo. Graças a você eu esculhambei o Francisco do Carmo. Venha confraternizar comigo. O Catoré está pronto.

O velho aproximou-se. Apanhou a garrafa que lhe era oferecida. Pereba trouxe-lhe um copo, sorridente.

– Então viva o Catoré! – disse.

Anselmo considerou para consigo mesmo: "Este Fragoso é um bajulador de primeira classe. Quando as onças, no Amazonas, não o quiseram comer, é porque nem pra isso ele servia...

O hoteleiro sentou-se. Via-se que desejava contar alguma coisa, fazer-se alvo das atenções gerais. José Cândido, percebendo-lhe a intenção, apressou-se, encorajando-o:

– Fala, Fragoso! Fala, badalo velho!

Pondo manha na pergunta, o hoteleiro indagou:

– Já descobriram quem é o pai do filho de Rosaura? – Ninguém sabia. E ele, adotando um tom confidencial, entrou a narrar aos presentes que a mulata acabara de pôr ao mundo um menino de quase quatro quilos e meio, robusto à beça. – Sabem de quem é filho? Logo de quem, do Antônio! – E acrescentava, num motejo: – Pra fazer menino nas empregadas dos outros, ele não era doido...

– Não diga! – disseram todos, enchendo-se de admiração. – Ora vejam!

– Então, Antônio era seu sócio! – comentou o coronel, que acabara de esgotar o copo e ainda limpava os lábios com as costas da mão.

Riram-se todos. Fragoso, ruborizado, protestou:

– Que é isso, coronel!? Logo eu? Pra falar a verdade, eu me babava por ela, mas fiquei apenas nuns arrochos que lhe dei certa vez. Quem é cativo não ama. O tratante do Antônio é que se aproveitava. Também, tinha lábia, sabia tocar, cantava como uma graúna...

– E agora? – perguntou alguém.

– O padre Brasilino vai fazer o casamento.

– Casamento? Mas não pode! – protestou o juiz.

– Por que não pode? Acima de tudo é preciso reparar a honra da moça.

Fragoso levou o copo aos lábios, sentindo o gosto borbulhante da cerveja. Mas não bebeu. Depositou o copo sobre a mesa. Estava-se sentindo ridículo no meio daqueles homens, conversando sobre Rosaura, referindo-se ao fato apenas para agradar o coronel. Nunca pensara acabar seus dias naquela decadência. Era esse o fim de quem se arruinava, não tinha dinheiro e devia aos outros. Como podia ter voz altiva, estufar o peito e cantar forte? Ah! como desejava ter o topete de Zeca Paulino, o único macho dali que não levava desaforo pra casa.

Rebentaram gargalhadas. José Cândido fez um gesto obsceno e todo mundo voltou a rir desbragadamente.

Fragoso quer beber a cerveja, mas não consegue. Está amargurado, sentindo-se diminuído. Nunca esperou enterrar-se naquela decadência: dever impostos, virar capacho de homem...

– Acorda, Fragoso! Este corno velho parece que está ficando doido! – gritou-lhe Anselmo.

Ele riu, um riso amarelo. Outra voz ajuntou:

– Está pensando em Rosaura. Era o xodozinho dele. Foi, não foi, vivia se encostando nos quartos dela!...

A tarde caiu depressa, escureceu. As sete da noite, quando saíam do bar, às gargalhadas, encontraram-se com o padre Brasilino. Cumprimentaram-se, enquanto, a um só tempo, procuravam todos reprimir a manifestação hílare.

– Alguma novidade, reverendo? – indagou o juiz, que se mantivera sóbrio.

O reverendo, retirando do bolso um lenço estampado, pôs-se a limpar o rosto. Suara com a caminhada. Enquanto ele trabalhava, aqueles malandros bebiam cerveja...

– Estou com receio do ano que vem. Acho que vamos ter uma seca. Não acredito no inverno.

– Não fale nisso nem de brincadeira – manifestou-se o juiz. – Esse negócio de seca é coisa de romance. Já passou.

– Ah se fosse! – tornou o padre. – Estive hoje com o Frederico. É homem de muita experiência. Anda desconfiado... Acredita que vamos ter um tempo brabo pela frente.

– Vá ver que até isso é por causa do ônibus do Zeca Paulino! – pilheriou Fragoso.

– É não! Há outros males maiores, gente. O mundo contínua atochado de pecadores. Esta cidade está perdida. Vou promover no fim de janeiro um novenário para que Deus se apiede de nós e nos mande um bom inverno.

– Eu tomo conta da última noite, padre. – A voz de José Cândido escorria pastosa, o tanto para o padre avaliar que ele bebera pelo menos uma dúzia de cerveja. – A última é minha, ouviram! E vai ser uma noite de arromba!

– Não há dúvida que será sua! E vamos pedir a proteção de Deus para nós. Dos homens eu espero muito pouco.

– Vai indo para o centro? – indagou o juiz.

– Vou por aqui. – O padre apontou para o largo da Matriz.

– Então, vamos juntos. A gente pode ir conversando.

Saíram todos. Fragoso acompanhou-os até à pensão. De lá os outros prosseguiram ruidosos, discutindo em voz alta. Sinhá veio à porta saber o que se passava.

– Vai tudo bêbado! Que vergonha! – disse.

– Que é isso, mulher? Não está vendo que o reverendo vai com eles?

Vendo o padre, ela persignou-se. Deus, que coisa! E o escutou declarar:

– Se não chover, adeus tranqüilidade. Aí vocês não podem mais enterrar a cara na cerveja!

ÚLTIMA noite do novenário. Avisados, com antecedência, desceu gente da serra; outros vieram de lugares distantes, do sertão esquecido, participar da festa religiosa que, naquele momento, assumia um caráter de indiscutível importância para a comunidade. José Cândido aguardava em casa a hora de ir à igreja. Dos seus maus hábitos era aquele um dos piores: só comparecia em cima da hora ou atrasado, para mostrar-se importante. E então, na sua noite, exagerava-se. Só ele mesmo sabia quanto valia uma noite de novena cheia de fogos de artifício, de música e hinos! Fora agradando o padre Brasilino que conseguira prestigiar-se, ir subindo aos poucos. Se o padre pedia dez mil cruzeiros, dava-lhe vinte! E o bestão do velho Rocha não soltava mais de cinco. “Só dou cinco, e olhe que é desaforo. Deus não precisa de dinheiro.” Precisava... ora se precisava!...

José Cândido continua aguardando que a mulher se prepare, e entre dormindo e acordado, no cochilo da cadeira, dá balanço em suas vitórias, em sua vida. O Catoré concluído aguarda apenas o início do inverno para enchê-lo.

Os amigos, compreendia agora, fingiam ignorar o que ele fazia, ao receio tão-somente de vê-lo desgostar-se, tomar uma atitude, desertar do partido. Mas não era assim a política do sertão? Se fosse permitir que Leandro colocasse o Cabeça de Boi, com seus duzentos moradores, em situação privilegiada, estaria trabalhando contra a sua família, contra o seu próprio prestígio. Não, não era menino não! Só conseguira liderar a política municipal, influenciando no governo do Estado, quando o velho Rocha morrera e o filho, mudando-se para Fortaleza, metera-se nos clubes a gastar o dinheiro que herdara. O vizinho teria andado melhor ficando na capital, mas achou que devia recuperar-se; trouxe a família, tomou dinheiro emprestado aos bancos, começou a lutar. Ele é que não estava pra conversa! De modo algum permitirá à família Maciel tomar outra vez o leme da vida municipal. Não era só o prestígio que podia perder, mas os negócios. O ano passado abiscoitara a metade da cota do imposto de renda. E os dez por cento dos impostos que o Mundinho recolhia, para melhoramentos, e vinham para seu bolso? Ia perdê-los?

Balança-se na cadeira. A rigor sabe que não está procedendo corretamente. Mas qual o chefe político que fazia diferente dele? Todos se defendem, e o fazem bem, porque a política é um jogo que não premia muitas vezes... Muda, e quando muda, é o diabo! Por isso não é nada mal enterrar a unha...

Ilná veio do quarto, enchendo a sala de perfume. Pusera um vestido novo, o que ele trouxera da capital. Queria saber se estava bonita.

– Está um encanto.

– Fico bem assim?

– Fica, sim. – E verificando o relógio: – Estamos passando um minuto da hora...

A mulher notou-lhe a gravata torta.

– Ajeite a gravata, homem. Hoje é dia de muita gente na igreja.

Ele fez o nó, corrigiu o colarinho da camisa, que estava aberto, as pontas arrebitadas. Quando saíram, daí a instantes, as empregadas vieram trazer os comentários à porta: – "Que elegância, gente! Ela vai nos trincos!"

Ao chegarem à igreja, todos já lá estavam. Tomaram lugar no banco da frente. Daí a pouco, abafando os comentários que se teciam a respeito de ambos, gerou-se aquele silêncio comum às igrejas, e o padre Brasilino, saindo da sacristia, num andar respeitoso, alcançou o altar banhado de luz. No alto da nave, o coro das meninas do grupo escolar principiou a entoar um louvor à Virgem. E José Cândido imaginou a velha Berenice, ao órgão, a manejar-lhe as teclas com a mão esquerda, cheia de anéis, e com a outra a tanger as vozes mal ensaiadas.

Não demorou o sermão. Por ele ansiava José Cândido que, até o momento, divagara o pensamento pelos seus problemas, fazendo um retrospecto de sua existência, do poder que retinha nas mãos, mais para fugir ao ambiente em que se encontrava do que propriamente para se contentar. Falar a verdade – ia acumulando no cérebro os pensamentos –, somente um homem naquela cidade não se dobrava aos seus caprichos, exceção feita naturalmente ao pessoal do Dr. Leandro: era Zeca Paulino. Se Deus o ajudasse, acabaria com aquela linha de ônibus. Por conta dele tivera de duplicar o salário dos mestres. E mais ainda, já não podia atrasar o pagamento aos sábados. Vinham logo as ameaças, o povo todo jurava ir embora, embarcar pra Brasília. Com receio de perder mais gente, passou a pagar melhor. Não era, portanto, um patrão miserável. Se o chamavam de

explorador do povo era por despeito. Quizila dos comunistas, e de Zeca Paulino contra ele.

– E o Senhor, meus caros irmãos, naquele dia...

A voz do padre Brasilino enchia o silêncio reverencioso da igreja, acudia a todos os cantos da nave, metia-se entre as criaturas, penetrava nos pensamentos de José Cândido. Homens e mulheres acompanhavam os gestos largos do padre, escutavam-lhe as invocações comoventes que nesta ou naquela palavra obtinham trêmulos de voz. O sermão abordava a necessidade à penitência. Já ao final, o pároco passou a conclamar homens e mulheres a redobrarem as suas orações em casa. Havia a terrível ameaça de mau tempo para o Ceará, e somente Deus, acrescentava, com sua infinita mi sericórdia, podia mandar as benfazejas chuvas de que todo. necessitavam, água milagrosa, insistia, que daria alegria ao'. agricultores, que viria abastecer os mercadores, mitigar a fome, confortar os lares, para que não existissem tantos pobres em aflição.

A voz grossa, com que se expressava, tomava conta dos fiéis:

– Precisamos suplicar a Deus o perdão para os nossos pecados! É a nossa insensibilidade ao amor de Jesus que nos leva aos caminhos da perdição! A família, de nossa cidade, já não consegue reter em casa nem pais nem filhos! Sabem por onde andam? Não sabem? Eu respondo: pelos bares da cidade! No Taco de Ouro!

José Cândido lançou um olhar de viés para o juiz, e deste para o delegado, que os observava também. A impressão é de que ambos sorriam às palavras do reverendo. Aquilo, disse Fragoso de si para si, só podia ser uma direta na cara do coronel...

– Sim! no Taco de Ouro, abusando da saúde, gastando dinheiro enquanto esquecem as obras de benemerência

social. Por isso a cidade vive cheia de maltrapilhos! Por isso os comunistas podem vir aqui, como vieram há dias, e fazer comícios! É porque o dinheiro dos ricos só chega para o esbanjamento fácil. – Juntou as mãos, em posição de quem vai orar e continuou: – Vamos rezar, meus diletos irmãos, pedir a Deus perdão para os nossos pecados. Talvez aqui mesmo, ao nosso lado, esteja o Demônio a tentar-nos, a querer dobrar as nossas convicções cristãs. – Limpou a garganta: – Por que não chove? – A voz cresceu, trovejando dentro da igreja.

– Por quê?

Abrindo os braços, exclamou:

– Vivemos num vale de lágrimas! É pelo sofrimento que teremos de encontrar o amor de Deus!

Proferiu outro grito, este muito mais alto, lançando aos seus paroquianos a dramática pergunta anteriormente feita. Os olhos arregalados, as mãos espalmadas:

– Por que não chove? Respondam? POR QUE NÃO CHOVE?

Antes que alguém imaginasse impedir, um homem se ergueu no meio daquela multidão, e bradou:

– Não chove por causa do cel. José Cândido!

Houve um murmúrio generalizado no interior da igreja, misto de estupefação e curiosidade. Toda aquela massa humana, que sentava respeitosa diante do púlpito, estremeceu.

– Ouviu, padre Brasilino? – tornou a voz: – Não chove por causa do cel. José Cândido!

Abrindo caminho pelo corredor, aos empurrões – e foi o que aumentou o atropelo, Anselmo avançou à procura de quem se comportara com tamanho desrespeito. E não pôde conter o susto quando se deparou com Frederico, a tempo de evitar que gritasse mais uma vez.

– Que é isso, homem? Você endoideceu? Venha comigo.

– Não vou não! Estou a serviço de Deus. Ele queria que eu falasse assim.

– Deixe de besteira, homem! Vamos saindo daqui...

Duas outras pessoas, mais próximas, vieram ajudar o delegado carregar Frederico dali. José Cândido, em seu lugar, cabisbaixo, morria de vergonha. A mulher, segurando-o pelo braço, punha-se aflita e rezava em voz alta, invocando a proteção da Virgem Maria.

Padre Brasilino estarrecera. A custo controlou aquela vontade safada de aproveitar a intervenção do sertanejo e transformar o sermão que fazia no melhor que já se ouvira pela redondeza. Mas a vítima era o coronel, e José Cândido, por coincidência, paraninfava a noite de novena, dera vinte mil cruzeiros para a reforma da sacristia...

Com a voz grave, de quem rejeita um susto, o reverendo advertia agora:

– Os senhores precisam respeitar esta casa, que é de Deus! Aquietem-se! O acidente já passou... – Dirigia-se às senhoras: – As monitoras do catecismo cuidem das crianças, para que não façam barulho. As Filhas de Maria comecem a cantar. – E ele mesmo deu o exemplo: – "Queremos Deus, que é nosso pai..."

A saída do templo, os amigos cercaram o fazendeiro ofendido, reconfortando-o. A impressão geral, confirmaram todos, era de que o agricultor havia bebido. José Cândido, cientificado de que o autor da grosseira intervenção fora o empregado de Leandro, rugia:

– Eu sabia que tramavam contra mim! Foi aquele patife que mandou o empregado desmoralizar-me. Sabe que as eleições vêm ai e quer cortar o meu pescoço. Corta não! Comigo a coisa entorta!

Isso passa, Cândido. – A voz pausada do dr. Marcos fazia ouvir-se autoritária. – Não há de ser nada! Você é um forte e os fortes não se vexam aos arreganhos dos fracos.

– Eu sei disso – tornava o coronel –, mas compreenda. A cidade é pequena, há os inimigos. Essa gente é ruim. Vai aproveitar o incidente para tecer intrigas em torno de mim...

Fragoso tranqüilizava-o:

– Qual nada! Nós o conhecemos de perto. Quem é que vai dar crédito a um ignorante da marca de Frederico? Ele é um besta. Vive adivinhando chuva. Será dono do céu?

Riram-se todos. Quatro ou cinco pessoas, acompanhadas das esposas, juntaram-se ao grupo que levou José Cândido à sua residência. D. Ilná, que viera na frente, recebeu-os anunciando que já providenciara um cafezinho.

Daí a pouco chegava o padre. Ao avistar o coronel - que lhe fez uma cara de pesadelo –, Brasilino desmanchou-se em desculpas:

– Uma infâmia, coronel! E logo na sua noite de novena. Mas não ligue! Aquele Frederico é um demente.

– Estou abafado, reverendo. Contrariadíssimo!

– Não seja por isso! Aquilo foi astúcia de um louco. Frederico, acredite, é um aluado, tem a mente penetrada de assombrações.

– Será que foi mesmo loucura? – indagou Fragoso, imaginando encontrar nas palavras do padre melhor explicação para o incidente. Aquilo salvava o cel. José Cândido dos comentários maliciosos.

A voz do padre Brasilino, repisando a idéia, cobria-se agora de comentários:

– Era isso! O homem é doido varrido, perigoso!

Depois de beber o café, Fragoso dirigiu-se ao Taco de Ouro.

No bar o assunto era discutido calorosamente. Os comentários, os mais desencontrados possíveis. De mãos abertas, os gestos largos, Fragoso tomou a frente de todos dizendo que lhes trazia uma informação de máxima importância. E enquanto os homens criavam um momento de silêncio, ele explicava:

– Agora mesmo o padre Brasilino acaba de dizer, na casa do coronel, que Frederico está doido. Aliás, foi o que eu pensei no primeiro instante. Somente um louco, um irresponsável, poderia desrespeitar José Cândido. E logo onde, dentro de uma igreja.

Calou-se. Os homens o olhavam calados e de maneira estranha. Era como se ele fosse um pedaço de pau ou uma pedra. Qualquer coisa – que não podia identificar – gerava-se daquela contemplação muda dos freqüentadores do Taco de Ouro. E sem poder suportar o silêncio que se estirava, Fragoso indagou, de voz sumida:

– Então, que há? Não acreditam no que eu digo?

Subitamente destampou-se uma garrafa. Era Zeca Paulino que não podia controlar-se. A sua voz grossa, acompanhando o gloc-gloc da cerveja a despejar-se no copo, encheu a sala:

– Tenha vergonha, Fragoso! Deixe de bajular o coronel.

– Mas... eu... – gaguejou o velho.

– Foi o que você ouviu: tenha vergonha. – E raspando com o dedo a boca do copo, aparando a espuma da cerveja: – É Deus que está agora na parada, ouviu? O coronel de nós todos.

DURANTE dias, e no decorrer de várias semanas, o comentário que arrebatou as atenções da cidade foi a insólita intervenção de Frederico ao sermão de padre Brasilino. Não que se vislumbrasse no fato um desrespeito à igreja, ou ao padre, mas ao chefe político do município, até então considerado intocável. Muita gente imaginou que José Cândido, no dia seguinte, mandasse pôr o cabra a ferros, a pão e água. Não se ultimou a previsão. Com efeito, o fazendeiro ressabiado pensara em desforrar-se, mas achou preferível não acirrar os ânimos. Quem sabe, dizia para consigo mesmo, não era aquilo o começo de um bem urdido plano do dr. Leandro para aplicar-lhe uma vingança?

No Taco de Ouro os assuntos nesse dia alternavam-se, mas eram todos ligados ao tema dominante da época – se haveria ou não inverno – embora um ou outro, entre tantos, ainda se reportasse ao pitoresco episódio da última noite de novena. Chico Andrade, que estivera conversando com Fragoso – a pensão, sofrida pela crise, ia cerrar as suas portas –, era de opinião que o ano seria péssimo. Em seu modo de entender – falava baixo para Otacílio que se debruçara sobre a mesa –, José Cândido era responsável pelos desmantelos do município.

O outro, surpreso, defendia o amigo!

– Que é isso! O coronel não pode fazer chover.

– Não sou burro não! Sei disso. Mas é ganancioso, persegue todo mundo. Frederico é que tem razão. Não choveu ainda por causa de José Cândido.

– Tinha graça! Quem é que não sabe que Frederico é doido? A história é outra. Queria comprar um pedaço de terra do Dr. Leandro. Mas o doutor, raposa velha, iludiu o seu empregado com o engodo de que a represa do Açude Catoré ia cobrir quase todo o Cabeça de Boi. Mentira! Pura intrujice!

Chico Andrade principiou a rir. Como era ingênuo aquele homem! E depois, com a voz pausada, retrucou:

– Os fatos falarão por mim, Otacílio. Afinal de contas nós mesmos é que responderemos por todo esse descalabro que existe por aqui. Não mudamos, não escolhemos gente melhor para administrar a terra. – Com um ar desalentado:

– Reflita um pouco depois de olhar em torno de nós. Que vê você? Pobreza! Miséria! Até o nosso amigo Fragoso vai fechar a pensão à falta de hóspedes. Quando chegou do Amazonas vinha cheio do dinheiro e de sonhos. Se tivesse ido para Fortaleza, a coisa seria outra. Não teria tido fim tão melancólico...

– Não vá dizer que o coronel é também responsável pelo fracasso de Fragoso.

O outro reteve um sorriso de ironia aos lábios antes de falar:

Sabe, acho que é.

Levantou-se para ver um casal que chegava. Queria ver de perto para acreditar no que os seus olhos viam. Não se enganava. Eram dois retirantes; o homem aparentava cinqüenta anos, se muito, e a mulher, mirrada, alcançava os quarenta. Com a voz cansada, o velho principiou a contar que haviam abandonado o lugar onde moravam. Acabara-se tudo. Nem água existia que bebessem.

– O senhor sabe – detalhava –, não choveu mais. A gente não podia acabar-se como um cão sem dono. Maria -fez um gesto com a cabeça indicando a mulher – ainda trastejou. Não queria sair de nossa casinha. O senhor compreende, mulher é mulher mesmo... Mas de verdade até que era bonito o nosso cantinho. – Coçou a ponta do queixo. – Mas tudo só é bonito quando a gente está de barriga cheia, não é?

Chico Andrade, de pé no vão da porta do bar, continuava calado. Seus olhos fundos absorviam a ima-

gem do casal com um constrangimento enorme. No instante em que os contemplava, pareciam chorar. Ia ser uma tragédia, pensou. E principiou a inventariar a pobreza do Ceará, a infelicidade daquela terra rica e sempre perseguida pela adversidade. Lembrou-se que lera em jornal da capital a notícia de que em São Paulo desabara um temporal. Morrera gente afogada. Confiara a esposa: "Veja, Francisco, a água sobra no sul e falta no Ceará".

Meteu a mão no bolso. Nem sabe se apanhou uma cédula de cem ou duzentos mil-réis, e entregou-a ao velho:

– Tome, é para o senhor comprar qualquer coisa para comer. Não desespere, homem. Acho que ainda vai chover. Não perdi a esperança.

O sertanejo abriu-se num sorriso sublinhado de agradecimento. Fez o pelo sinal-da-cruz. Chico Andrade começou a sentir o estômago embrulhado, a cabeça zonza. Confrangia-se àquela cena. Como eram miseráveis os pobres dos sertões cearenses! E agora punha-se a pensar no que poderia acontecer-lhes nos próximos dias. Estavam em fevereiro. E ninguém se preparava para o pior.

– Me diga, meu velho, viu mais alguém caminhando para cá? – indagou.

O homem meneou a cabeça num gesto afirmativo. E acrescentou em voz arrastada:

Mais de trinta, meu patrãozinho. Daqui pra manhã, essa gente embicará pra cá. Que encontre um coração tão grande como o do senhor. Deus o proteja!

Pediu licença. Subiu a calçada para ver se encontrava no bar alguma coisa que pudesse comprar para comer. Ficou em pé, um instante, a boca aberta, admirado. Os homens, alheios à sua presença, bebiam a cerveja que espumava nos copos. Chico Andrade pegou-o pela mão e esclareceu:

– Aqui é um bar. Na outra esquina tem uma mercearia. Vendem pão e bolachas lã.

– Obrigado, patrãozinho. Vou comprar.

Logo que os retirantes saíram dali, Chico Andrade penetrou no bar, com vontade de dizer uma verdade contra aquela irresponsabilidade. Deviam ter mais sentimento de humanidade! Não era justo continuarmos bebendo daquela forma! Mas que adiantaria? Benício, enxugando as mãos no avental encardido, puxava conversa:

– Vai ser ruim, seu Chico. A cidade não agüentará outra seca. E a gente? Que se vai fazer?

Chico Andrade refreava a vontade de dizer o que pensava dele. Sabia que Benício temia apenas os prejuízos que teria no bar. Sem inverno não haveria, depois de março, aquela freguesia dissoluta, ruidosa, a beber cerveja e conhaque. As ruas estariam cheias de retirantes. O prenúncio dessa época já despontara no casal que chegara à procura de socorro.

– Repare bem – começou a dizer Chico Andrade –, quando digo que José Cândido atrapalha a nossa vida, não exagero. Aposto como anda dando graças a Deus por não chover! Ê um miserável! Ganha dinheiro de todo jeito, quer chova quer faça sol. Bem que podia socorrer esse povo com o dinheiro da quota do Imposto de Renda, que mete no bolso.

Benício queria afastar-se, fugir do assunto. Esfregando as mãos, nervoso, disse:

– Não entendo de política nem me interessa falar do coronel. Me desculpe.

Meteu-se outra vez atrás do balcão. Chico Andrade teve ganas de dizer-lhe uns desaforos, mas conteve-se. Mundinho, o telegrafista da RVC, chegara apressado. Viera ver se Zeca Paulino ainda estava no bar. Segurava na

mão, amarfanhado, o telegrama que acabara de receber. Perguntava a todos:

– Cadê seu Zeca? Não viram ele aqui?

Chico Andrade deteve-o. Pelas feições intranqüilas do rapaz adivinhou que algo de anormal se passava.

– Morreu alguém?

– E eu sei?

– Sabe, não se faça de inocente! Fale logo.

– Mas eu não posso quebrar o sigilo do telegrama.

Chico Andrade segurou-o pela mão!

– Que sigilo que nada! Nós sabemos que você, como telegrafista, já se inteirou da mensagem. Diga logo o que se trata. Coisa boa não aconteceu, pois a sua cara é de tragédia.

E o rapaz, como se tirasse um peso de cima do corpo, desabafou:

– O ônibus... O ônibus virou!

– Virou? – houve um murmúrio geral.

– Virou, sim senhor – confirmou.

Os homens se entreolharam. Aquietou-se um silêncio mal nascido, que até se podia ouvir o vôo de um besouro fazendo sua morada no portal do bar. Cada qual começou a imaginar mil e uma coisas, a balancear as vítimas, a pensar na extensão do desastre.

– Vamos procurar o Zeca ! – lembrou alguém.

Queriam ajudar o proprietário do ônibus. Quem sabe – sugeriu Otacílio – se não andaria pela casa do padre Brasilino?

Alguém, que se aproximou do grupo, ao tomar conhecimento da notícia, informou que o vira, há poucos minutos, deixando a prefeitura. E o seu jeito, acrescentou, é de quem vinha para o bar.

Envolviam-se todos nessas considerações, emocionados e apreensivos, quando Zeca Paulino subiu a calçada

do Taco de Ouro, ultrapassou a porta, e, sem saber de nada, foi-se juntar aos amigos. Parece que o viram todos ao mesmo tempo, mas ninguém ousou falar. O vozerio desandou outra vez para o silêncio. Além do zunir do besouro, que se aliviara de sua carga, e retornava ao espaço, ouvia-se apenas a respiração dos homens.

Mundinho, como se o impulsionasse uma mola, estendeu o telegrama a Zeca Paulino, que o tomou meio desconfiado.

Nem precisou ler a mensagem. Antes mesmo de desdobrar a comunicação, que chiava de modo esquisito em suas mãos, murmurou, com voz entrecortada, para que todos ouvissem:

– Já sei... O ônibus virou ou matou alguém.

"O VENTO está morno..." Assim pensava Fragoso, que viera sentar-se na calçada, sofrido pela despedida que fizera aos cômodos daquela casa em que instalara e usufruíra, durante anos, a sua vida de pensão. "O vento morno..." Fora ele que precipitara a derrocada da casa de pasto, desenlace previsto mas fatal e que o obrigara escrever ao irmão, em Fortaleza, pedindo-lhe ajuda. A resposta não demorou. O irmão os recebera – a ele e à Sinhá – por dois ou mais meses, dizia na carta, até que as coisas melhorassem.

A voz que desperta dentro da casa e escorre para a calçada, onde o sol vai alto e forte, é de Sinhá, às voltas com as providências últimas da viagem, vendo se está tudo em ordem, se pode agora fechar a porta sobre o passado. Fragoso observa-a em suas andanças, vendo-a entrar e sair dos quartos, a reparar se não esqueceu nada, se o gato Félix foi enxotado, se os armários estão realmente

fechados, à prova de baratas. Não sabe como, Fragoso começa a se lembrar de Rosaura; depois que ela se foi, tudo piorara. Rosaura que Sinhá não percebesse representava a única coisa válida de sua vida entre aquelas quatro paredes. Até parece que os motoristas dos FNM paravam ali por causa dos encantos da moça. Depois que se fora – o padre Brasilino tentara em vão casá-la com Antônio –, os hóspedes rarearam. Quando sabiam que se ausentara, não escondiam a decepção:

Não é possível! Tão boazinha... Ah!

Esses repetidos ah! é que lhe deram coragem de ir ao quarto da rapariga, naquela malfadada madrugada, tentar um encontro amoroso. Balança a cabeça, como se quisesse diminuir o travo do seu fracasso. Rosaura foi-se, eis o fato. E ele perdeu todo o dinheiro que trouxera do Amazonas. Agora, o Ceará, como ele, enterra-se numa calamidade pública...

Acomoda-se na cadeira. O corpo todo lhe dói.

Anda solto na rua um vento morno... É um hálito quente, pesado, que levanta o pó do calçamento. Ontem à noite, soube que haviam chegado mais oito famílias – e agora já eram mais de trinta, arranchadas no largo da Matriz. Ele, pelo menos, vai de trem para Fortaleza. E aquela gente? Como vai sofrer para vencer as duzentas léguas que a separa da capital.

– Já vem chegando outra família – murmurou.

Eram ao todo nove pessoas. Os meninos mais crescidos, uns dois, corriam sobre a calçada, em alarido, perseguindo uma lagartixa. Os menores – havia um de braço e outro maiorzinho, a choramingar – espiavam o que os outros faziam, invejando-os. O menino calou-se, mas logo em seguida voltou a chorar. Deve ser fome – pensou Fragoso – e se continuar assim, sem nenhuma providência, não sei o que vai ser dele!

– Vamos, mulher. Vamos embora – aperreou-se.

Sinhazinha assomou no vão da porta, deixando o ruído dos sapatos sepultados no corredor. Não precisou falar ao marido, e ele compreendeu que já podiam partir. Nada mais havia que fazer. Levantou-se então; com a chave na mão, procurou intrometê-la na fechadura. O gesto simples, de rotina, dava-lhe uma amargura enorme! Há vinte e dois anos abrira a mesma porta; correra-lhe o fecho e se aprofundara na intimidade da casa, imaginando encontrar o melhor negócio de sua vida, o que haveria de enriquecê-lo! – Chegara do Amazonas cheio de esperanças. Quantos contos trouxera no bolso? Vinte e tantos! E todos o receberam com entusiasmo; sabiam-no com as mãos cheias de dinheiro.

– O trem vem no horário, Fragoso ?

Ele encolheu os ombros à indagação da esposa. Puxou a porta com força; ouviu-a estalar. O trinco correu com estridência. Foi a hora de dar volta à chave. E como sentisse necessidade de falar, de quebrar o silêncio para não chorar, manifestou-se:

– Mais uns dez minutos e estaremos longe daqui.

Calou-se novamente. Corridos alguns segundos, perguntou à mulher se a bagagem havia sido levada, em ordem, à estação. Ela esquecera-se de alguma coisa? Não, de nada! A esta negativa, empertigou-se meio sofrido, e entrou a andar até afastar-se da pensão. Ai, pelos céus! Pareciam que a arrancavam de sua vida. Não podia contemplá-la assim, as portas fechadas, os postigos descidos. Ah, uma casa sem gente como ficava triste!

Subitamente mandou a mulher seguir-lhe à frente. Queria parar no Taco de Ouro para uma última palavrinha com os amigos.

– Não vá beber! – recomendou ela.

– Ora! – enjoou-se. – Vou despedir-me dos amigos.

No bar, Otacílio recebeu-o de ar sério como se tivesse ouvido a notícia do seu falecimento. Aliás, para todos, a súbita partida de Fragoso para Fortaleza era tal qual a sua morte. Os comentários, amiúde, repetiam-se em torno daquela decisão.

– Não há de ser nada, Fragoso. Animo forte – consolava Otacílio, vendo-o entristecido. – Ainda temos tempo para uma cervejinha. Me disseram agora que o trem vem com atraso...

Abancaram-se. Otacílio fez que não via o velho limpar o canto dos olhos, dizendo que lhe maltratava um argueiro.

– É o vento! A terra seca, um pó danado – repetia.

Levou o copo, que lhe enchera o amigo, à altura dos lábios. Sentiu ao nariz o cheiro adocicado da bebida, o seu borbulhar espumante. Os seus gestos eram vagarosos, sem nenhuma pressa, acentuados de melancolia. Nesse instante exato pensou em sua idade – sessenta e dois anos. E confiou para o amigo, que acabara de esgotar o copo:

– Acode-me um pressentimento cá bem fundo no coração, que não voltarei mais... Nunca mais!...

– Tolice. Você é moço, forte. Não pense asneira.

Fragoso soltou um sorriso pálido; estava desenganado. Olhou o espelho do bar e viu nele, mais uma vez, o anúncio da cerveja Preferida. Mais embaixo havia uma frase: “Esqueça suas tristezas”. Como é que se fazia isso? Bebendo?

José Cândido subiu o batente, meteu-se pelo vão da porta. Foi direito aos dois homens.

– Me conte, Fragoso. Me disseram que vai embora?

A resposta do velho foi seguida de um gesto de inteira submissão aos fatos:

– É o jeito.

– Não seja frouxo! Conte comigo para tentar a sorte. Sou amigo dos meus amigos.

Fragoso escutou apenas a palavra “frouxo”. Não, não era frouxidão, retrucou. Quis dizer alguma coisa mais à guisa de explicação, e se perdeu na intenção.

– Me dá uma fria! – cobrou José Cândido. Com a voz mansa, como nada daquilo o sensibilizasse, continuou: – Fique, deixe de ser mofino. Antigamente, seca era transtorno. Morria o gado, os homens passavam fome, perdia-se tudo. Mas agora a estiagem é negócio, e dos bons! Já ouviu falar na indústria da seca? Pois e... – Debruçando-se sobre o velho, segredou-lhe: – Este ano vamos tirar partido da situação. Fique, lhe arranjo um fornecimento.

– Mas eu não entendo de fornecimento.

– Não precisa entender, homem. Basta vigiar e anotar a saída do arroz, do feijão, da carne-do-sul... Tudo tão simplesmente! É trabalho de merceeiro, com receita garantida.

– Puxando-o para si, num gesto de intimidade: – Conte comigo.

Fragoso começou a beber a cerveja. Seus olhos – foi o que o outro pensou – voltavam a brilhar novamente.

– É negócio! – insistia José Cândido. – Estive a semana passada em Fortaleza e conversei com o pessoal da situação. O governo vai abrir uma frente de trabalho aqui e dois fornecimentos. Você cuidará de um deles. Seremos encarregados do atendimento aos flagelados. – Pôs-se a rir. – O Ceará não podia ficar esquecido. E a hora é esta da gente se aproveitar.

– Não entendi direito... – comentou Otacílio. – Não acredito no lucro desse negócio...

– Você não entende! O homem do fornecimento é quem controla a entrega das mercadorias. É só aumentar as no-

tas. Depois, arranja-se quem assine os recibos. É negócio de se ganhar milhares e milhares de cruzeiros!

– Que cabeça, homem! – admitiu Otacílio, esfregando as mãos. – Se o Fragoso não aceitar, eu estou nessa boca...

José Cândido não o escutou. Virou-se para o hoteleiro cuja indecisão o alarmava:

– Como é? Não vale a pena aceitar?

Houve um silêncio. Otacílio imaginou fosse o velho aceitar o convite. "Isto é que é ser amigo", dizia para consigo mesmo. "Um negócio deste ninguém me oferece..."

– Decida-se, Fragoso! – açulava José Cândido. – A seca para nós vai ser um negócio da China.

"Por Deus" – pensava Fragoso – e uma tentação, mas não devo aceitar. Sei que fui torpe várias vezes, rebaixei-me tanto, mas agora não devo, não posso..."

José Cândido estugava-lhe a cobiça:

– Vamos, meu velho, a hora é essa. Você também ficará rico. Quando vier o inverno a sua pensão funcionará com mais folga. Imagine: vamos transformá-la agora em cozinha do acampamento. Você prepara nela a comida que levaremos para os retirantes. – E baixando a voz: – Quando tudo passar, o governo nos pagará dobrado! A gente enterra a unha!

– Não, não posso – repetia Fragoso.

– Homem, aceite!

De pé, o hoteleiro tremia, emocionado. Achou-se ridículo quando se avistou refletido outra vez no espelho do bar. Parecia sair de dentro da garrafa de cerveja do anúncio.

– Não é possível, coronel.

– Fragoso, você está falando sério? Você sempre não colaborou comigo?

– Colaborei, sim senhor. Mas agora, não posso mais. A gente também muda.

Abraçou Otacílio. Depois, bateu delicadamente no ombro de José Cândido, que pasmava. Queria sair dali quanto antes, ligeiro, para nunca mais voltar. Pela primeira vez, após tantos anos, começava a se sentir um homem realmente feliz.

– O que você faz é loucura, homem! – insistia José Cândido. – Venha cá.

– Me desculpe, coronel. Mas é esta a minha decisão. Até outro dia.

Desceu o batente; achou-se na rua, alheio ao que murmuravam a seu respeito. Dava-lhe pressa em fugir daquele lugar maldito e procurar outra vida. Tinha sessenta e dois anos!... Afinal de contas, nunca era tarde para um homem iniciar vida nova.

Começou a andar em direção à estação. Os passos firmes, a cabeça erguida.

Agora era mesmo um homem.

FREDERICO fitou os olhos na coroa do rio onde o sol agora mergulhava a sua luz iridescente. O seu pensamento, como ave que perde o ninho, não tinha rumo. Há dias que se sente desamparado, sem saber o que fazer. Não pode deixar de compungir-se àquele tempo sem água, assistindo o vento correr quente e a estralejar dentro do mato seco.

Adivinha em tudo isso a mão de Deus, por caminhos de muito sofrer, de muita provação, querendo experimentar os homens. Ele está certo de que Deus não mandou o inverno porque não quer o Catoré cheio, cobrindo a terra que seria sua. Por que os pobres, como ele, só terão direito ao chão dos mortos?

Trabalhou, juntou dinheiro... Não quer somente os sete palmos de chão irrecusáveis ao homem.

Afasta-se da janela; percorre a casa em passos largos, os olhos vítreos, revestidos daquela claridade que atemoriza a esposa. Faz dias que ela o vê naquele pensar, numa irritação sem fim. Vendo-o passar para a cozinha, à procura do pote, lembra-se do dia em que o ouvira gritar no interior da igreja, proclamando que não chovia por culpa de José Cândido. Ah, que aflição tivera! Como sofrera! No dia anterior, receosa, fora conversar com d. Leonice, e esta a aconselhara não desgosta-lo.

– Pelo que você me conta, comadre, o seu marido anda nervoso. Ele sempre foi muito impressionado com o inverno. Ouve os bichos falarem, entende sinais que ninguém compreende...

– Será possível, dona? – pasmava-se.

– Tudo indica que estou certa. Tenha cuidado com ele.

Sob a lembrança dessa conversa, Rosinha o acompanha. Sente que é preciso redobrar a vigilância sobre Frederico.

– Você está sentindo alguma coisa, homem?

– Sentindo o quê? Lá vem você outra vez com essas perguntas chatas. Não estou sentindo nada! – Fitando-a dentro dos olhos, meio áspero: – Que é que você está pensando de mim? Que estou doido?

– Não, não é isso. Eu pensei...

Ele interrompeu-a:

– Pois não pense.

Bebeu a água, em repetidos goles; largou o caneco de flandres em cima da mesa, abeirou-se da janela. A mulher pensou: "Vai ficar novamente espiando o leito do rio seco, esperando de um momento para outro que a água se avolume nele..."

Rompendo o silêncio, que pesava dentro da casa, disse:

– Eu tenho que fazer qualquer coisa. Você não entende. Deus quer que eu tome uma providência. A gente não pode ficar na dependência do coronel.

– Que providência? – arriscou Rosinha.

– Não sei ainda... – Com a voz gutural, continuou: – Não sei, uma coisa dentro de mim – apontou para o próprio corpo – diz que eu ande, que tome uma decisão... Só assim seremos felizes outra vez e não haverá ninguém ao desamparo.

Arriou o corpo sobre o tamborete. Estava magro, os ossos do rosto salientes. A respiração entrecortava-se por um chiado esquisito, e, às vezes, ele tossia. Com a voz mansa, sem nenhuma pressa, como se alguém falasse por ele, continuou:

– Está noite, antes de dormir, reparei os sinais. Você não liga pra eles, mas eu sei o que significam para mim. Os meus bichinhos nunca falham. Desde ontem a rã está zoadenta e as formiguinhas vermelhas, que moram debaixo do banco da sala, mudam-se pro quarto. Não vê que quando chove a água molha o banco? Eram tantas, aos magotes, fazendo caminho de índio, umas atrás das outras! Se não foi alucinação, carregavam os filhinhos. – Ri baixo, satisfeito. – Quando carregam os filhos, é sinal de chuva.

– Então, vai chover! – alegrou-se a mulher.

– Chove não! Não pode chover! – levantou-se, os olhos arregalados. – Você não entende! Não basta a vontade dos bichos! É preciso que Deus autorize. Deus é o patrão de tudo.

– Mas Deus vai mandar... vai chover!... – repetia.

– Chover? Com um peste do coronel José Cândido que rendo a miséria da gente?

A mulher foi até onde ele estava; segurou-o com amor:

– Não pense nisso. Você está ficando nervoso...

– Nervoso?! Eu?! – desatou a rir. – Não, minha filha. Eu sei o rumo que vou tomar. Estou apenas triste. Ouviu? Tristeza a gente não pode sujigar, não é como passarinho que se põe dentro de uma gaiola...

– Não é isso, você está afobado.

– Só Deus é quem sabe, minha filha...

Ficaram calados. Ele levantou-se; crescia-lhe outra vez a irritação.

– O que me mata é todo mundo ficar de braços cruzados, sem jeito de fazer nada. O padre Brasilino devia ter excomungado o demônio. O demônio é José Cândido! O padre não deu por isso! Por quê? Por quê? Será por causa do dinheiro dele? Mas Deus não se compra com dinheiro!... Desde pequeno que escuto isso.

– Ele é rico! O dinheiro manda no mundo.

– Manda não! Quer ver, mande o padre Brasilino ser direito! O que não pode é ficar calado só porque o coronel lhe bota nas mãos o dinheiro que deseja!

Foi postar-se sob o vão da porta; plantou-se depois no meio do terreiro. O sol abrasava-lhe as costas nuas. E a mulher sentiu que ele passeava o olhar pela natureza combusta, vendo as árvores desprovidas de folhagem, o vento quente a revolver a terra. Onde estavam as beldroegas? Por que não vicejavam as tiriricas? Os seus olhos já não encontram as trepadeiras, o capim-milhã, o pé-de-galinha... A fava-de-boi era apenas um cipó comprido, crescendo, crescendo, a se enroscar nas árvores mortas.

De repente, como se avistasse alguém naquela desolação em fogo, onde o verde perecera, gritou:

– Bastião! Vem pra cá, criatura!

Voltou o rosto à esquerda, depois à direita, como se de todos os lados surgissem amigos. E tornou, entusiasmado:

– Ambrósio! Até você, Pedrão?

A sua voz estalava como um chicote, de cordão à ponta, cortando o hálito quente da natureza.

Rosinha, invocando a proteção do padre Cícero, pelejava para contê-lo:

Meu filho, que despotismo é um?!

Ele empurrou-a, enfarado. E se justificando:

– Você precisa ver, mulher! Então, os meus amigos ouvem meu apelo, correm para cá, e você quer que eu não me alegre? Isso, nunca! – Baixando a voz, que quase sumia na garganta: – Nós vamos abrir a parede do açude! Enquanto a maldita barragem estiver de pé, não chove! Mas não chove mesmo não!

E a sua voz, novamente embolada, trovejou:

– Malaquias! Vem também, homem de Deus! Quero todo mundo aqui. A nossa desgraça é o Catoré. Se a gente tirar ele, vai chover... O rio vai descer! a gente vai ter fartura, e as mulheres, menino novo!

Autoritário, virando-se para Rosinha que lhe punha um olhar de surpresa:

– Já! Vá buscar o meu enxadeco!

Ela continuava indecisa:

– Frederico, meu filho! – e rebentou num choro forte.

– Deixe de moleza, mulher! Que besteira é essa? – O suor descia-lhe, empapava-lhe o cós das calças.

– Se acalme, homem. Faço um café bem forte pra você melhorar...

Ele interrompeu-a num grito:

– Não! O café é depois... – Baixou a voz, confidenciando: – Primeiro, eu e os meus amigos vamos destruir o Catoré. Entendeu? Deus está com os pobres... Foi isso que

aprendi no catecismo, quando minha mãe me levava à casa de Deus. Ande, mulherzinha de minh'alma! Me ajude! Me dê o enxadeco!

Rosinha procurava conter as lágrimas, em vão. Entre surpresa e apreensiva corria seus olhos em derredor. Meu Deus, pensava, quem seria o louco? Ela ou ele? Queria ver onde estavam os amigos... Mas não havia vivalma. O mato adiante esmorecia, murchava sob a soalheira. O marido danava-se. E sentindo crescer-lhe o desespero, agarrou-se nele:

– Venha, querido, venha! Agora sei que não tem ninguém lá fora.

Ele tentou livrar-se dela; não conseguiu. Implorava:

– Me solta! Me compreenda!

– Não, não... – murmurava a mulher.

Foi quando ele gritou:

– Me solte, seu diabo!

Deu-lhe um safanão e ela estendeu-se ao chão, arranhando o rosto. O sangue riscou-lhe as faces.

– Frederico!

– Marche! Vá buscar o ferro que estou pedindo!

E, sem olhar se ela ia à cozinha fazer o que solicitara, continuou a gritar:

– É agora, pessoal! Chegou a nossa hora!

Sem ligar aos lamentos da mulher, que lutava para contê-lo, afundou-se na casa à procura do enxadeco. Encostado a um canto da cozinha encontrou o ferro de que tanto necessitava para destruir a parede do açude. Todo mundo, no outro dia, quando começasse a chover, quando aquele cinzento de matame morto respirasse em busca de nova vida, haveria de agradecer-lhe o belo trabalho feito. Rosinha era uma mulher fraca, demente e tola, não compreendia o verdadeiro sentido de seu gesto.

Sob passadas firmes, o enxadeco seguro nas mãos, o homem desandou o mesmo caminho, atravessou o vão da porta. A mulher, aos gritos, lutava para segurá-lo.

– Não, maridinho! Você perdeu o juízo! Não vá, não faça isso!

Ele estacou, assustado. E abrindo um sorriso claro, como se outra pessoa sorrisse por ele, disse:

– Eu? Doido? Doido por que, criatura? Eu sei o que estou fazendo.

E ela, ofegante pela aflição, insistia:

– Você está doente! Olhe, não vem ninguém pra cá! Aí fora só existe o mato esturricado... – Encostou-se nele; queria abraçá-lo.

Ele empurrou-a num gesto rápido, áspero, e continuou a andar, convencido de que os amigos estavam à sua espera.

– Você é cega? Então, não está enxergando?! Quem é aquele homem? É o Bastião, seu diabo! E o outro, o baixinho, que puxa por uma perna? Não vá dizer que não se lembra dele... É o Malaquias, mulher! Estou mostrando todo mundo, o pessoal está olhando pra mim, e você ainda tem coragem de dizer que é assombração minha? Não sou doido não, seu diabo! Um homem como eu sabe o que faz.

– Valhei-me, meu Padre Cícero! – implorou Rosinha, assaltada por um tremor súbito. – Segure esse homem!

– Ora, tinha graça! Berre à vontade. Doida é você que não tem vergonha de se alarmar assim diante dos vizinhos.

Ela voltou a implorar o auxílio do Padre Cícero:

– É loucura, meu padrinho, é loucura! Não tem ninguém aqui, tudo é assombração dele!

O coração batia-lhe descompassado. Seu corpo tremia. De alegria, de perversidade, de doidice? Depois de esquadrinhar as árvores com o seu olhar chamejante, decidiu:

– Somos vinte e dois! Até o açude seremos mil!

Montou o enxadeco sobre o ombro; saiu andando. Rosinha, paralisada pelo grande desespero que a acudia, não podia arredar um passo. Chumbava-se no chão. E que coisa estranha lhe penetrava o coração! Viu o marido ir-se afastando lentamente em direção da fazenda do cel. José Cândido, gritando para que os homens – que homens, Senhor? – o acompanhassem, que havia chegado a hora...

Seu coração descompassava-se. Ainda quis gritar para o marido, que estava com medo de morrer, – "Ai, Jesus, não se queria ir assim!" – mas nada disse.

A última coisa que viu no mundo foi Frederico, mas sem saber se contemplava um herói ou um louco.